

REVISTA EDIÇÃO Nº 110 | AGOSTO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Distribuição Gratuita

**ENTREVISTA
EXCLUSIVA
COM**

Beth Goulart

ATRIZ, ESCRITORA, DRAMATURGA E PALESTRANTE

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Beth Goulart - Foto: Adriana Lima



6

Elizabeth Miessa (Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1961), mais conhecida pelo nome artístico Beth Goulart, é uma atriz, palestrante, escritora, cantora e dramaturga brasileira. Confira entrevista exclusiva que o nosso editor fez na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



EDIÇÃO 110

Expediente, pág. 02
Editorial, pág. 04
Entrevista com Beth Goulart, pág. 06
Poema: Escute Coração!, por Sellma Luanny, pág. 14
Histórias que viram livros que viram filmes que tocam vidas, por Isa Oliveira, pág. 15
Poema: Café da noite, por Bert Jr., pág. 19
O amor verdadeiro não é passageiro, mas pode ser um passageiro..., por Clarissa Machado, pág. 20
Poema: Meu livro infantil, por Valério Maronni, pág. 26
Poema: O último chamado, por Fauno Mendonça, pág. 28
Poema: Por enquanto, por Valério Maronni, pág. 30
Ensaio: Downton Abbey, um tipo de sociedade em declínio? - Análise de uma sociedade onde a Aristocracia e a Monarquia prevaleciam como força Social Política e Econômica, por Luciene Guisone, pág. 32
Dicas para leitura, pág. 46
Poema: Do agora!, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 47
Poema: Penúltimo rascunho, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 50
Poema: Adolescer, por Janete Santos Silva, pág. 52
Minicontos, por Flavio Joppert, pág. 55
Poema: Fluir das horas, por Marco Antônio Frozi Filho, pág. 62
Entrevista com Geny Vilas-Novas, pág. 63
Entrevista com Dr. Jorge Guedes, pág. 67
Entrevista com Fabrício Cardoso, pág. 71
Entrevista com Gabriel Casagrande, pág. 78
Entrevista com Mayra Matuck Sarak, pág. 84
Citações de grandes autores, pág. 93
Conto: Jornal em São Camilo da Maré, por Ademir Pascale, pág. 97
Conto: Termos precisos, por Bert Jr., pág. 107
Conto: Passos para o cosmos - Um dia - Parte X, por Sellma Luanny, pág. 113
Conto: A mão, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 118
Conto: Soledade, 1986, por Luiz F. Haiml, pág. 123
Conto: Paulo e Regina, por Marco Paulo Alves Ferreira, pág. 129
Conto: Velhaco, por Idicampos, pág. 134
Conto: O missionário, por Roberto Schima, pág. 138
Conto: Na horta, por Iraci J. Marin, pág. 147
Conto: Noite de Cachorromem, por Ney Alencar, pág. 150
Conto: As três moças, por Mí Santiago, pág. 154
Conto: A festa de São João, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 157
Passatempo, pág. 161
Mídia Kit, pág. 163
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 164



ÍNDICE

CONTEÚDO



EDITORIAL REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Querido(a) leitor(a)!

Nossa nova edição está megaespecial e destaca Beth Goulart, atriz, palestrante, escritora, cantora e dramaturga brasileira. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ela.

E como sempre, você também poderá conferir excelentes dicas para leitura, entrevistas com escritores, poemas, contos, crônicas e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de setembro/2024: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

MISTÉRIOS

CONTOS E POEMAS



E-BOOK

MISTÉRIOS
Contos e Poemas

saiba mais: [clique aqui](#)

Entrevista exclusiva com Beth Goulart

POR ADEMIR PASCALE

Elizabeth Miessa (Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1961), mais conhecida pelo nome artístico Beth Goulart, é uma atriz, palestrante, escritora, cantora e dramaturga brasileira. No teatro escreveu e protagonizou a peça *Simplesmente Eu, Clarice Lispector*, que lhe rendeu o Prêmio Shell de Melhor Atriz. Atuou em mais de 30 novelas e é autora do livro *Viver é uma arte: transformando a dor em palavras* (2022).



Beth Goulart - Foto: Adriana Lima



Paulo Goulart, Beth Goulart e Nicette Bruno

Revista Conexão Literatura: Filha da atriz Nicette Bruno e do ator Paulo Goulart. Atriz, dramaturga, diretora, palestrante e escritora. Nesse ano de 2024, você celebra 50 anos de carreira. Poderia comentar sobre o seu início como atriz?

Beth Goulart: Eu tive a sorte e o privilégio de estreiar em teatro ao lado de minha mãe e da minha avó, no ano de 1974, no espetáculo “Os efeitos do Raio Gama nas margaridas do campo”. Texto lindo de Paul Zindel, que ganhou o prêmio Pulitzer, ganhou direção de Antônio Abujamra, um grande diretor e mestre. Esse trabalho me abriu muitos horizontes sobre o fazer teatral. Eu pude acompanhar os passos de minha mãe e aprender com ela atitudes de muita dedicação, generosidade e amor ao ofício.

Família de atores

Beth faz parte de uma família de atores, incluindo seus pais Nicette Bruno e Paulo Goulart, sua avó Eleonor Bruno e seus irmãos Paulo Goulart Filho e Bárbara Bruno.

Beth Goulart e Nicette Bruno



Compreendi também, através do seu exemplo, o nosso operariado nas artes. Absorvi cada ensinamento e desenvolvi, ao longo do tempo, a minha própria relação com o Teatro, uma relação construída através de muitas outras experiências, como estudos, pesquisas, escolas e influências de muitos outros. Artistas diferentes e maravilhosos, que me moldaram como a artista que sou, comprometida em servir a humanidade como um instrumento de transformação e autoconhecimento. Aprendi que a cada elenco que se forma uma nova família é criada, que se unifica. Porque fazemos parte de uma grande família teatral que nos irmana pelo amor e a dedicação ao palco, ao templo sagrado do teatro e da liberdade. A sociedade se olha no espelho quando vai ao teatro, por isso temos que desenvolver uma linguagem que fale com a alma do público, para que ele seja tocado pela força de suas emoções e das reflexões vivenciadas pelo poder do coletivo.

Revista Conexão Literatura: Você foi convidada recentemente para o podcast RioBravo, e pude ouvir a sua seguinte frase: "Crescemos mais com as dificuldades", algo que concordo plenamente. Poderia comentar sobre as dificuldades que você passou e que marcaram para conquistar essa carreira consolidada e merecida como atriz e dramaturga?

Beth Goulart: O trabalho do artista no Brasil é sazonal. É difícil, é muito raro termos uma estabilidade de ganhos e de propostas artísticas em continuidade. Temos que ir atrás dos nossos sonhos, dos nossos desejos, para concretizar os projetos um-a-um e, por tudo isso, passamos momentos difíceis ao longo de nossa carreira.

Hoje tenho muito mais estabilidade, por causa de uma carreira que foi construída ao longo dos meus 50 anos de muitas realizações e reconhecimentos da minha trajetória, mas nem sempre foi assim.

Aprendi como é necessário a persistência, a tenacidade, a fé e o entusiasmo para convencer investidores e apoiadores da importância de se fazer arte no Brasil. De como a arte e a cultura são necessários para se construir uma identidade, um pensamento crítico, ampliar a sensibilidade, provocar a compaixão diante das histórias que são apresentadas para o público. Pessoas que precisam aumentar a compreensão sobre os caminhos da humanidade, sobre si mesmo e suas relações. Se escolhermos uma trajetória independente, aí nem se fala, temos que aprender a lidar com todas as dificuldades do caminho e não são poucas num país que não valoriza sua memória e sua história.

Revista Conexão Literatura: Você está muito ligada na área da literatura, atuou em telenovelas baseadas em

livros, como "Éramos seis" (1977) e "O Primo Basílio" (1988), no teatro encarnou a escritora Clarice Lispector, em "Simplesmente Eu, Clarice Lispector" (2009), onde também foi diretora. Você também narrou os audiolivros "O Alquimista"; "O arqueiro"; "Diário de um mago" e "Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei", de Paulo Coelho, tendo também narrado o filme biográfico "Cora Coralina - Todas as Vidas" (2017). Você também é autora do livro "Viver é uma arte: transformando a dor em palavras" (2022). Fale mais sobre essa sua grande paixão ligada aos livros.

Beth Goulart: A literatura sempre foi uma grande paixão. A leitura abriu minha mente para tantos universos, muito ampliou minha visão sobre a vida, sobre a arte, sobre a força das palavras.

Eu tive uma adolescência muito introspectiva. Então, vivia em meu quarto a descoberta do mundo através da literatura e isso se tornou uma necessidade para mim. Tenho uma relação afetiva com meus livros, eu os abraço e beijo, e agradeço a cada um deles os aprendizados que recebi. Faço anotações, releio, gosto do cheiro dos livros, da textura de suas páginas, das ilustrações, admiro grandes edições. Sou muito grata por tudo o que me ensinaram e continuam me ensinando.

Minha profissão já incentiva muito o hábito da leitura, nosso primeiro

material de trabalho são os textos e isso me fez amá-los ainda mais, a reconhecer sua musicalidade, suas intenções, sua sutileza, sua inteligência. Um bom texto é o início para se fazer um bom trabalho como atriz ou diretora. É fundamental.

Comecei a escrever através da dramaturgia, foi através de grandes autores que fui descobrindo e aprendendo a me comunicar por palavras e construções verbais, a compartilhar minhas ideias e sensibilidade criativa, a minha voz literária. E isso me fez amar ainda mais a literatura.



Beth Goulart - Foto: Adriana Lima

A woman with long brown hair, wearing glasses and a striped shirt, is sitting on a brown leather sofa. She is looking towards the camera with a slight smile. The background is a bookshelf filled with books. The image has a dark, moody atmosphere.

“

A LITERATURA SEMPRE FOI UMA GRANDE PAIXÃO. A LEITURA ABRIU MINHA MENTE PARA TANTOS UNIVERSOS, MUITO AMPLIOU MINHA VISÃO SOBRE A VIDA, SOBRE A ARTE, SOBRE A FORÇA DAS PALAVRAS.

BETH GOULART



Revista Conexão Literatura: No teatro você escreveu e protagonizou a peça "Simplesmente Eu, Clarice Lispector", que lhe rendeu o Prêmio Shell de Melhor Atriz. Além de sua excelente atuação, você também possuía traços físicos muito semelhantes aos da Clarice. Fale para nós como foi para você encarnar essa incrível escritora.

Beth Goulart: Foi uma experiência única. Clarice Lispector, além de ser uma mulher extraordinária, uma escritora genial, também era meu ídolo, uma referência para mim. Eu a admirava muito.

Foi um processo muito rico e transformador, um mergulho muito

profundo em seu universo, em sua literatura, em sua história de vida, em suas dores, seus questionamentos, suas angústias e descobertas, em sua solidão. E fui ao longo do processo descobrindo os pontos de ligação entre ela e eu, descobri que quanto mais em mim mesma estava, mais perto dela eu ficava, e a partir daí nos encontramos, no meio do caminho. Um ser híbrido, meio eu meio ela que falava, sentia, andava, ria e chorava diante das reflexões poderosas de seu texto, diante de uma plateia atenta a cada detalhe, que testemunhava essa revelação.

Cada noite era um momento único e mágico de profunda conexão com o silêncio, com o mistério, com a sabedoria de Clarice, falando e ouvindo seus textos tão intensos e profundos. Era como se olhasse no espelho e me visse por dentro, uma alma transparente diante de uma epifania. Já não era mais uma ou outra, éramos uma e outra ao mesmo tempo, éramos nós, uma dupla de almas irmanadas em conexão e respeito, em aleluia e êxtase.

Revista Conexão Literatura: Você era próxima e tinha uma grande relação com a escritora Nélide Piñon, que morreu no final de 2022. Fale mais sobre essa sua relação com essa grande escritora.

Beth Goulart: Conheci Nélide Piñon no começo de 2020, quando ela ofereceu,

para mim e a minha mãe, um almoço na casa de Roberto Halbouti. Foi um encontro delicioso e resolvi então retribuir, fazendo também um almoço em minha casa para ela e seus amigos. Isso nos aproximou mais ainda.

Pude compartilhar de sua companhia tão agradável e de sua verve, ela era uma grande oradora e conversar com Nélida era uma aula, ela sabia de tudo, se interessava por tudo, tinha um espírito livre e sábio. Foi inesquecível. No final de 2020 minha mãe foi acometida pela Covid 19 e como eu era a interlocutora para dar informações sobre a saúde dela, isso acabou me aproximando mais de Nélida. Nos vinte e um dias fatídicos do sofrimento de minha mãe, Nélida se aproximou muito de mim, para saber notícias. No dia 20 de dezembro de 2020 minha mãe partiu. Nélida foi muito amorosa comigo, ela me abraçou e me acolheu para que pudesse suportar essa perda tão profunda e intensa.

Perder a mãe é muito doloroso, é muito difícil, morremos um pouco também. Esta perda gerou um livro "Viver é uma arte: Transformando a dor em palavras", um depoimento sobre essas sensações e transformações que a morte nos faz sentir diante da vida. Convidei Nélida Piñon para fazer o prefácio e ela aceitou. De certa forma Nélida se tornou minha madrinha literária, porque acabou me apresentando como escritora ao mundo, o que muito me honra e estimula a continuar

escrevendo. Jamais esquecerei esse abraço em palavras e ações num momento de profunda dor.

Revista Conexão Literatura: Você é diretora do espetáculo "Ser Artista" (2024), baseado no livro homônimo de Marcus Montenegro, uma homenagem a dez grandes atrizes do teatro brasileiro, sendo que sua mãe, Nicette Bruno, é uma das atrizes homenageadas no espetáculo. Poderia comentar?

Beth Goulart: Este espetáculo é uma grande homenagem ao teatro e algumas de suas grandes divas. Inspirado no livro "Ser Artista" de Marcus Montenegro, com adaptação para o teatro de Regiana Antonini, o espetáculo relembra ao público cada uma delas, através de seus depoimentos em vídeo, releitura em cena de seus trabalhos e a reprodução de seus pensamentos.

As novas gerações precisam de referências e estas atrizes que foram as nossas grandes referências, nos lembram da necessidade de dedicação e estudo para se tornar um ator, da preparação incessante que um espetáculo nos pede, da paixão e dos sonhos que alavancaram suas brilhantes carreiras, quando concretizaram desafios em vitórias.

A estrutura do espetáculo se dá através da relação do personagem de Marcus Montenegro, representado pelo ator Anderson Müller, um

profundo admirador da arte e dos artistas que se transforma num grande produtor, que trabalha e convive com todas que são retratadas no espetáculo: Nathália Timberg, Bibi Ferreira, Marília Pêra, Rosa Maria Murtinho, Tônia Carrero, Irene Ravache, Zezé Motta, Eva Wilma, Camila Amado e Nicette Bruno, que são vivenciadas lindamente no palco pela atriz Leona Cavalli.

É muito emocionante rever cada uma delas – opiniões, ensinamentos, exemplos, inteligência, humor, sabedoria, o brilho inesquecível e atemporal de cada uma. É um grande convite a entrar no mundo das artes e descobrir a humanidade que existe por trás de cada artista. O espetáculo propõe ao público a oportunidade de conhecer um pouco mais de cada uma dessas atrizes e que venham a enxergar em Leona todas essas mulheres. É uma declaração de amor ao teatro! Para mim, especialmente, foi uma alegria poder homenagear publicamente minha mãe através de seu maravilhoso talento e de sua iluminada espiritualidade.

Revista Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Beth Goulart: Creio que o número de leitores no Brasil poderia ser muito maior do que é, pois a leitura deveria ser uma necessidade, um alimento para a alma, um tempo que dedicamos para aprimorar nossas ideias, ampliar



nosso olhar para o mundo, a vida e a humanidade. E isso começa na educação, em casa e na escola.

No Brasil ainda falta o hábito cultural de ler, assim como de ir ao teatro, ao cinema, visitar um museu, ver uma apresentação de dança, ir a shows e ver concertos de música. Ainda falta ao brasileiro essa relação direta com a arte, como uma necessidade, e não algo supérfluo, que pode ser descartado de nossa vida.

Em contra partida, tenho observado um aumento considerável de público jovem na Bienal de Literatura do Rio de Janeiro e de São Paulo, assim como nas Feiras Literárias, o que alimenta a nossa esperança de que a leitura esteja se fortalecendo entre a população de maneira geral. A leitura é nosso passaporte para a liberdade.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Beth Goulart: Sim, o lançamento de um novo livro que está sendo finalizado.

Perguntas rápidas:

Um livro: “A eternidade e o desejo”, de Inês Pedrosa.

Um ator ou atriz: Cate Blanchett, sempre brilhante.

Um filme: “O Curioso caso de Benjamin Button”.

Um hobby: caminhar e dançar.

Um dia especial: adoro aniversários.



Estreia de Beth Goulart no teatro - Foto do livro: Viver é uma arte

SIGA BETH GOULART NO INSTAGRAM:

@bethgoulartoficial

Escute, Coração!

Por Sellma Luanny

Pelo bem, pelo mal, ou neutralidade...
escute, coração: com ou sem méritos,
quem ainda manda sou eu, a razão.

Pode por sentimentalismo deixar-se
abalar... mas não desande... porque
o baile, a razão precisa comandar.

E é isso... tudo que você, coração, sente,
por tudo que sofrer possa, paciência...
no final, vou compor no ritmo certo.



Brasileira e Médica Anátomo-
Patologista, Sellma Luanny são
prenomes e um dos pseudônimos da
autora. Publicou três livros de
poesia de sua autoria (Poemas
Matizados, Julieta Serei Eu e
Lilases) e participou em duas
antologias - em papel. "Menção
Honrosa" com o poema "Os Celtas E
Eu" no Concurso de Poesia Céltica
2022; "Menção Honrosa" com o
poema "Pelos Povos" no I Concurso
de Poesia Pagã 2023. Tem
participado de antologias em e-
books editados pela Revista
Conexão Literatura e em edições
mensais desta revista. No
YouTube, canal Sellma Batalha,
tem lançado sua obra, incluindo o
livro "Tributo A Você, Mãe" (com
versão em Inglês).



HISTÓRIAS



**QUE VIRAM LIVROS QUE
VIRAM FILMES QUE
TOCAM VIDAS**



POR ISA OLIVEIRA

Um desses projetos foi o da escrita de um roteiro para um longa-metragem e pude realizar o velho sonho de adaptar o meu primeiro livro, *Elogio à loucura* para o cinema, resultando no roteiro para um filme que se chamará *Manual das Borboletas*.

Muitos filmes que assistimos são oriundos de livros e nem sempre sabemos disso. Às vezes, um produtor lê o livro e encomenda um roteiro, outras vezes, um roteirista ou uma agência compram os direitos autorais de um livro e o transformam em filme. E há os casos dos próprios autores que batalham para transformar as suas obras em audiovisuais.

Durante as pesquisas para a escrita do roteiro, tive contato com vários livros que se tornaram filmes, estando entre os meus preferidos o aclamado *A cor púrpura*, dirigido por Steven Spielberg, em 1985, baseado na obra homônima da escritora norte americana Alice Walker. E *O meu pé de laranja lima*, do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos, com o maior número de adaptações do país: três novelas (1970, TV Tupi; 1980 e 1998, Rede Bandeirantes), e dois filmes (1970 e 2012), além de adaptações também para o teatro.

Quando um autor escreve um conto, um romance, ele cria um filme em sua cabeça e, quando o texto é lido, isso se repete, com uma infinidade de “filmes” se desenvolvendo na imaginação de cada leitor.

O autor cria as imagens e a traduz em palavras e o leitor decodifica essas palavras em novas imagens. Essa é a magia da literatura. E, quando um livro vira filme, as imagens já veem prontas, para que todos as vejam da mesma forma, esse é o diferencial do cinema.

É claro que são universos, linguagens e tempos muito diferentes, mas, essa transformação é um desafio e um deleite para quem o produz.

Foi uma experiência fascinante recriar a história escrita em 1999 com uma distância de 25 anos. Muitas coisas mudaram nessas duas décadas e meia. Recebi sugestões para “modernizar” a trama, ou seja, adequá-la aos dias atuais. No entanto, optei por manter a narrativa na mesma época e com os mesmos elementos, porque com celular, internet e redes sociais a história seria outra.

Eu tinha a opção de começar um roteiro do zero, uma história nova, diferente, ou até mesmo adaptar o livro de outro autor. No entanto, ver o *Elogio à loucura* nas telas sempre foi um sonho muito caro ao meu coração.

O enredo do livro tem como pano de fundo um assunto que muita gente prefere não falar a respeito: o câncer, mas, a essência da obra é o reencontro consigo mesmo e as respostas a várias dúvidas existenciais.

A partir de agora, se inicia uma nova etapa: encontrar quem produza o filme. Mas, sonhar é um dom que possuímos e faz parte do meu sonho que ele seja produzido e dirigido por alguém que possa transformá-lo em uma maravilhosa experiência sensorial.

E para sonhar bem sonhado, é claro que já coloco, por conta, alguns atores para protagonizarem o filme. O grande desejo é ter a nossa querida Beth Goulart como a Dulce jovem, ou até mesmo na interpretação das duas fases da personagem e o Reinaldo Gianechini como o filho Carlos Alberto. Para o papel de Anselmo, gostaria de ter Camilo Brunelli, um ator menos conhecido, mas, igualmente talentoso.

O três conhecem a obra original, o que já é um passo dentro de meus devaneios de autora com uma longa estrada a percorrer. Pode ser um desejo alto demais? Pode, mas, como diz a música tão maravilhosamente interpretada por Maria Bethânia, *“sonhar mais um sonho impossível, lutar quando é fácil ceder”* é *“voar num limite improvável”*. *“E, assim, seja lá como for, vai ter fim a infinita aflição, e o mundo vai ver uma flor brotar do impossível chão”*.

Para isso, eu dei o meu melhor nesse projeto e ousou acreditar que o sonho se tornará realidade, para que esse livro faça parte das histórias que viram livros que viram filmes que tocam vidas...



Natural de Monte Alto/SP, **Isa Oliveira** é formada em Letras pela USP e pós-graduada em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac/SP. É autora dos livros *Elogio à loucura*, romance; *O chapéu de Alberto*, contos; e *Trópico de Capricórnio*, contos (em edição). Produziu e dirigiu o curta-metragem *O Elogio da Loucura*: <https://www.youtube.com/watch?v=vSozCTfhbmU&t=21s> e o documentário *Fevereiro, quando nasceu a saudade* (co-direção): https://www.youtube.com/watch?v=qLySY_KGoA8&t=920s.

20
24

YOUTUBE

LITERATURA,
CURIOSIDADES E
MISTÉRIOS



● NOVOS VÍDEOS NO CANAL

CONEXÃO

NERD

www.youtube.com/conexaonerd

APRESENTADO
POR ADEMIR PASCALE

CAFÉ DA NOITE

POR BERT JR.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Como diplomata, tem vivido em diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, e um de crônicas humorísticas. Antes do fim do riso é seu romance de estreia (Oito e Meio, 2024). Colabora mensalmente com a revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior.

Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.

Me fundo com a pele escura
empoçada na xícara
metáfora material
de um ideal ingerível
combustível de manter sonhos vivos
(os que fazem alargar a vida)

não que não seja ordinário
mover-se em contrário sentido
tomando o líquido expresso
com o fito de acelerar séculos

e não que não seja possível

ler na xícara a sorte

(ou desta o corte)

e entre dedos brindar

ao que hoje murmura

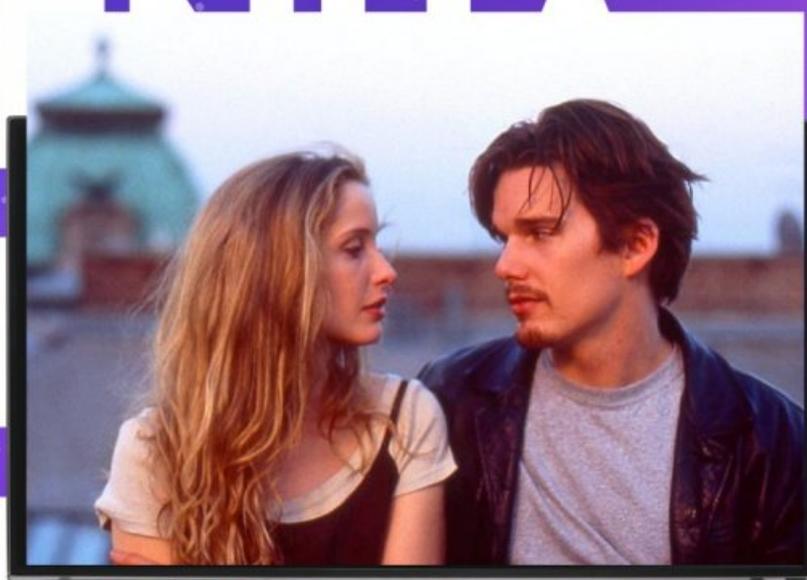
e amanhã ressoará





Por Clarissa Machado

**O amor
verdadeiro
não é
passageiro,
mas pode
ser um
passageiro...**



Todos os dias, no mundo inteiro, as pessoas usam algum meio de transporte para se locomover. Algumas delas, em meio ao trajeto, encontram um destino inesperado: o amor verdadeiro. Eu sei. Isso é coisa de filme. E é mesmo. Entretanto, todos nós sabemos que já aconteceu com muita gente. Gente como você e eu. E, no final, isso, de encontrar a alma gêmea, assim, de repente sentado na poltrona de um ônibus, de um trem, de um metrô, de um barco ou de um avião, talvez seja a coisa mais normal do mundo. A questão é: será que, acontecendo conosco, iríamos saber?

Celine e James foram rápidos o bastante, ainda que igualmente relutantes, nessa peculiar identificação. *Antes do amanhecer* nos oferece um rico panorama de como um encontro entre almas gêmeas ocorre quando menos se espera e no interior de um trem, o que nas palavras do protagonista é “a poesia da vida diária”. Com contornos de contos de fadas, o filme trabalha o conceito “ontem estranhos, hoje, inseparáveis almas gêmeas”, uma prévia do que está por vir. Mas como aconteceu, afinal? Como Celine notou James (que disse que ela poderia chamá-lo de Jesse)? Bom, na verdade, foi ele que a notou. Foi ele que olhou para ela primeiro. Deixe-me relatar do início como foi que eles se apaixonaram, com a ressalva de que naquele então, eles não faziam a menor ideia de que estavam se apaixonando. Enquanto nós, queridos amigos, nos apaixonamos só de acompanhar como eles se apaixonaram (e quem já se apaixonou assim... vai se apaixonar de novo).

“Se há algum tipo de mágica neste mundo, ela está na tentativa de entender e compartilhar algo quase impossível.”

Sabem como é, ao longo do dia, as pessoas precisam fazer suas coisas, trabalhar, estudar, passear; não importa, as pessoas todas têm seus afazeres. Agora, imaginem um 16 de junho, em um trem, mais um dia normal para tantas pessoas, cada uma delas com seus problemas, pensamentos e situações. Imaginem dentre estas pessoas, duas, uma mulher e um homem, ambos com roupas simples, tênis e cabelos sem nenhum penteado especial (aliás, os cabelos dele estavam sujos). Pois esses dois tipos tão comuns são os nossos personagens. Celine aparece primeiro para nós, e eu imagino que isso representa, em certa medida, a visão de James. Ela estava sentada à direita, inicialmente na poltrona do corredor e depois passou para a da janela, vestida com uma roupa marrom, com os cabelos soltos e um livro nas mãos. Ele, com roupas mais despojadas, estava em uma poltrona à janela, porém do lado esquerdo. Perceberam o simbolismo? Eles estavam em lados opostos. Ela, à direita; ele, à esquerda. Pequenos detalhes que nos dizem muito.

Acompanhem a dinâmica: ele olha para ela, ela percebe, ela olha para ele, ele esboça um sorriso, ela sorri sem querer, ele fala com ela, ela fala com ele, eles começam a conversar e rir. Eles comentam vários assuntos aleatórios: livros, poesia, idiomas, os lugares onde nasceram, para onde estão indo, família e sonhos. Esse é o ponto-chave número um para que a gente possa analisar que, ao contrário do que normalmente se acredita, almas gêmeas não são pessoas idênticas, com temperamentos parecidos. É o oposto, e daí, talvez por isso, a máxima “os opostos se atraem”. Vejamos o caso dos nossos queridos personagens: Céline é mais racional, séria, pé no chão, fria, um tanto fatalista, com um discurso que beira à rebeldia. Ela encarna muito bem o arquétipo

literário do mago, o que justifica a sua necessidade de transformar situações e seu apego por coisas mágicas. James é mais emocional, imaginativo, sensível, piadista, bem mais otimista e espiritualizado. É ele quem fala da beleza do dia-a-dia, e assim notamos que ele incorpora o arquétipo literário do sonhador, razão pela qual, tantas vezes, seu comportamento nos remete ao Dom Quixote, de Cervantes. Pintem esse quadro, amigos: de um lado, uma jovem que se preocupa com a guerra no país vizinho, que se incomoda em saber que as pessoas estão morrendo e ninguém faz nada a respeito; e de outro, ele, um jovem que discorre sobre vidas passadas e reencarnação. Que personalidades tão distintas...

Ela: tudo me deixa brava!

Ele: a vida parece o ensaio de uma peça de teatro do ginásio.

Ela: eu sempre me imagino como uma velhinha.

Ele: eu sempre me imagino como um garoto de 13 anos.

O longa segue com conversas entremeadas por diferentes momentos, desde a descida do trem e do ônibus até caminhadas pelas ruas da cidade; e, ainda, e não menos importante, por interessantes instantes de silêncio. Eu diria que este é um segundo ponto-chave: eles se escutam, uma escuta generosa e respeitosa, ainda que vez por outra, uma brincadeirinha sarcástica venha a surgir, até mesmo porque neste ponto da trama já temos assuntos mais pessoais. O amor, como era aguardado, surge com um beijo e algumas reflexões chocantes tais como por quê os relacionamentos entre casais estão cheios de mentiras e, que talvez, nem existam casais realmente felizes. James, levanta ainda duas questões bastante sérias para quem é o brincalhão da dupla: projeção e decepção. Ambos, falam sobre o que pensam em um tom suave e quase confessional:

Ela: eu me sinto um General sempre que começo a namorar, planejo estratégias e manobras para conhecer os pontos fracos, o que magoa e o que seduz.

Ele: sonho em ser um bom pai e um bom marido, sinto isso muito forte. Mas há um momento em que tudo isso parece tão bobo, como se isso pudesse estragar minha vida inteira... se eu for bem honesto comigo mesmo, eu prefiro morrer sabendo que fui bom numa determinada coisa e que me superei de alguma maneira do que simplesmente ter vivido um relacionamento medíocre.

A história avança com mais diálogos, risadas, silêncios e considerações sobre o amor e a vida. Em suas andanças naquele primeiro único dia, eles encontram figuras pouco previsíveis como uma dupla de atores, uma cigana, um poeta e uma dançarina do ventre. Apesar disto, a gente sente que tudo gira em torno deles. São apenas eles dois, ninguém mais se junta a eles no percurso. São os dois pelas ruas, pelos cafés, pelos parques e pelas lojas. Coincidindo com a nossa impressão de espectador, eles dizem:

Ele: parece que estamos em um mundo de sonhos, sabe?

Ela: é estranho. Parece que esse momento juntos é só nosso, que é criação nossa. Você entrou nos meus sonhos, e eu, nos seus.

Ele: o mais legal é que todo esse tempo juntos, oficialmente, não devia estar acontecendo.

Ela: sim, eu sei e é, por isso, que parece um sonho.

Tá, mas e o que eles pensam um do outro? Ora, isso não é segredo pra ninguém. Eles mesmos revelam:

“A história que ele me contou sobre a avó dele me encantou e eu caí na armadilha. Ele é meio alto e um pouco desajeitado... estou gostando cada vez mais dele. Mas ele deve estar com medo de mim por causa da história de assassinato que eu escrevi e ele deve estar morrendo de medo achando que eu sou uma megera manipuladora.”

“Estou louco por ela. E acho que vai dar certo. Eu estou nas nuvens. Eu conheci uma garota no trem e ela é um anjo de Sandro Botticelli. Ela é super inteligente, apaixonada e bonita. E eu estou tão inseguro que tudo o que eu falo parece idiota.”

Como vocês já devem ter ouvido por aí, meus amigos, tudo o que é bom dura pouco...

Ela: quando amanhecer a gente vai virar abóbora... Então nesse momento, você vai ter de pegar o sapatinho de cristal e ver se serve em mim.

Ele: vai servir!

Lamentavelmente, como nos contos e na vida, o par perfeito tem de se separar. Todavia, se afastar de alguém por quem a gente sentiu uma profunda e inexplicável conexão não é nada fácil. O que fazer? Escrever o telefone em um caderno ou pedaço de papel? James decidiu fazer algo a respeito e arriscar, afinal quem não arrisca não petisca! Como ele tinha de descer antes dela, propôs que ela fosse com ele e assim poderiam conversar mais. Celine, mesmo sem conhecê-lo, aceitou - que perigo!! É que bizarro porque por alguma razão a gente chega a ficar na torcida por um pedido de casamento, especialmente após ele declamar um poema de W.H.Auden, que versa sobre o amor não ter fim: /"Os anos correrão como coelhos,/ Pois em meus braços eu seguro / A Flor dos Séculos, / E o primeiro amor do mundo." Contudo, como diz o poema... "Já era tarde, tarde da noite, os amantes se foram." Sim... Chegara a hora de partir. Cada um seguiria seu caminho, e se afastariam, estariam separados e não manteriam contato! Oi? Não, não é possível que a história acabe assim? Sim e não. Como vocês sabem, tudo o que é bom vale a pena ver de novo. Tem reprise. E o coro pede bis. Mas agora a história seria diferente. Agora tudo aconteceria dali seis meses, em 16 de dezembro. *Antes do pôr-do-sol*. Serâ?

Não foi difícil observar que havia diferenças entre eles: a família dela era o oposto da dele e ela tinha uma condição financeira melhor do que ele. Ocorre que agora, como acontece na nossa vida, tudo mudou e parece estar de ponta a cabeça. Jesse é um homem casado, pai de família, com uma vida estável e bem-sucedida. Ele é um escritor best-seller em turnê pela Europa. Celine, por sua vez, está solteira e vive com um gato chamado Che. Ela não tem emprego fixo, apesar de já ter trabalhado para o governo e ter estado em diferentes lugares realizando algum trabalho, boa parte deles voluntário; à propósito, no momento ela trabalha para a Cruz Verde. Nove anos se passaram. É, eles não se

encontraram naquele 16 de dezembro. Jesse estava lá. Celine não compareceu. Se já vimos isso em algum lugar? Vimos sim, em *Tarde Demais Para Esquecer* (1957), lembram?

Celine graduou-se em Ciências Políticas e entre 1996 e 1999 deixou Paris e foi morar em Nova Iorque. Em 1998, Jesse mudou-se para Nova Iorque. Se eles se esbarraram? Não, meus amigos, foi como na vida real... tão perto, tão longe... Contudo, ele teve a impressão de tê-la visto em uma esquina no dia de seu casamento. Como ele não conseguia parar de pensar nela, porque nunca conseguiu desde que a conheceu, achou que era coisa da cabeça dele.

*“Se você não acredita em magia ou em mistério, isso é o mesmo que estar morto.**”*

O autor de romances James Wallace, o nosso Jesse, foi a Paris para o lançamento de seu mais novo livro e então, eis que Celine apareceu. Ele havia previsto que isso poderia acontecer, obviamente, como qualquer um de nós o faria; mas, certeza absoluta ele não tinha. E então, lá estavam eles dois novamente, *tête-à-tête*, um pouco diferentes, porém ainda os mesmos: ela pensando em Direitos Humanos e Artes, e ele, em eternidade e vidas passadas. E, sim, os dois nutrindo os mesmos sentimentos, como se o tempo não tivesse passado (clichê, mas real).

“A lembrança é uma coisa maravilhosa...Podemos mudar as nossas lembranças sobre 16 de dezembro porque a lembrança de não ter se visto mais, já não existirá...”

Temos outra vez, ainda que não em perfeito *déjà-vu*, cenas belíssimas repletas de diálogos e silêncios, em que ambos apresentam um nível de maturidade e intensidade discursiva maior do que antes. E nisso, descobrimos alguns segredinhos que eles guardavam entre eles, que decerto, a gente já desconfiava. *Yes!!*

“Eu não te esqueci e isso me irrita.”

“Esse era o nosso destino.”

E como vocês já sabem, tudo o que é bom vale sim a pena ver de novo. Tem sim reprise. E o gargarejo pede “mais um”. Ah, mas a história ficou muito complicada. James é um homem casado que ama seu filho e quer ser um bom pai. Entretanto... ele sabe que a mulher de sua vida é Celine. Sim, todos nós sabemos... situação estranha e difícil. Um dilema que ele traz à tona, nas palavras dele, um pesadelo: o de se deitar ao lado de uma mulher e sonhar com outra (culpa de Morfeu. Ou das Moiras...) O que fazer? Nina Simone que os ajude, porque é ela quem dá o recado: *“você me encontrou na hora certa”****. Por falar em hora, Jesse precisa pegar o avião para voltar para casa. É hora de ir embora. Será? *Antes da meia-noite* (2013) descobrimos e, de novo 9 anos depois, não por acaso, 9 simboliza encerramento de ciclos e recomeço. Recomeço? Isso significa que...

Não posso nem de longe pensar em como foi para quem acompanhou a trilogia pelo cinema... 9 anos de intervalo é uma vida! E o objetivo parece ter sido esse mesmo, a passagem real do tempo (por isso foram mantidos os mesmos atores), uma passagem de tempo que a gente sente na pele, na carne, nas tripas: a história de um amor visceral, real,

atemporal, inevitável e invencível. Um roteiro brilhante e uma ode ao amor eterno. Não, amigos, não comentarei nada mais e muito menos sobre o último ato pelo simples fato de que não quero quebrar a magia (tão exaltada pela nossa Celine). Sem mais *spoilers*...

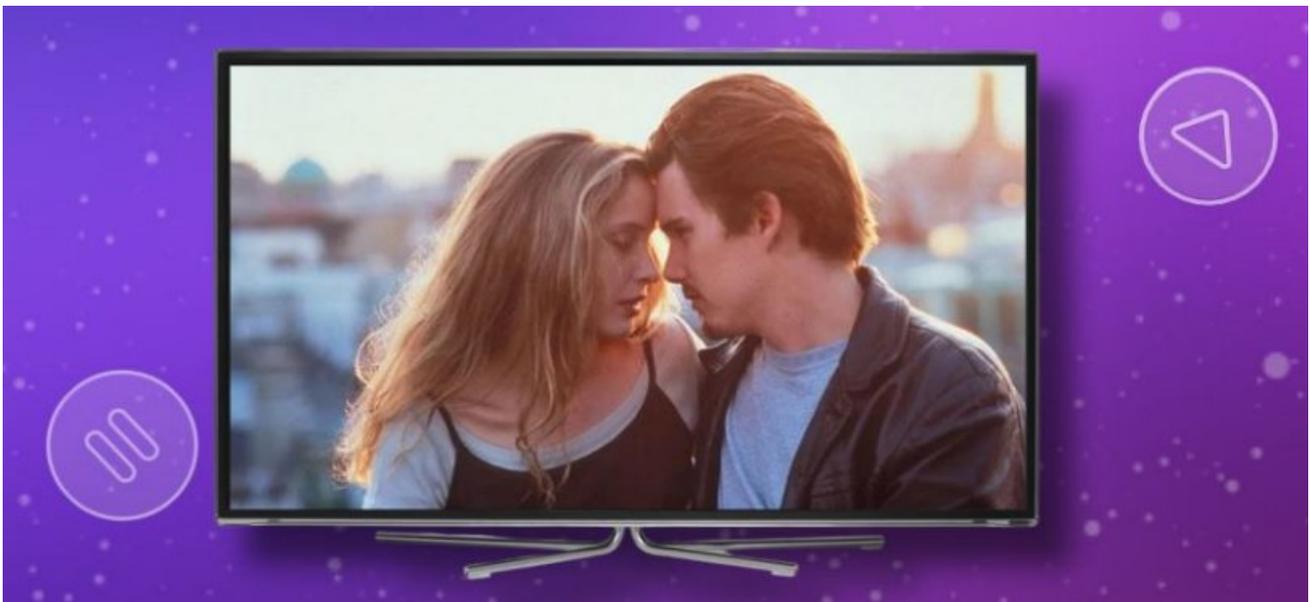
“Não somos reais. Somos personagens.”

NOTAS DA AUTORA: as citações contidas neste texto são parte integrante do roteiro da trilogia: *Before Sunrise* (1995), *Before Sunset* (2004) e *Before Midnight* (2013).

*poema-canção “As I Walked Out One Evening” (Tendo eu saído uma noite), de W.H.Auden, 1937.

** frase atribuída a *Albert Einstein*, citada por *Celine*.

*** “Just in time you found me just in time”- trecho da canção “Just in Time” composta por Jule Styne, Betty Comden e Adolph Green, interpretada e tocada por Nina Simone, 1962.



SOBRE A AUTORA: **Clarissa Xavier Machado**, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

MEU LIVRO INFANTIL

Por Valério Maronni

eu estava à procura de leituras
para me aventurar nas artes
queria brincar de fazer letras
jogar palavras às alturas
para boiar no lago adiante
o poema do eu menino contador
a rima era feita de alegria
naquela tona radiante
vinda das águas do moinho
onde entravam lápis de cor
e saíam versos molhadinhos
com as cores do recreio
o barquinho de papel
dobras e dobras ao meio
solto na enxurrada de mel
me deixava ver o que ainda creio
tinha uma pipa que espichava
uma abençoada frase pelo ar
a bola quicava a pontilhar
os pingos sobre as letras i
no livre pátio da escola
com biblioteca de sorrir
a bicicleta amava as trilhas
das poesias e ferrovias
juntava vírgulas e milhas
saltava os pontos e cancelas
me encontrava pela manhã
para jogar bola na contracapa
com amigos e a vida bela
a oração minha leitora
subia e descia montanhas

de revistas em quadrinhos
vindas da casa da escritora
antes do badalar de um sino
deixava rastros de romances
suspirados por eu menino
que rascunhava em livros
histórias de gente brilhante
a carreta de rolimãs
me levava a fazer viagens
tipografava nas calçadas
meus versos de saudades
de um campeonato em edição
que corria contra o tempo
de deixar de ser criança
nos túneis do coração
tinha amizade com os números
das notas dos rodapés
e do índice bastante só
onde colecionava bolas de gude
misturadas às letras ó
vamos jogar botão?
tampas vindas do relojoeiro
uniam as prosas da inocência
com a massa de modelar
ajustava as margens do rio
para nadar em sonetos
sonhar nado borboleta
para pousar nos ombros
das lavadeiras pedra de anil
os canários cosiam seus ninhos
usavam as agulhas do palheiro
escreviam lar doce lar

com os fios secos de capim
deitados para marcar livros
que voavam com o vento
das cordilheiras sem fim
o barbante puxava o carrinho
na página feita de terra
sua caçamba cheia de alfabeto
carregava minúsculas vogais
que davam mãos às professoras
que escreviam com carinho
a cartilha a céu aberto
o dicionário pequenino
me via descobrir literatura
no caderno de caligrafia
e nos sonhos do eu menino
ia passear nas aventuras
com os autores que eu lia
nas estrofes do meu lar
rodava o sereno pião
girava o saco de consoantes
antes do pique-leitura
no centro da brisa charmosa
depois de pescar imaginação
no riacho de ideias vespertinas
nunca escritas como antes
na veia da aldeia pequenina
de uma lenda grandiosa
molhava a varinha nas sílabas
caprichava na pontuação
e rabiscava pela cidade
a poesia de uma infância
com versos de felicidade

Valério Maronni infantilizou-se em Carangola, MG. Publicou *O menino contador* pela Amazon KDP e UICLAP. Criou os blogs *julianavrsempoluição* e *o-contografista*. Participou de coletâneas das editoras Pangeia, Andross, Sinete e Perse. Publicou nas revistas *Subtextos*, *Conexão Literatura* e *LiteraLivre*.





Dr. Jorge Guedes
NEUROPSICANÁLISE

Dr. Jorge Guedes

Psicanalista

Áreas de Atuação:

Psicanalista
Psicoterapeuta
Homeopata Naturalista

Credenciais:

ITR - 19.066 Registro Internacional de
Terapeuta- Psicanalista e Psicoterapia

CONAHOM - 1709 Conselho Nacional de
Homeopatia

Redes Sociais:



@psic_quantica



Dr. Jorge Guedes Neuropsicanálise

Informações e agendamentos:



Av. Antônio Carlos Magalhães, 846 - Ed. Max
Center - Sala 321, Salvador, Bahia, CEP 41.825-900



71 9 9704-2503



**38 anos de
experiência**



**Brasil, Portugal,
Alemanha e França**



**Atendimentos
personalizados:
Online e presencial**

Visite o site

www.drjorgeguedes.com.br

O ÚLTIMO CHAMADO

Por Fauno Mendonça

Não se sabe quando tudo se tornará distante do trivial nem quando os sentidos não mais serão percebidos. E ao chegar o tempo de partir, não se saberá qual o caminho que doravante será traçado, mas com certeza suas curvas e retas não serão assemelhadas às conhecidas.

A passagem para deixar tudo para trás não tem preço para ser refutada nem se pode comprá-la. Ela é uma doação, talvez, uma dádiva, uma dívida que se tem com o universo.

De qualquer forma, trata-se de uma passagem obrigatória para ir sem se despedir e não mais voltar nem olhar para trás. Não será um mero chamado, mas o último chamado na estação da vida. Parece um chamado perverso, mas não se pode adjetivar essa convocação, portanto, como qualificar algo que não se conhece?

Como temer a noite se o dia, com seu brilho, sempre renova a existência e permite que a escuridão novamente impere para que todos possam saber que a luz brotará no amanhã?

É... Não sei se o temor da morte corrompe a coragem, mas sei que o passamento

é inexorável. Assim, cada brisa de vento deve valer a pena e ser contemplada como se fosse o último beijo a ser recebido.

Ir para o incógnito não parece tão recreativo como adentrar em túnel escuro de um parque de diversão; poder brincar com o medo e exaltar a euforia infantil para dizer que viver é bom.

Por isso, aqueles gritos pueris devem ser dados a todo instante para asseverar ao mundo que enquanto existir vida deverá haver alegria. Só assim, quando a luz apagar e a escuridão tomar vulto, poderá dizer que o aprendizado foi útil no enfrentamento do desconhecido.

Esse texto é parte integrante do livro "Ao Norte do Silêncio", do autor Fauno Mendonça



Sobre o autor

Fauno Mendonça, brasileiro, nascido em agosto de 1968, foi advogado e atualmente trabalha no Poder Judiciário. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Bragof", "D. e o Procurador", "Encontre-se" e "Ao Norte do Silêncio".

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO, NÓS FAZEMOS ISSO PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE 900 MIL
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI ←

www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR ENQUANTO

POR VALÉRIO MARONNI

do pé da serra eu via a ilha
a de número oito entre as trezentas e sessenta e cinco
formada por m3 organizados de água gasosa
cercada por todos os lados
por terra fertilizada para plantar cercas
que por detrás um bicho de Orwell urrava
para assustar o grande lambari branco
camuflado pelo grito da revolução
enquanto pessoas recicláveis
boiavam dentro de lixeiras verdes amarelas
que superpopulavam a ilha
logo ali pelo meio da serra
eu via a floresta emotiva
povoada por angelins-vermelhos
com troncos de vidro
que permitiam ver a quilômetros o pantanal da
Marruá
extraíam da terra um calor platônico
para embaçar as lentes do James Webb
que registrava o abraço fraterno da foice
que aparava a base das nuvens
enquanto a embarcação naufragava em um banco
de areia
no pântano retangular do verão paraense
já quase no alto da serra eu via todo o mar
saturado de sódio e de ódio 3.0
com águas montanhosas como as dunas
de um deserto que roubava as areias da orla
a luz solar era filtrada pela atmosfera azul
coloria em celeste o triplo hidrogênio da água
desde a superfície seca de embarcações

aos tubarões de Benchley
tão profundos e afogados de escuridão
enquanto petroleiros passavam protetor solar nas
plataformas
ainda da serra eu via um campo de pouso
sujeito a interferências dos radares do Galeão
eram discos com músicas progressivas
afirmava Däniken ser um corpo sideral
a paisagem verde imitava um rosto afunilado
que abduzia toda a serra
e deixava para trás as amostras de DNA
queriam entender o atraso mental dos minerais
que compunham a tabela periódica rica em nióbio
enquanto as cachoeiras roubadas da serra
descobriam água nas crateras de Marte
sereno e vistoso o Everest me via
eu balançava na rede neural da diplomacia
eu amargava as questões que davam azia
eu cozinhava no sangue que fervia
enquanto eu colecionava perdizes
perfuravam os pulmões da serra
picaretas que vazavam o granito
ele era somente um túnel de ar
um tubo de oxigênio nas narinas da história
enquanto o projeto Soyuz prosperava
ficavam para trás as serras andinas
escorria pelas costas o vinho vinho
o guanaco brindava à vicunha
os barris inoxidáveis franceses de Santiago
da garrafa quebrada sobre a mesa
evaporava o vulto das adegas
impregnado de fumaça de tridentes defumados

enquanto no Planalto a taxaço era uma
obsessão
as malditas serras circular tico-tico fita Makita
a serra copo que me matava a sede
e envenenava o acesso ao parque nacional
em Itatiaia como o Chile ou a América Central
passados nos buracos das agulhas negras a
costurar
o véu da noiva que escondia os anéis da monarca
enquanto os robôs da indústria automobilística
protestavam por aposentadoria
enquanto a transposição das veias safenas
abriam precedentes em Petersburgo
me assustava a serra do Oiapoque ao Chuí
com sua crista iluminada com fita de led verde
plugada na tomada em Itaipu
enquanto a escassez de energia via o último
recurso
nos painéis solares soldados nos braços do
Cristo Redentor
via da serra de Petrópolis
a ponte Rio-Niterói tombada na baía
enquanto guindastes içavam filmes de aventura

sob a avalanche em Madagascar
via do topo da torre da Sears
as encruilhadas ferroviárias sob o manto sagrado
enquanto o voo migratório das garças
alçava a órbita lunar
via o combustível derramado pela chaminé em
Taiwan
vindo de fosséis de serras sepultadas
enquanto submarinos presos no Mar Negro
sondavam a jugular do continente africano
via a tropa de burros subindo a encosta
com pesadas cestas de canabis no lombo
enquanto seus proprietários curtiam cassinos
apostando ingressos da rede Severiano Ribeiro
via riachos nascerem no início da primavera
no degelo das pilhas de escória e minério
enquanto ventos que paralisavam geradores eólicos
secavam o piso de Madrid lavado a creolina
em Raiz da Serra eu via o enxofre
que exalava pelos bueiros da agência bancária
enquanto o presidente da mesa
contava os votos marcados a canivete no muro da
prisão

Valério Maronni publicou *O menino contador* pela Amazon KDP e UICLAP. Criou os blogs *julianavrsempoluição* e *o-contografista*. Participou de coletâneas das editoras Pangeia, Andross, Sinete e Perse. Publicou nas revistas *Subtextos*, *Conexão Literatura* e *LiteraLivre*.

Downton Abbey, um tipo de sociedade em declínio?

Análise de uma sociedade onde a Aristocracia e a Monarquia prevaleciam como força Social Política e Econômica

Por Luciene Guisone

Resumo:

A série Downton Abbey é rica em acontecimentos históricos e sociais. Assisti-la foi o mote para a realização deste ensaio que se propõem analisar muitos dos seus acontecimentos que julgamos pertinentes para os dias atuais. A série, que retrata o passo a passo de uma monarquia decadente, mostrou como a nobreza se arrastou para permanecer num “conto de fadas” onde o “contra pelo” deixou à mostra que sustentar este modo de vida, resquício do feudalismo, e que está calcado no capitalismo será sempre um objeto para críticas profundas e prementes enquanto prevalecer a desigualdade social vigente no mundo.

Palavras-Chaves: Sociedade. Ócio. Servidão.

Abstract:

The Downton Abbey series is rich in historical and social events. Watching it was the motto for the realization of this essay, which is proposed to analyze many of its events that we consider relevant to the present day. The series, which portrays the step by step of a decadent monarchy, showed how the nobility dragged itself to remain in a "fairy tale" where the "against by" showed that sustaining this way of life, remnant of feudalism, and which is based on capitalism will always be an object for deep and pressing criticism so as long as the prevailing social inequality prevails in the world.

Keywords: Society. Leisure. Easement



Introdução

Início do século XX; Luxo, Privilégios e Castelos para algumas famílias na Inglaterra, como também empregados para todo o tipo de serviço nas herdades, benefícios passados de geração em geração desde o período do feudalismo sendo o primogênito de cada família abastada e com título de nobreza é quem receberá o cargo de gerir a propriedade e gastar a fortuna herdada em vestimentas, banquetes, bailes e outras futilidades como caçar animais indefesos e patrocinar jantares regados a todo tipo de vinho e espumante caros. Porém, a ameaça de uma guerra envolvendo os ingleses se conjectura nas mentes dos imperialistas europeus. Neste ensaio desprezioso iremos mergulhar no emaranhado de acontecimentos de uma destas famílias retratada na série inglesa *Downton Abbey* (2010) cujo herdeiro, um Conde, está com a responsabilidade de administrar os bens materiais, o próprio título e as tradições atávicas de séculos passados, mas para nos situarmos no tempo desta família com suas excentricidades devemos fazer um pequeno recuo na história da Inglaterra do século XVII a fim de lembrar alguns fatos históricos que levaram a classe aristocrática e a nascente burguesia a uma posição econômica bastante favorável fazendo com que muitos camponeses passassem a servi-los durante longos períodos de suas vidas com poucas, ou quase nenhuma, perspectivas de melhora.

No século XVI, a Inglaterra sob a regência de Elizabeth I (Dinastia Tudor-1485/1603) tinha na sua indústria têxtil e na produção do carvão uma base forte para sua economia. Com a morte de Elizabeth I assume o poder seu primo Jaime I (1603) Rei da Inglaterra, este era o início do século XVII no qual Eric Hobsbawm (1995) nos explica que o comércio marítimo inglês que ganhava força e investimentos competia com a marinha holandesa pelo Atlântico em busca dos preciosos minérios das Américas e da cana-de-açúcar das ilhas na costa oeste da África como também do Brasil, mas em solo inglês dois grupos sociais com influência na economia inglesa iniciavam uma disputa pela lã da região de Flandres (entre França e Bélgica) e pelos gêneros agrícolas produzidos pelos dois grupos no qual a marinha mercante inglesa revendia para os quatros cantos da terra: na própria Europa, Ásia, África e Américas. Os dois grupos eram formados pelos Yeomen (pequenos e médios proprietários) e os Gentry (pequena nobreza rural) estes grupos aumentaram a produção da lã e dos alimentos como o trigo de uma forma muito autocrática. A pequena nobreza e os pequenos e médios proprietários de terra foram expulsando os camponeses de suas terras e num misto de supremacia e jogo de interesses com os monarcas e a igreja anglicana tomaram deliberadamente as terras que antes os camponeses podiam cultivar, esta ação ficou denominada de Cercamentos. Esta ação elevou, automaticamente, o padrão financeiro destes grupos e empobreceu os camponeses que passaram a trabalhar nas manufaturas, oficinas ou estaleiros recebendo um baixo salário, concomitantemente muitos camponeses sem perspectivas de vida passaram a serem andarilhos ou mendigos levando cidades como Londres a ter taxas altas de adultos, crianças e velhos vivendo de forma precária.

Os Enclosures foram os cercamentos das terras de uso comum de onde os camponeses retiravam sua subsistência, estes cercamentos realizados arbitrariamente

pelos grupos majoritários transformaram tais terras em pastos para as ovelhas (produtoras de lã) e áreas onde se cultivavam cereais, frutas e vegetais destinados à venda. Alguns camponeses se submeteram ao trabalho em suas antigas terras que passaram a pertencer à pequena nobreza rural e aos pequenos e médios proprietários de terra, mas o salário era muito baixo. Toda esta nova conjuntura social e econômica favoreceu esta classe chamada de burguesia, que se enriquecia a cada dia com o comércio mercantil e suas manufaturas. A monarquia passou a estabelecer uma política regulamentadora e monopolista frente ao avanço econômico dos burgueses. Obviamente a monarquia não deixaria de obter seus lucros com um comércio tão rentável quanto aquele que os enclosures estavam garantindo para a burguesia. A fórmula dos cercamentos foi eficaz para o enriquecimento daqueles grupos: Gentry e Yeomen. Hobsbawm (1995) relata que iniciaram os atritos entre a burguesia e a monarquia devido a tais rendimentos e mais a questão religiosa. Os burgueses queriam uma política que favorecesse a liberdade de comércio sendo estes de base religiosa Calvinista chamados de Puritanos, eles se consideravam “eleitos de deus” segue-se daí a ideologia de que o deus calvinista estabeleceu que eles (os burgueses) deveriam ter os privilégios de toda sorte, principalmente os econômicos que lhes davam prestígio social facilitando a compra de títulos e mais propriedades.

Porém, a monarquia inglesa não dará os privilégios requeridos pelos comerciantes burgueses, a religião entra como pano de fundo nesta luta que trará uma divisão no parlamento inglês que durante a dinastia dos Stuart com Jaime I (1603) o anglicanismo foi adotado como religião oficial do Estado inglês. O filho e sucessor de Jaime I chamado Carlos I seguiu a linha arbitrária absolutista de seu pai aumentando os impostos, entre outras decisões, esta ação o levou a entrar em choque com o Parlamento. Este Parlamento era composto pela **Câmara dos Comuns** (Gentry) os Yeomen e pelos **Lordes** (Alta Nobreza e Alto Clero) cada qual exprimindo seus interesses no comércio marítimo com as colônias americanas, africanas e das Índias Orientais bem como nas manufaturas internas e nas terras cultivadas, bastante lucrativas.

O Rei Carlos I com sua arbitrariedade combateu a Escócia que era de base Calvinista e que havia invadido a Inglaterra que por sua vez sustentava o Anglicanismo, porém esta guerra traria dividendos aos cofres ingleses, então Carlos I decidiu pedir ajuda ao Parlamento para aumentar ainda mais os impostos a fim de sustentar a guerra contra os escoceses, mas o Parlamento não atendeu às reivindicações de Carlos I. Num ímpeto de fúria o Rei invade a Câmara dos Comuns a fim de prender seus líderes que já haviam se unido aos escoceses para derrubar o absolutismo do Rei inglês, instala-se daí em diante uma guerra civil na Inglaterra, daquele período histórico. De um lado o Rei, a Alta Nobreza, alguns burgueses favorecidos pelo Rei, o clero anglicano e católico e o Exército Real. De outro lado os Gentry e os Yeomen e o Exército Parlamentar comandado por Oliver Cromwell.

Nesta guerra saiu vencedor os componentes da Câmara dos Comuns e o Rei Carlos I fora decapitado. Entre as mais importantes mudanças realizadas pelos vencedores estavam a abolição da monarquia e da Câmara dos Lordes com a proclamação da República. Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm (1995) Oliver Cromwell, calvinista puritano e autoritário, assumiu o governo da Inglaterra entre 1653 a 1658, ele se

tornou o líder do Conselho de Estado chamado de Commonwealth promulgando em 1651 os “Atos de Navegação”. Cronwell lutou contra os holandeses pela liderança do comércio exterior e do comércio marítimo. Após a morte de Cronwell seu filho Ricardo Cronwell assumiu o poder e mostrou-se incapaz de controlar os movimentos populares e religiosos entre Protestantes, Anglicanos e Católicos que fervilhavam na Inglaterra republicana, devido a estas fragmentações no Parlamento muito conflituosas e sua incapacidade de governar. O Conselho de Estado decidiu aprovar o retorno da monarquia colocando como Rei o filho de Carlos I (o primogênito) sendo chamado de Carlos II (1660/1685) que não teve herdeiros logo seu irmão Jaime II (1685/1689) assumiu o trono, esta dinastia apoiava a religião católica.

O Parlamento (de maioria Protestante) se sentiu desafiado por um segmento de base católica (abrimos um parêntese para fazermos um comentário); os conflitos constantes entre Escócia, Inglaterra e, também Irlanda, em questões religiosas dentro e fora da vida monárquica estarão presentes nestes Estados até um período do século XX). Descontentes e inseguros com o monarca inglês Jaime II o Parlamento “convida” o Príncipe holandês Guilherme de Orange, casado com a filha de Jaime II chamada Maria Stuart que, por sua vez, era de base religiosa protestante, a combater com seu Exército a Inglaterra, e em 1688 Guilherme de Orange derrota o sogro Jaime II sendo declarado Rei da Inglaterra. Jaime II e sua consorte fogem para a França. Todas estas movimentações no jogo de interesses dos dois grupos iniciais burgueses (Gentry e Yeomen) pelo controle comercial na costa inglesa e no Atlântico levou um rei a ser decapitado e outro a ser derrotado em guerra, o apoio dos camponeses nestas lutas intestinas foi utilizado em larga escala. Esta guerra civil ficou conhecida como a Revolução Gloriosa e a Câmara dos Comuns consegue implantar o liberalismo econômico.

No século seguinte (XVIII) a Inglaterra se prepara para um grande salto econômico: A Revolução Industrial que terá a junção de burgueses e monarcas liberais no poder. A burguesia inglesa não mediu esforços para alcançar o seu objetivo em se tornar a classe social que iria ditar as regras do jogo econômico, mas as tradições monárquicas estarão lado a lado com este nicho social onde os conflitos e divergências de opiniões serão sempre bafejados pelos interesses de um “novo” tipo de poder; A Monarquia Parlamentar. A Declaração dos Direitos assinada por Guilherme de Orange e Maria Stuart que dera total poder ao Parlamento não favoreceu os ex-camponeses apoiadores da tal Revolução Gloriosa que deu à classe nobre (antigos senhores feudais) e à classe burguesa o direito de serem proprietários de terra, os ex-camponeses foram empurrados para um caminho bem diferente, é o que veremos a seguir.

Seguindo as mudanças na vida social, econômica e política da sociedade inglesa vamos perceber através das pesquisas de Virginia Rau (1982) a estrutura da economia portuguesa influenciada pela estrutura econômica construída pela monarquia parlamentar inglesa (que tinha interesses com a coroa portuguesa devido às riquezas extraídas em suas colônias na África e América e também devido aos acordos de comércio entre as monarquias inglesa e portuguesa na Europa) fixando o salário de muitos camponeses que haviam sido obrigados a entregar a terra que para eles era fonte de subsistência.

Estes ex-camponeses passaram a serem considerados como operários estabelecendo aí uma nova classe social que deveria prestar serviços nas cidades lotadas

de gente. Estas cidades se estabeleceram como alternativa na busca de melhores condições de vida para muitos, mas esta alternativa de vida traria uma realidade diferente: Ganhar pouco e trabalhar muito. A exploração desta classe que ficará mais evidente depois da Revolução Gloriosa será a realidade diferenciada e vivenciada pelos ex-camponeses que tinham na terra comunal uma liberdade de vida. A nova classe social que recebe o nome de operários passou a se ocupar dos trabalhos na zona urbana, ou outros serviços que poderiam render um melhor salário como, por exemplo, servir os nobres. Aqueles que não pudessem provar que serviam aos nobres deveriam trabalhar como mão de obra no campo tendo um contrato de trabalho para ser cumprido, outros tantos passam a ser ociosos, ou pedintes nas cidades como Londres. A vida precária dos pedintes e dos ociosos acabou por trazer um problema social até então não imaginado. Os pequenos crimes e roubos, para “resolver” tal desordem o Parlamento instituiu leis contra aqueles considerados vagabundos com penas de morte por enforcamento, açoites e prisões.

No século XIV O monarca inglês Eduardo III já teria tentado aplicar uma lei trabalhista (uma das primeiras no mundo) que obrigasse os camponeses a permanecerem na terra com salários baixos e muita exploração nos feudos, mas devido a peste negra que grassava na época, trazendo prejuízos nas plantações, os camponeses que continuaram no campo tiveram uma relativa paz onde puderam levar uma vida relativamente produtiva. Neste período pós Revolução Gloriosa o quadro se mostra favorável para que a lei do século XIV, adaptada para o momento, possa vigorar. Sem nenhuma interrupção nas prerrogativas estabelecidas os rendimentos dos burgueses crescem em tal medida gerando o acúmulo de capital ao mesmo tempo favorecendo a consolidação do sistema capitalista (século XVIII) um projeto econômico liberal onde a Inglaterra será a catalisadora deste projeto. Entrando no século XIX, especificamente em 1833, a abolição da escravatura foi sancionada pelo parlamento inglês com o fito de que os negros representavam um contingente enorme de pessoas para movimentar ainda mais este sistema econômico.

Então, como a série *Downton Abbey* tem relação com este breve histórico da Inglaterra? Sim, a série da televisão britânica de 2010 e 2015 criada e co-escrita pela escritora Julian Fellowes se passa no início do século XX e conta a estória de uma família aristocrata inglesa que luta para manter o título, o Castelo e as mordomias transmitidas há três gerações que puderam vivenciar, cada uma delas em seu tempo, os processos da Abolição da Escravatura, Revolução Gloriosa, Revolução Industrial e as lutas religiosas entre católicos e protestantes na Inglaterra onde os Crawley foram influenciados por estes acontecimentos e estes acontecimentos estarão refletidos na forma de pensamento e conduta destes para com os serviçais em todos os episódios culminando com as transformações sociais e econômicas pelas quais eles passarão, resultado Primeira e Segunda Guerra Mundial. A família Crawley é composta pelo Pai, a Mãe e suas três filhas sendo que a filha mais velha receberá como herança a herdade com todos os seus problemas financeiros, depois que seu primo mais próximo e futuro marido falecer em um acidente de carro. E por último destacamos o projeto burguês do século XVII (*Enclosures*) presente na própria herdade que tem uma grande extensão de terras improdutivas, mas que pertencem a esta família desde gerações passadas.

Outros acontecimentos históricos que aparecem na série foram; A Primeira Guerra Mundial (1914) e a Revolução Russa (1917) que modificam paulatinamente o tempo e o espaço da vida dos Crawley trazendo uma sujeição indesejada para as herdades inglesas com suas famílias detentoras de títulos e riquezas, arranjo de casamentos seguindo os interesses da nobreza, governantas e lacaios sempre a postos, gastronomia francesa servida em banquetes nos jantares cotidianamente, os rituais de todas as noites no vestir, comer, beber, conversar e depois dormir eram costumes que deixariam de existir ao longo dos anos até a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1936) que colocou um fim neste modo de vida em muitas destas herdades.

Outro olhar será sobre a criadagem (os de baixo) que poderia chegar ao número de quarenta pessoas, que por sua vez, mantinham em suas relações a mesma hereditariedade de postos e comandos aprendidos pelos “de cima”, como também, os relacionamentos, as intrigas e discussões entre a criadagem eram, muitas das vezes, camuflados, ou expostos sem nenhum constrangimento. Os “segredos” e o jogo de interesses entre os criados por melhores salários e melhores cargos no castelo eram maquinados entre eles imitando os seus senhores na hipócrita convivência uns com os outros nos bailes, jantares e conversas em família sendo os motivos das conversas os mais variados e que às vezes chegavam a provocar sérios atritos, porém estes atritos deveriam ser sufocados custando o que custasse em favor, em nome do status e das aparências. Um momento que exemplifica muito bem a questão das aparências será o episódio que envolve a filha do meio e sua maternidade, ela manterá a gravidez, o parto e a criança escondida de todos por um tempo.

O questionamento dos conceitos tradicionais por parte da filha do meio e da outra mais nova levaram o conde e sua mãe (guardiã das tradições milenares desta família) a se sujeitarem a conviver com aquilo que eles denominavam de “coisas dos tempos modernos”. Tudo poderia desabar, até mesmo se a fortuna não pudesse ser preservada as tradições deveriam ser mantidas por todos.

A administração econômica e o entendimento sobre questões políticas e sociais não faziam parte dos interesses dos membros destas famílias é o que vamos ver em dois episódios interessantes que envolvem em primeiro lugar a filha mais nova do Conde e o chofer de etnia irlandesa que tinha simpatia pelo socialismo leninista, em segundo lugar o jantar no qual uma professora do vilarejo local é convidada a participar e oferece gratuitamente uma aula rápida de socialismo abalando a ideologia das ladies e lordes que viviam no “mundo de conto de fadas” sempre amparado pela criadagem e pelas transações comerciais ultramarinas entre as quais destacamos Portugal e Inglaterra na exploração da colônia na América do Sul. O racismo terá seu lugar de destaque. Numa sequência de supostos debates que seguem a vida dos ingleses vamos ver os livros e escritos de Karl Marx sendo discutidos e debochados pelo conde e senhor do castelo batizado de Dawnton Abbey porque, como dissemos anteriormente, a intelectualidade não fazia parte da vida dos nobres e sim o vazio das comodidades amparadas pelo ócio.

Não pretendemos fazer uma supra-análise de cada cena em particular, o que nos propomos a realizar é uma reflexão do conjunto da série, destacando aquilo que mais nos chamou a atenção. Começamos com a primeira temporada desta série que se reúne em número de seis. O episódio se inicia com a notícia do naufrágio do célebre navio Titanic

em águas do Atlântico quando se dirigia de Southampton (Inglaterra) para Nova Iorque nos Estados Unidos em Abril de 1912. No navio estavam os futuros herdeiros de Dawnton Abbey que foram vítimas do naufrágio, logo a preocupação constante do lorde Crawley e sua mãe era com o futuro da propriedade. Mas, para acalmar os ânimos da família e do mordomo (que mais se parecia com um membro da família como ele mesmo se considerava, apesar de que para os lordes ele não passava de um mordomo que deveria executar sua tarefa do modo mais discreto possível, ter um mordomo na família era algo que denotava poder e riqueza) chegou ao Castelo, para o jantar, o primo mais próximo da filha mais velha do conde acompanhado de sua mãe (uma senhora formada em enfermagem e viúva de um senhor que fora médico) mãe e filho trabalhavam algo surpreendente que contrariava as tradições desta aristocracia medieval. Porém, para o desânimo dos lordes e da condessa-mãe, a futura herdeira (que deveria escolher o futuro marido o mais rápido possível) não simpatizou com o Advogado (o primo).

Na verdade o trabalho, seja qual for, era visto como coisa a ser realizada pelos pobres e famintos, o que se verifica é o sentido de que o ócio (bem diferente da conotação grega) seria uma “ação” para os nobres que era legitimada pelo simples motivo em se ter um título de nobreza, o que estes nobres ociosos faziam eram investir capital, como exemplo podemos destacar que a ferrovias construídas no Ocidente e Oriente estavam recebendo investimentos destes lordes que depositavam suas fortunas em negócios rentáveis como a locomotiva a vapor. O episódio segue com a rivalidade de pensamentos e postura de vida do Advogado e sua prima (ladie Mary) que ostentava a todo o momento sua posição na nobreza. Notamos bem os caprichos desta filha mais velha acostumada a ser satisfeita em tudo e por todos, a contar pelo mordomo que mantinha uma posição de laçao fiel, uma espécie de bajulador da aristocracia.

A trama seguirá até que esta filha primogênita (ladie Mary) comete um ato que escandalizou sua mãe, numa bela noite ela permitiu que um dos lordes, hóspede no castelo, se dirigisse ao seu quarto com a intenção de realizar um ato sexual que não pudesse “macular” a virgindade da moça, ela que deveria se casar virgem porque a virgindade era proclamada pela igreja católica como o ponto máximo de “pureza” para o escolhido. No momento em que iniciaram o ato o hóspede teve um ataque fulminante no coração e morreu, haverá toda uma manobra de mãe e filha para esconder o caso. Percebe-se a franca hipocrisia de tradições seculares presentes nas ações libidinosas que deveriam ser abafadas a fim de preservar a imagem da família e muito mais daquela que deveria desposar alguém para assumir os fardos tradicionais de longas datas. Uma estratégia foi articulada com um bom e dispendioso baile para “aplar” todas as suspeitas, e assim a vida seguirá para esta família com seu séquito de criados que ficavam a postos para realizarem todo tipo de serviço como camareiras, arrumadeiras e criadas que vestiam, calçavam, maquiavam, penteavam, escovavam e banhavam suas ladies e seus lordes. Ao soar os sininhos (desde o amanhecer até o anoitecer que ficavam dependurados num quadro localizado no refeitório dos criados com os respectivos nomes de cada membro da família e de cada cômodo da grande casa) os serviços tinham que correr.

Havia também o trabalho na área externa do castelo onde ficavam as cocheiras, as lenhas para o fogão de lenha moderno, os chalés dos criados que residiam próximo do

castelo, os estábulos com seus cavalos de raça cuidadosamente alimentados e escovados para o lazer dos lordes e ladies nas caçadas aos pombos e cervos na extensa propriedade que havia sido um dos feudos da monarquia de séculos anteriores.

O drama apresenta também a autoridade e o orgulho de casta da condessa-mãe orquestrando as providências a serem tomadas pelo filho conde. Este orgulho somente cederá ao confronto perspicaz da prima enfermeira que tinha no seu filho advogado o seu grande e precioso parceiro, como ele também poderia contar com sua mãe. Depois de muitos pretendentes ao “trono” de herdeiro da propriedade, lady Mary se rende aos encantos e bravura do Advogado, que por sua vez não se ilude com os caprichos da moça. Enquanto isso a irmã mais nova especula sobre uma sociedade mais igualitária, foi aí que um chofer é admitido nos serviços de condução dos veículos. A filha caçula apaixonou-se pelo chofer irlandês, este se mostrou destemido frente aos intocáveis nobres, ele responde aos confrontos dos lordes com seus ideais socialistas, apaixonou-se pela moça recusando o conforto e as mordomias de sua família em nome do seu amor e da sua crença em outra forma de vida. O jovem casal se casa contrariando as tradições de longas datas. Neste momento temos a presença de uma juventude reformadora dos ditames da época, juventude esta exemplificada pelo chofer, pela filha caçula e por sua prima (em segundo grau) da Escócia, esta prima era filha de outro lorde que passava pela crise financeira, crise que irá abalar a aristocracia no pós-guerra.

Os pais da prima de segundo grau da Escócia cujo matrimônio (fruto de um casamento arranjado e fracassado que levou a esposa a descontar na filha e no marido toda a revolta de uma falência iminente) tentam resolver o problema financeiro buscando ajuda na colônia do Oriente- A Índia que estava submetida ao jugo imperialista inglês. Não só os parentes escoceses estavam em falência como a base de sustentação econômica da família Crawley começou a ruir também, eles teriam que realizar o que denominamos de arrendamento de terras para que sua propriedade, com grandes extensões de hectares, pudesse ser viável administrativamente dando rendimentos que os nobres não poderiam alcançar, pois nunca trabalhavam. O que mais podiam fazer a não ser alugar lotes de terra para aqueles que sabiam trabalhar a terra? Esta forma de domínio sobre o outro se repetiu em todos os lugares que a Inglaterra dominou como a Índia que mais se parecia com um “bosque quente e pobre” cheio de sal e com um litoral gigante para as vantagens do comércio marítimo europeu que pudesse aliviar os problemas da aristocracia britânica com arranjos políticos.

A dominação inglesa na Índia deixou marcas sangrentas na vida dos indianos daquele período. Utilizando a filosofia da Não Violência Mahatma Gandhi conseguirá a independência da Índia na histórica caminhada pela liberdade do seu povo em 1948, mas ainda hoje indianos em sua grande maioria estão empobrecidos e são explorados pela falsa e manipulada filosofia das castas se tornando um terreno fértil para o capitalismo.

Como resultado do arrendamento das terras improdutivas as gerações mais novas daqueles camponeses destituídos a séculos dos seus campos, aceitam as condições dos nobres pagando aluguel com os rendimentos da sua força de trabalho. A primeira grande guerra levou os Crawley a serem empurrados para outra realidade até então ignorada com muitos homens perdidos na multidão e sem sentido para a vida, este foi o saldo da guerra, os feridos, os destituídos e uma Alemanha falida com dívidas gigantescas a pagar para os

aliados. Mas, junto com esta fatalidade a indústria promoveu uma transformação social que chegou a galope, eletrodomésticos nunca imaginados como geladeira, batedeira de bolo, secador de cabelo e telefone passaram a fazer parte da vida daqueles que poderiam pagar por estes artigos de luxo em meio a toda esta discrepância social o entregador de cartas continuava a chegar quase todos os dias em sua bicicleta.

A indústria inglesa contou com os benefícios financeiros da guerra. Durante a guerra a condessa (esposa) passou a se dedicar pelo controle dos gastos da herdade em relação aos alimentos e fármacos utilizados para manter o pessoal do alto escalão do exercito britânico que ficou alojado no Castelo, todas as herdades tiveram que ceder espaços de suas grandes e luxuosas residências enquanto a guerra durou. As três filhas ajudavam na enfermaria, e o conde com sua farda de herói (não se sabe herói de quê) desfilava pelo salão da residência que em uma das cenas percebe-se em sua aparência a sensação de inutilidade diante de todos que estavam realizando algum tipo de assistência, mas ele conseguiu uma ocupação, dispôs a receber afagos de uma criada que não se preocupou em ser despedida quando a guerra acabou nesta passagem vemos a ilusão da plebeia em relação ao lorde, mesmo que esta ilusão lhe causasse danos econômicos e sociais a serviçal se envolveu com o nobre e no final deste envolvimento o que restou fora apenas um passa tempo e diversão para o nobre.

Os prejuízos econômicos como resultado da guerra foram, também, o declínio dos pesos e medidas entre políticos e nobres da Inglaterra como nos diz Hobsbawm que a “Primeira Guerra Mundial assinalou o colapso da civilização ocidental do século XIX” (1995-p. 16). Os conservadores capitalistas bafejando os ares do século XX resistiram em aceitar que a mudança seria contínua e alguns membros da família Crawley (Conde e a condessa-mãe) foram os derradeiros a estenderem as “mãos à palmatória”.

Enquanto a vida de ladie Mary transcorria sem empecilhos, depois que se rendeu ao amor do advogado que teria herdado a propriedade dos Crawley, a irmã do meio, sempre em contendas com Mary que a tratava como uma pessoa indesejada, buscou um casamento a todo custo, a ideia de ficar solteira e dependente dos caprichos da irmã herdeira não lhe agradava depois de algumas tentativas frustrantes, ela se apaixonou e sem programar teve uma filha, fruto de um romance passageiro devido à morte do parceiro dono de uma revista na qual ela herdou, porém muitos percalços a esperava, ter uma filha considerada bastarda (fora de um casamento devidamente elaborado) não era bem visto pela sociedade conservadora católica e protestante da época e muito menos para os costumes da nobreza (que escondia seus encontros noturnos).

O casamento era a única forma que os filhos não considerados primogênitos, ou mais novos das famílias ricas, tinham ao seu alcance para conquistar uma posição utilitária frente à sociedade. A segunda filha consegue triunfar frente à irmã (primogênita) com um casamento que lhe deu o título de marquesa sua maternidade fora aceita pelo marquês que, por sua vez, precisava do apoio da moça para enfrentar a batalha em manter sua propriedade com rendimentos, caso isso não acontecesse ele poderia decretar a falência, o que para a geração de lordes seria um fim trágico. Temos aqui o preconceito contra as mulheres que foi abafado no pós-guerra, porém seu fim ainda não será conquistado neste momento.

Seguindo as temporadas vamos ter a condessa-mãe (avó paterna) realizando negociatas com gente influente de Londres para que ela continuasse no comando do hospital local que, após a guerra, passou a ter a direção vinculada com pessoas em Londres. Os acordos não são aceitos e a subdireção ficou a cargo da condessa que trazia consigo agilidade, inovação e empatia com os moradores locais, algo que a condessa-mãe desconhecia como pensamento e muito mais como prática. As mudanças ocorrem continuamente. Dois funerais são vividos na Dawntom Abbey e um aborto causado, meticulosamente, por uma criada (nem todos os criados eram vítimas, o medo e a desconfiança na vida diária deles faziam com que alguns se tornassem vilões disfarçados).

Outro aspecto importante a destacar eram as inclinações de muitos criados para outras atividades como: Secretariado, ministrar aulas, casar e constituir família de forma independente dos lordes e o dom para gastronomia todas estas inclinações aparecem na série como forma de mostrar que os criados eram pessoas que tinham seus desejos, seus ideais mesmo que sua vida particular fosse sempre invadida por todos da grande casa, principalmente pelo mordomo e a governanta que a tudo e a todos vigiavam dia e noite.

Para conquistar um “lugar ao sol” alguns criados com pendores e ideais tinham que esconder seus objetivos e economizar bastante a fim de conseguirem alcançar seus sonhos. Outros poderiam ter a chance de serem ajudados por algum membro da família nobre que tivesse um olhar humanitário, foi o que aconteceu com uma criada dos Crawley que se tornou secretária de um escritório contábil e que depois de alguns anos retornou à grande casa com seu chefe, eles foram convidados para um jantar, o que surpreendeu a todos (inclusive ao mordomo) foi quando souberam quem era aquela moça que antes era a serviçal e naquele momento estava em outra posição sentada à mesa e sendo servida pelos antigos colegas. A perplexidade da condessa-mãe mostrou a dificuldade em aceitar que serviçais poderiam conquistar trabalhos melhores e diferenciados, quanto mais para uma jovem mulher.

Os episódios intrigantes que envolveram os criados Ana e Bates numa cilada, levando Bates para a prisão, deixaram os Crawley em má situação, a condenação ou absolvição do criado afetará os nobres, primeiro porque a criada Ana conseguiu realizar o trabalho de duas criadas (o que era vantajoso para os nobres) aja visto que a casa grande começou a perder alguns serviçais que foram em busca de seus sonhos e porque o conde não poderia manter tantas pessoas trabalhando na casa devido aos seus investimentos perdidos em ferrovias após a guerra e, em segundo lugar Ana era esposa do inocente Bates. Para resolver o impasse o conde financia a defesa do criado e mantém os dois na casa grande. A ajuda será nitidamente por interesse e por algum tipo de consideração.

Bom, sobre os jantares, receber os convidados quase todas as noites era algo aterrorizante para as cozinheiras que deveriam preparar um cardápio francês (a culinária francesa estava na moda) todos ficavam em polvorosos para os tais banquetes luxuosos, muita comida, vinho e futilidades o tempo todo, jogos de carta, fofocas o que nos faz lembrar os bailes das monarquias de séculos passados onde o luxo e a fartura ficavam a cargo do suor da criadagem. Os lacaios (que serviam no jantar) apesar do trabalho exaustivo estavam sempre na escuta das conversas de todos ao redor da mesa. Estas conversas eram sobre negócios, caças, encontros, viagens e intrigas também. Tudo era colocado por todos na hora do jantar, as regras de etiqueta comandavam nos olhares

ameaçadores de uns para os outros. O jantar parecia o momento onde quase tudo deveria ser exposto com discrição porque se algo desse errado tudo ficaria suspenso no ar em nome da “elegância” regada a hipocrisia em torno da comida farta.

Outro ponto interessante foi a vida conjugal passageira do chofer irlandês com a filha mais nova dos Crawley, eles acabaram se casando na Irlanda e por lá ficaram até que um dia a filha resolveu visitar sua mãe, ela estava grávida e durante o parto sofreu uma eclampsia vindo a falecer, interessante notar que a medicina da época tinha conhecimento deste problema que acometia algumas mulheres. A eclampsia é algo que sempre esteve presente na vida humana como outras doenças e males. Nota-se nesta passagem da série que o médico do vilarejo alerta o conde para o problema, ao seu lado e disputando a confiabilidade dos nobres está o médico londrino e reconhecido pela monarquia, o veredicto final foi dado por este que disse não se tratar de nada grave, porém a moça apresentava sinais de gravidade e o fim foi trágico.

O médico de Londres pediu desculpas apesar de a condessa o incriminar juntamente com seu marido (o conde) pela morte da filha até que o médico do vilarejo esclareceu aos pais da jovem que a medicina não teria como salvá-la, não havia tratamento para o caso. O chofer que ficou viúvo permaneceu no castelo e aos poucos os Crawley viram nele um indivíduo que poderia ajudar a salvar Downton Abbey, suas ideias para administrar a propriedade lembraram a atuação dos camponeses em cuidar da terra e fazê-la produzir, ele deixou claro que sua opinião seria em dividir a terra em lotes e alugar estes lotes para os interessados, podemos entender isto como hoje denominamos de reforma agrária? A partir daí o ex-chofer se torna sócio nos negócios da propriedade dos Crawley que tudo faziam para que ele permanecesse por ali. Note-se que o status do médico da capital se sobrepõe até mesmo em relação ao mesmo profissional do vilarejo que percebeu a gravidade do problema, porém não teve os créditos como seu “colega” londrino. Outro ponto a destacar será a aceitação do ex-chofer na direção dos negócios da família, percebemos a transformação acontecendo neste tipo de sociedade devido à queda financeira da família.

Os tempos realmente trouxeram mudanças que os nobres de muitas famílias jamais sonhavam, no entanto, tais mudanças deveriam e foram abraçadas rapidamente se eles não quisessem perder o que lhes restava. Seguindo com o final vamos ter a professora da escola primária do vilarejo jantando com os Crawley, a arrogância e empáfia nos assuntos sobre a classe operária, durante o jantar, fizeram com que a professora proferisse, em poucas palavras, uma explicação socialista do caso, ela realçou a ignorância da realidade de vida por todos na mesa e que a realidade era o comum para as pessoas da vila, colocou em xeque a indiferença, a ociosidade, as futilidades, e a perda de tempo das classes - nobreza e monarquia- que estavam em decadência. A fala da professora provocou a ira do conde, ela não se abateu permanecendo firme em sua posição respondendo aos insultos indiretos da condessa-mãe, foi defendida pela enfermeira que era mãe do advogado falecido, este momento foi marcante na série.

Note-se que a realidade da vida é algo assustador para aqueles que vivem imersos no luxo, poder e riqueza, porém eles são sustentados por aqueles que vivem a realidade crua do dia a dia, eles contribuem para manter os caprichos dos pequenos grupos da nobreza e burguesia sabendo, ou não, do prejuízo que isto provoca a eles mesmos,

estamos falando da alienação que segundo Karl Marx “o trabalhador perde a noção do seu próprio valor” (VIANA, 1995).

Finalizando este ensaio ressaltamos a queda econômica e política de muitas famílias nobres inglesas, após a segunda guerra mundial, mas, ao mesmo tempo, a resistência inglesa em manter uma monarquia de aparências irá continuar até os dias atuais tanto que em 1952 subiu ao trono da monarquia na Inglaterra outra senhora da realeza com o título de Elizabeth II dando seguimento a este estado de coisas. Ainda no ano de 2021 seu marido, falecido aos noventa e nove anos, deixa esta viúva de quase cem anos à espera do seu próprio funeral, talvez ela seja a última monarca da história inglesa, talvez esta monarquia seja o último resquício de um tempo de exploração e absurdos sociais da humanidade, talvez com o fim desta forma de vida outras monarquias europeias sigam o mesmo caminho, talvez uma parte do povo inglês que mantém financeiramente este espetáculo grotesco possa aceitar a realidade da vida sem subterfúgios economicamente inviáveis que o capitalismo atual sustenta. Como agravante deste tipo de sociedade vemos na geração mais nova dos Windsor toda uma falácia de família exemplar que em plena pandemia, fome e miséria no mundo, problemas governamentais seríssimos apoiam a prodigalidade de um cortejo fúnebre (de contos de fadas) do cadáver de um morto que deixou uma lista de frases preconceituosas, arrogantes e soberbas. O que foi analisado na série inglesa se confirma em muitas das notícias que envolvem os Windsor mesmo que a monarquia inglesa do século XXI tenha na tecnologia um diferencial, algo que no capitalismo do início do século passado era inimaginável.

Assistir a série em questão pode ser importante a fim de conseguirmos distinguir, nos pontos elencados neste ensaio, muitos questionamentos de relevância social que permanecem sem solução. Questionamentos como estes; Ainda vivenciamos estados de fome e miséria de muitos indivíduos em vários países como Índia, África e Brasil, vivenciamos a exploração da mão de obra, a alienação da classe trabalhadora, o aumento da riqueza de pequenos grupos, governos das potências mundiais favorecendo as elites em meio a miséria de tanta gente, o monopólio dos bancos e latifundiários nas transações comerciais, o controle da economia mundial nas mãos de algumas famílias abastadas financeiramente que pelo celular em seus iates luxuosos dão o sinal verde, ou vermelho para os governantes decidirem sobre a vida de muitas pessoas. O que falta para que o “*status quo*” que prevalece desde o feudalismo possa ser derrubado? Podemos acreditar numa esperança ativa onde a cooperação, colaboração entre uns e outros possa dar outro rumo para as sociedades atuais que estão mergulhadas no capitalismo que não dá brechas para uma transformação?

Encontramos um caminho que talvez possa dar uma solução, a saber, no pensamento do filósofo grego Epicuro em sua Carta a Meneceu (341 a.C-270 a.C) onde ele defende uma vida simples, onde podemos viver plenamente com simplicidade na alimentação, no prazer medido (aquele que traz qualidade) buscando, de fato, um sentido maior para a existência humana, um sentido real para a vida boa, vida boa que não passa pela superfície do sentir, do fazer, do trabalhar, do estudar, de tudo aquilo que envolve as ações de qualquer pessoa em sociedade, em comunidades, das famílias enfim da vida do ser humano. Nesta carta encontramos uma passagem que fala sobre o Jardim de Epicuro (local da residência do filósofo) onde todos eram bem-vindos à medida do entendimento,

da aceitação da filosofia construída e proposta por ele. A frugalidade no comer, a ausência de mecanismos que pudessem atordoar a mente que pensa e escolhe o seu caminho, porque é livre, está presente no pensamento epicurista.

A felicidade é um bem humano, precisamos buscá-la de igual forma. Para se ter uma vida boa é preciso que a vida tenha qualidade e qualidade para todos. E por fim, Epicuro diz que a prudência é a melhor das virtudes, na ausência dela não haverá justiça, beleza e felicidade. Ficamos então, com esta lição legada a nós por Epicuro. O viver com simplicidade pode ser um caminho seguido por toda a humanidade.

Fontes

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX*. São Paulo Companhia das Letras, 1995.

RAU, Virgínia. *As sesmarias medievais portuguesas*. Lisboa: Presença, 1982.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (A Meneceu)*. Editora Unesp. 3ª edição. 2002.

Série britânica Downton Abbey. 2010. Produção: Companhia Carnival Films. Acesso em janeiro /2021. Canal da Netflix.

VIANA, Nildo. Alienação e fetichismo em Marx. In: *Revista Fragmentos de Cultura*. Ano 11, n. 05, maio de 1995.



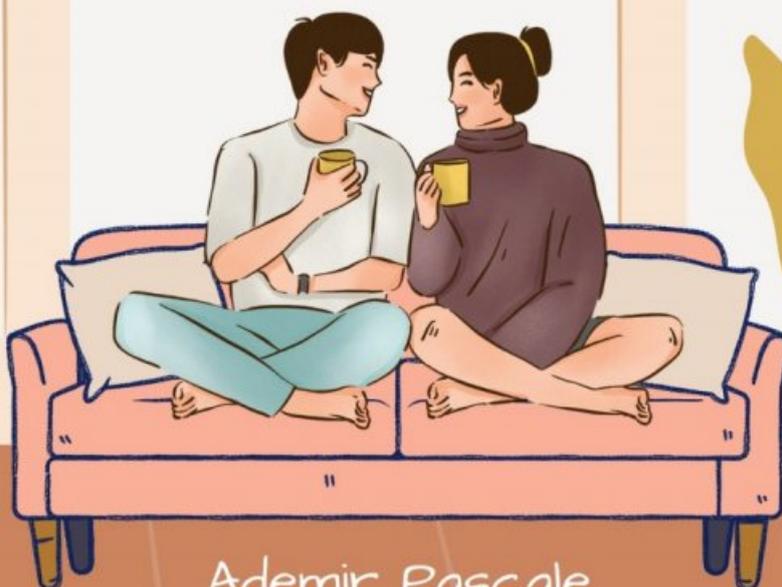
Luciene Guisone: Licenciada em história pela universidade estadual de Goiás - Campus Anápolis. Membro da UBE - União brasileira de escritores - seção Goiás. Coordenadora da Casa Chico Xavier para estudos em iniciação filosófica-Silvânia/GO. Professora e autora de artigos e livros.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
TEMPO DE AMAR
CONTOS E POEMAS
VOL.XII

E-BOOK

**Tempo de
Amar**

Contos e Poemas
VOL. XII

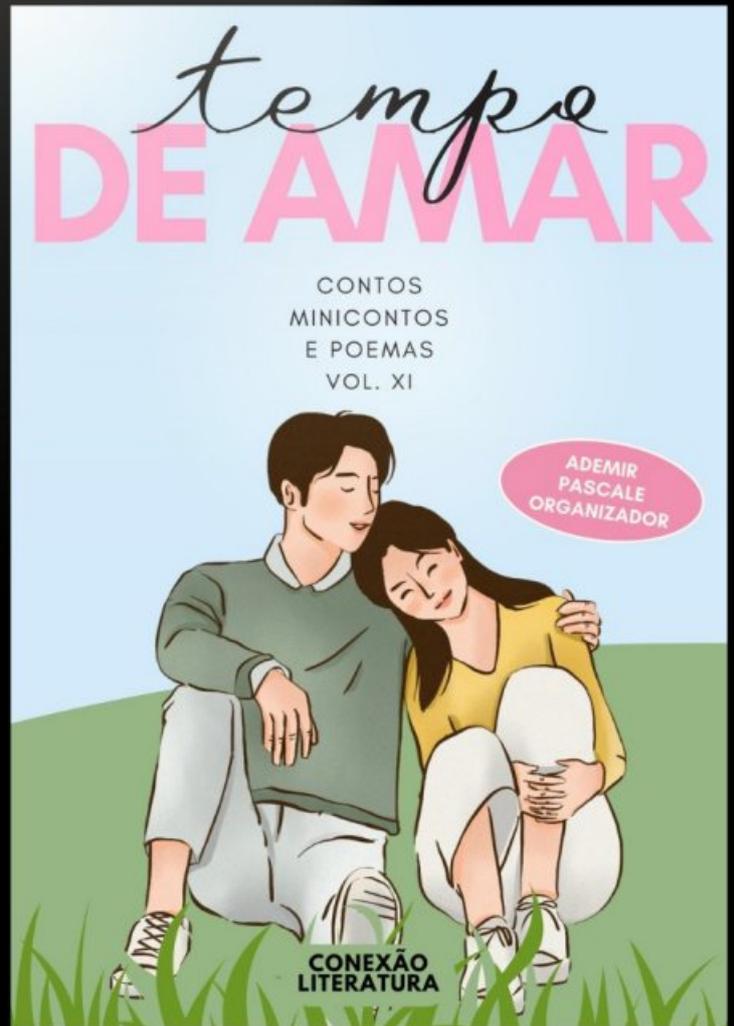


Ademir Pascale
Organizador

saiba mais: clique aqui

DICAS
PARA LEITURA

POESIAS AO VENTO - VOL. IX, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



TEMPO DE AMAR - VOL. XI, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



Do agora!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa



Vivo, ainda, sob uma “saudade” louca
Infunda ansiedade com o coração “agora” nervoso
Rara surpresa, posto que, antes calmo, maravilhoso
Enfim, se arvora na impulsão em desejos a sair pela boca

A completar, bem charmosa, surge a “saudade”
Em mim, maravilhosa, para em qualquer lugar se “abrigar”
Como “jovenzinha” à tiracolo, os vividos momentos
Deixando girar, quanta delícia, por todo o corpo, os pensamentos

A esperta “gotícula” de lágrima, não resiste, se mostra como cobrança
Sim! Pelo tempo perdido

Por desconhecer resultados e, ainda mais, ter convivido
E eu, pelo “quadro” passar agora, não perco a esperança



De me desculpar! Como resposta à lágrima querida
Sinceras alegações sobre os “trabalhos” da vida
De nós, pelo motivo, cada um exigir somente

Que se deve plantar... colher... aproveitar! Mas, sem esquecer daquela nova “semente”

Seguindo a orientação, “saliente” chega, então a “saudade” no exato momento
Assim, juramos “Graças” aos tempos que retornam aos ditos pensamentos
Deixando-nos encantados por aquela tão graciosa “covicha”
Que, pela beleza, se “abriga” ao redor dos nossos lábios e feliz se alinha

Ah! Gente! O “danado” sorriso, de súbito, se atreve em alegria de verdade, não fantasia
A gostosa “saudade” volta a me tomar mais um dia

Na realidade, retorna a vontade de viver

Então, aos “Céus” confesso pelo “choroso” verso: Como tenho saudade de você!





Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação no Livro ESCREVER CAMÕES.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

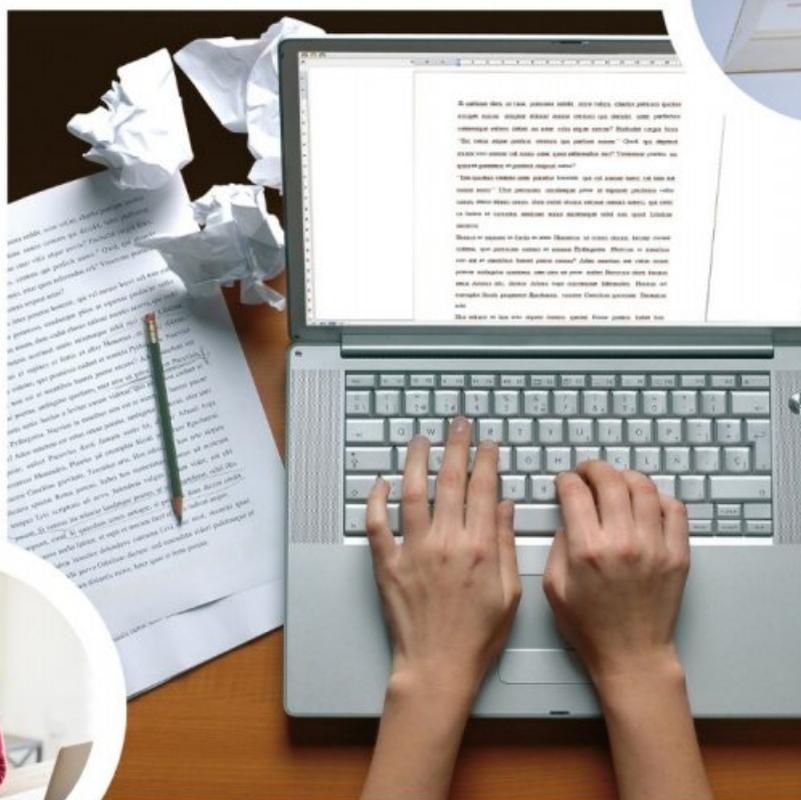
Email: mjgouvea@hotmail.



Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



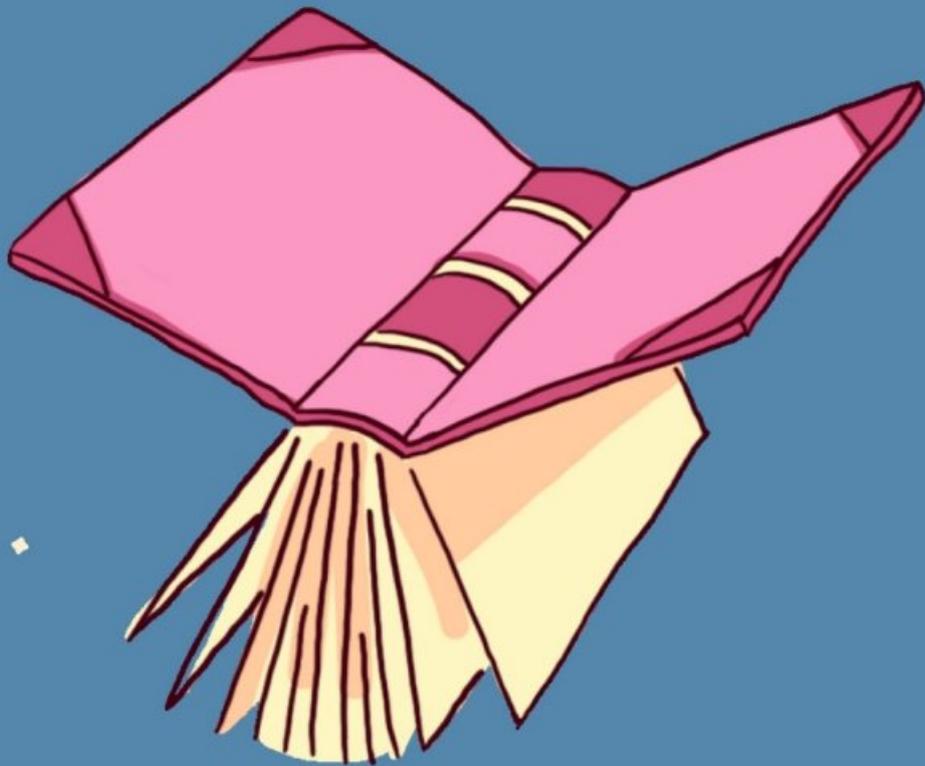
- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Deixe que
os livros
te levem para
lugares nunca
antes vistos



Revista Conexão Literatura

★ ADOLESCER POR JANETE SANTOS SILVA



Adolescer, poema de versos em construção,
Onde as palavras se rebelam, dançam no papel.
É tinta fresca, o traço incerto,
A busca incessante por identidade e sentido.

Coração em que florescem sonhos e medos,
Como brotos tímidos sob a luz da lua.
As estrofes se alongam, se encurtam,
Conforme suas emoções, oscilam.

Descobertas e despedidas da infância,
Traduzem a alma inquieta em turbilhão.
O verso livre da rebeldia, a rima da saudade,
E o ritmo frenético das paixões.

Contam memórias afetivas confusas,
Com rimas imperfeitas e versos emaranhados.
Nas estrofes, a beleza do adolescer,
Do ser em metamorfose, em constante florescer.

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências Educacionais- FACE / Valença-Bahia e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Itapetinga- Bahia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica EDUCON/ FAVENI e Psicanálise/ FAMART. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. É membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas - GELFORPE/UESB/CNPq. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997152054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.



Janete Santos Silva

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL



5º Prémio Internacional

PENA DE OURO

CONTO · POEMA · CRÔNICA

R\$ 60.000,00
EM PRÊMIOS!



PENA DE OURO
5ª edição (2024)

Inscrições abertas!

Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com



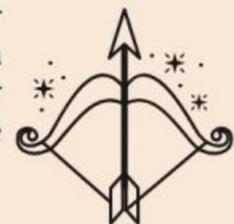


MINICONTOS

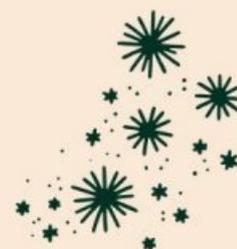
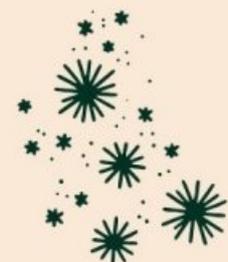
Por Flavio Joppert

A Justificativa

Valorizando as crônicas, ou contos naturalistas ou realistas de nossa literatura, ainda mais os que relacionam desde a vida cotidiana, ao imaginário folclórico podemos lembrar muitas vezes no horror tragicômico, ou mesmo no gênero Trash: Zé do Caixão, e Bento Carneiro. Dois vampiros próprios da cultura brasileira, como tantos contos ou lendas de terror de Minas Gerais, ou do folclore nacional como a Mula sem Cabeça. Muitas vezes eles nos dão uma lição de senso crítico e de humor negro. Nos preparando para o futuro de um amanhã incerto de surpresas e problemas desagradáveis, como todo vampiro, e humor negro. Muitas vezes se condena toda essa parafernália da Rede Globo, em ridicularizar o cotidiano do povo, mas isso tudo se transforma numa programação neurolinguística exatamente porque amanhã você pode esbarar com um moleque babaca em seu destino e tem que estar preparado para quando ele: quebrar o retrovisor de seu carro, ligar para sua casa e der um trote, jogar uma garrafa de refrigerante da janela do apartamento, cortar o cano de gasolina da sua moto, passar soda cáustica na sola do sapato que você pode comprar para cumprir as obrigações no trabalho, tocar sua campainha e ir embora, rasgar aquela roupa que você tinha para ir no evento, dar uma pedrada na sua janela, estuprar sua filha, estrangular seu filho, etc... Quando isso tudo acontecer, em inconsciente coletivo na cidade, você tem que estar preparado para levantar, sacudir a poeira, dar a volta por cima, acordar no dia seguinte as 4 horas da madrugada para não chegar atrasado no serviço, e lidar com os colegas, com aquele sorriso mutreta no rosto, para não dizerem que “você” é um neurótico.



Homenagem a Bento Carneiro
Valorizando nossa Cultura





MINICONTOS

Por Flavio Joppert

A Proposta

Lançamos a proposta da criação de um Prêmio da Lusofonia – Prêmio Literário Bento Carneiro para Minicontos de Terror baseados em casos pitorescos de sangue frio e sangue de barata.

Gentalha



O Governador tinha que manter um perito em denotação de plantão para atuar nos casos processuais em que o objeto era a suposta ofensa da utilização do termo gentalha. Ocupado o cargo, aplicado os dicionários oficiais: o perito em seu laudo atribuiu que gentalha em português se refere a plebe, e que a definição social de plebe, é camponês, definido pelo uso constante de bebida alcoólica e de vinho tinto, principalmente, de forma livre e desregrada. O termo não se tratava de uma ofensa, quando realmente o autor, assim o fosse consumidor de bebidas alcoólicas. Findo o caso, o perito deveria esperar a volta do litigio empregando o raríssimo caso de confundir gentalha com calhorda.



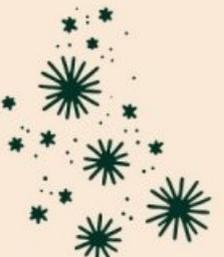
Ovo de Pombo



Quando os meninos se reuniam em uma residência para conversar e fazer meia, muitas vezes coisas voavam pela janela. Uma delas, a preferida, era o ovo de galinha da geladeira, quando esse ovo sai voando ele se chama ovo de pombo. Certa vez ele acertou o olho de uma moça muito bonita, noiva prestes a se casar, ela ficou cega de um olho. Seu noivo prometeu transformar você sabe quem numa cadela.



A Encrenca e a Confusão



Na infância, o Menino Juca gostava de pegar lagartixa para brincar, certa vez pegou uma: brica daqui, brinca de lá, arrancou o rabo da lagartixa sem querer. Com medo de levar uma sova do pai, jogou o rabo da lagartixa pela janela. O porteiro Seu Zeca, que não tinha o que fazer, identificou imediatamente o Ovni, foi correndo avisar o pai: ele jogou o rabo de lagartixa pela janela, merece uma sova, precisa educar esse menino. Imagina que se esse rabo de lagartixa caísse dentro do nariz de um bebê que estivesse passando no carinho a criança podia ter morrido engasgada.





MINICONTOS

Por Flavio Joppert

Comportamento

Certo cidadão se considerava o xerife da cidade, um apanhava porque tinha os braços malditos, o outro de braços finos ele emasculava e colocava para dar o rabo como se fosse uma ximbica. Seu filho, herdeiro de seu pai, não sabia onde meter o nariz. Mesmo depois de crescido, embora tivesse ajudado no julgamento de todos os outros, não tinha amadurecido, e aquela genética de se meter em tudo, fazia dele a pessoa mais encenqueira da cidade. Algumas pessoas clarividentes já haviam concordado que era ele quem merecia uma sova para aprender a respeitar os outros.



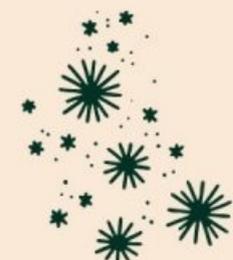
O Colégio

Diferente do Ateneu de Raul Pompeia, aquela escola estava distante de entrar para a história do município sem a mácula perturbação. A começar por seu diretor, e grande parte dos alunos filhos de verdadeiros traumatismos cranianos da cidade, um grupo completamente esquizoide. Sem o menor senso estético, e de humor com a vida. Seus maiores prazeres eram discorrer sobre o Mausoléu de Halicarnasso. Estranhos, esquisitos, mórbidos, nefastos, maléficos, acima de tudo invejosos. Seu desejo escondido a 7 chaves era que aquele aluno bonito que eles tanto reprimiam o desejo homossexual latente tivesse se transformado num barango. Para cada vez mais serem iguais. O prior de tudo era seu sendo de igualdade. A igualdade acontecia pelo uso de calça jeans. Se aquele homem estivesse passando fome na calçada não seria problema de ninguém que estivesse usando uma calça jeans. Ao mesmo tempo que descobri isso, ficou a lacuna misteriosa do porque da bainha pescando siri.



Epidemia

Numa certa Faculdade os melhores alunos estavam desenvolvendo uma certa forma de depressão que as autoridades começam a desconfiar de drogas ou de algum vírus. Mas tinham certeza da existência daquela força atuando para o mal. Os investigadores ciosos do patrimônio intelectual do país iniciam a investigação. Algumas semanas se passam e os primeiros resultados levavam a existência de uma seita satânica que atuava de forma neurolinguística utilizando palavras de frequência negativa, por isso depressoras. Uma vez instaurado o processo neurodegenerativo, o organismo não retornava ao seu estado de equilíbrio. A única motivação do grupo era o prazer de praticar a maldade e jogar os colegas no fundo do poço. Não havia nenhuma outra vantagem naquilo.





MINICONTOS

Por Flavio Joppert

Cuidado com o Babaca - Socorro

Certa vez Fritilo questionou a médico se por ter tomado remédio genérico precisava amputar o pênis. O médico que já conhecia ele questionou o fato de que todas as hipóteses seriam aceitas. Voltando para casa, acabrunhado com o remédio que tomava decidiu convidar e amputar os genitais dos garotos que conhecia, transformaria eles em mulheres, como uma afirmação máscula de quem tomou remédio, e quer se vingar. Feito isso, elaborou o convite, o local, e o valor. De tantos pênis amputados parte seria doada para caridade. Foi assim que aquele menino babaca, teve um certo destaque na sociedade local.



O Marcador Energético



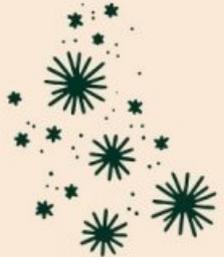
Tárcio, cidadão medíocre tinha desenvolvido a tecnologia de aborrecer as pessoas. Em sua rua a noite, esfregava suas fezes nos carros das vizinhas que haviam estacionado eles na rua. Como as garagens comportavam apenas um carro, muitas vezes elas não tinham outra escolha a não ser parar na rua. Quando aquilo acontecia, determinado por fases da lua, que como os epitocos, disparavam um processo maníaco de coprofilia. Borrados os carros, ele assistia sonsa e gaiatamente o escândalo pela manhã. Muito mais preocupada com isso, doque com homicídios, a policia destacou um grupo de investigadores especialistas em excremento. Analisando as amostras reconstituíram o habito alimentar do maníaco, e observando seu perfil psicológico gerado nos estudos comportamentais concluíram que poderia se tratar de um canibal pelas altas proporções de fibra de proteína animal. Conversando com especialistas comportamentais, e do assustador caminho que a investigação levava, ouviram do grupo antropológico: trata-se de um comportamento símio. Como os gorilas, ele esfrega as fezes nos carros delas, porque além do carro ser um símbolo fálico, ele como primata tem o instinto de exercer a masculinidade.



Sirianos



Ouve-se dizer que em Sírios a população é hermafrodita. O dimorfismo sexual é que as fêmeas têm o genital menor que os machos. O genital masculino, penetra a cloaca de onde saem as fezes e o filhote. Do genital masculino saem o sêmen e a urina, algo parecido com as nossas galinhas. A população, antropomórfica pelos seus níveis de inteligência, impôs a lei marcial. Lá se a fêmea for fecundada deve ser executada porque teve relações sexuais o que é considerado imoral para a sociedade estelar. Uma vez realizado o coito, e desenvolvida a gravidez, ela é identificada e condenada a morte, porque seria lá, o que aqui é considerado ser pecadora.





MINICONTOS

Por Flavio Joppert

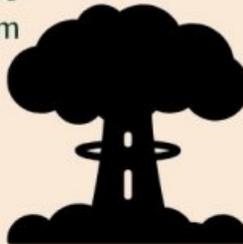
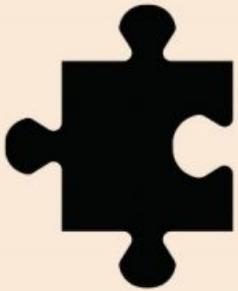
A Boa Viagem

A moça de rabo miúdo fazia as vezes de cortesã para enganar as meninas lésbicas e no escuro dar um susto nela quando todos ascendessem a luz. Passa boi, passa boiada, os bois de piranha se foram, pegaram ela. Uma índole completamente perversa, ganhou uma viagem para Holanda para passar décadas de sua vida num hotel 6 estrelas na tentativa de corrigir a educação que havia corrompido seu caráter e consciência. Todos eram unânimes quando o ser humano nasce sem uma deformidade mental, nasce bom, mas a sociedade o corrompe.



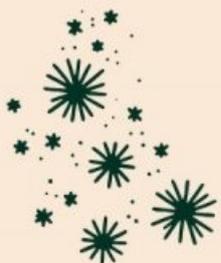
A Baleia Azul

Na Dinamarca a tecnologia de tratamento de água provocou com os produtos químicos uma reação que as fezes com urina na privada ficavam como uma tintura vermelha, muitas pessoas que não tinham histórico de problemas gástricos apresentou AVC. O caso conhecido e estudado acontecia numa reação química ocorrida a frio. O fato se repetia no inverno, e já era bem estudado. O caso é que no Mundo em desenvolvimento de clima tropical, acontece da tintura de iodo utilizada no tratamento de efluentes tingir o vaso sanitário de vermelho. Mas a gente não está no Polo Norte para cair em esquecimento e entrar numa fria.



A Bomba de Molibdênio

Uma certa contaminação no solo, causada por testes de armamentos feitos a base de chumbo, estava causando a cegueira em patos selvagens. Uma completa monstruosidade a degeneração do nervo ótico dos animais. Desenvolvendo adaptações evolutivas eles começavam a voar no escuro como morcegos. Foi ai que o veterinário resolveu dar um banho de pipoca no pato para ver se curava.





MINICONTOS

Por Flavio Joppert

A 6ª. Coluna

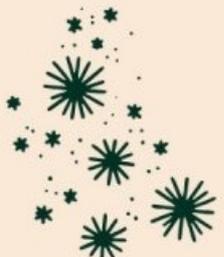
Quase um século depois da derrocada do III Reich, no Brasil, descendentes da 5ª. Quinta Coluna se organizaram num bando de neonazistas que infelizmente foram no Congá de Macumba da vovó quebrar tudo que era santo de barro. A velha quase ficou de boca torta. O grupo covarde colocou a culpa no Evangélicos. Pouco sabem que parte dos Evangélicos são Marianos, outra parte são Menonitas, ou seja como Quakers são completamente adeptos da não violência e pacifistas. Vovó lançou um encosto de lobisomem e outro de vampiro sobre o bando quando disse: eu não estou vendo isso. A turma da DPO sabia quando o jipe panzer deles cruzava a ponte para ir quebrar Congá de Macumba pela baixada fluminense, tudo de madrugada como a noite dos cristais, mas os cacarecos eram de barro.



O Banho de Pipoca



Numa sociedade do futuro, quando a criança era aplicada em fazer besteiras, arrumar encrencas, e por isso identificada como uma futura infratora, se iniciavam sessões de banho de pipoca, antes que o padrão de sociopata iniciasse a degeneração dos transtornos de personalidade. O banho de pipoca tinha a proposta de corrigir aquela energia negativa que começava a controlar o ser em desenvolvimento. Somente uma sociedade do futuro desenvolveria um tratamento mais moderno que o ortomolecular, seus fundamentos eram todos baseados na física quântica.

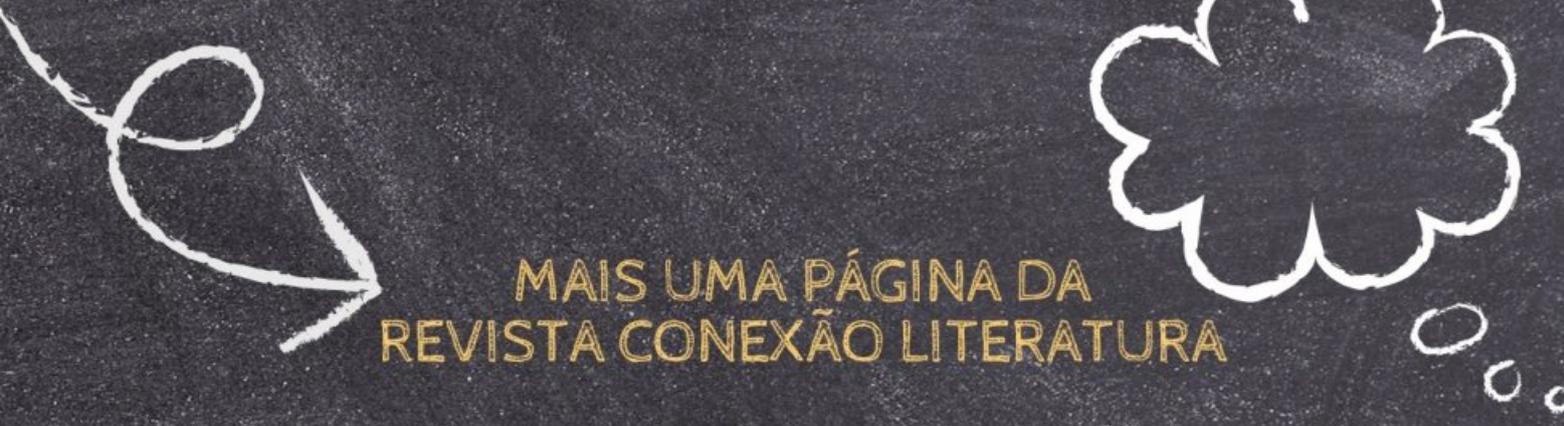


Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Flavio na Niteroiense de Letras

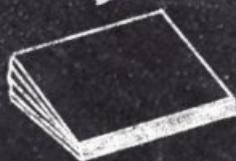
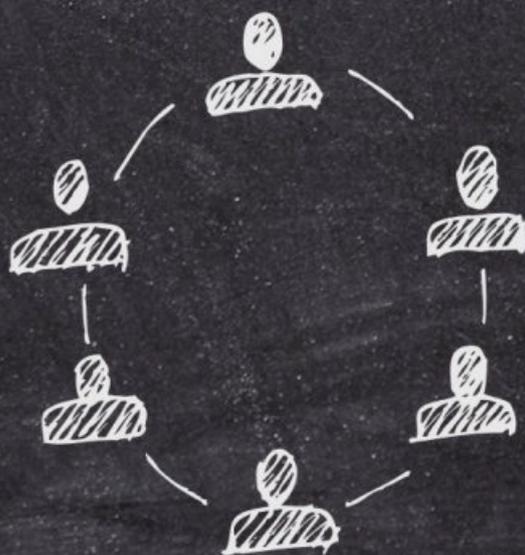




MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

FLUIR DAS HORAS

Por Marco Antônio Frozi Filho



Lembro do tempo de antes
quando a brisa era mais leve
e as brumas ainda estavam perceptíveis
no fluir das horas.

Via ventos de fim de tarde em outros tons
e os dias também.

O compasso do relógio,
cronometrando a existência
não fazia parte da vida,
o dia a dia, breve e absoluto,
convidava-me aos sonhos
e desafios pela busca do desconhecido.

Ainda prestava atenção em sois, pé na areia do mar,
mar, primaveras, pássaros, verões, algumas pessoas (festas da alma)

Os primeiros anos sempre foram impávidos,
serenamente alheios ao insensível da realidade,
do pesar dos anos,
dos passos das horas,
No caminhar irregular
do pesar das palavras.

Meu nome é Marco Antônio Frozi Filho nasci em 16 de abril de 1986, portanto tenho 38 anos, sou graduado em Letras-Licenciatura Plena pela Faculdade Porto-Alegrense. Tenho Especialização em Assessoria Linguística e Revisão textual pela FAPA e Especialização em Educação Inclusiva, Especial e Políticas públicas de Inclusão pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente, sou professor na rede estadual do Rio Grande do Sul, sou natural da cidade de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul). Já trabalhei como professor pela Prefeitura do Município de Canoas e também já trabalhei como professor de português pela Prefeitura de São Leopoldo.

Entrevista exclusiva com Geny Vilas-Novas

POR ADEMIR PASCALE



Geny Vilas-Novas - Foto divulgação

Geny Vilas-Novas é uma escritora brasileira de 75 anos. Nascida em Minas Gerais, a autora faz questão de revisitar a sua terra através de sua delicada narrativa de memórias. Há mais de 35 anos escreve contos e romances. Geny tem uma voz bastante particular nas suas produções, que de acordo com Antônio Olinto, da Academia Brasileira de Letras, a característica de sua obra é apresentar “um Brasil que era nosso e não sabíamos”. Elogiada por Ziraldo e comparada a Guimarães Rosa, Geny foi semifinalista do prêmio Oceanos de 2018, ficou em 3º lugar no Prêmio Júlia Lopes de Almeida 2023, e coleciona menções honrosas em concursos como o realizado pela Academia Feminina Mineira de Letras e pelo Concurso Internacional de Literatura UBE.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Conexão Literatura: Geny, você escreve e cria suas histórias há mais de 35 anos, poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Geny Vilas-Novas: O meu início foi frequentando a Oficina Literária do professor Ivan Cavalcanti Proença (OLIP), desde 1988 e ainda hoje, estudando técnicas literárias.

Conexão Literatura: Já são mais de 15 livros publicados, sendo o lançamento deste ano o livro "Um lugar muito distante" (Ed. 7Letras). Poderia nos contar, em suas palavras, sobre o que o leitor pode encontrar em "Um lugar muito distante"?

Geny Vilas-Novas: Cada leitor tira conclusões e aprendizados diferentes do mesmo livro. Um bom livro oferece muitas leituras, inclusive quando o mesmo leitor o reler.

Conexão Literatura: Com tantos livros publicados, como é o seu processo de criação? Você carrega consigo inspirações para suas obras?

Geny Vilas-Novas: O meu processo criativo é muito espontâneo, não obedeco a nenhuma regra. Tanto pode ser de manhã ou me acordar no meio da noite para escrever e ir até ao meio dia sem parar nem para tomar café. Também quando eu não quero escrever e a ideia vem eu faço bilhetinhos e anotações. Eu não escrevo livros, escrevo frases e as frases escrevem meus livros.

Ana Rita de Calazans Perine: Poderia destacar um trecho de algum de seus livros especialmente para os nossos leitores?

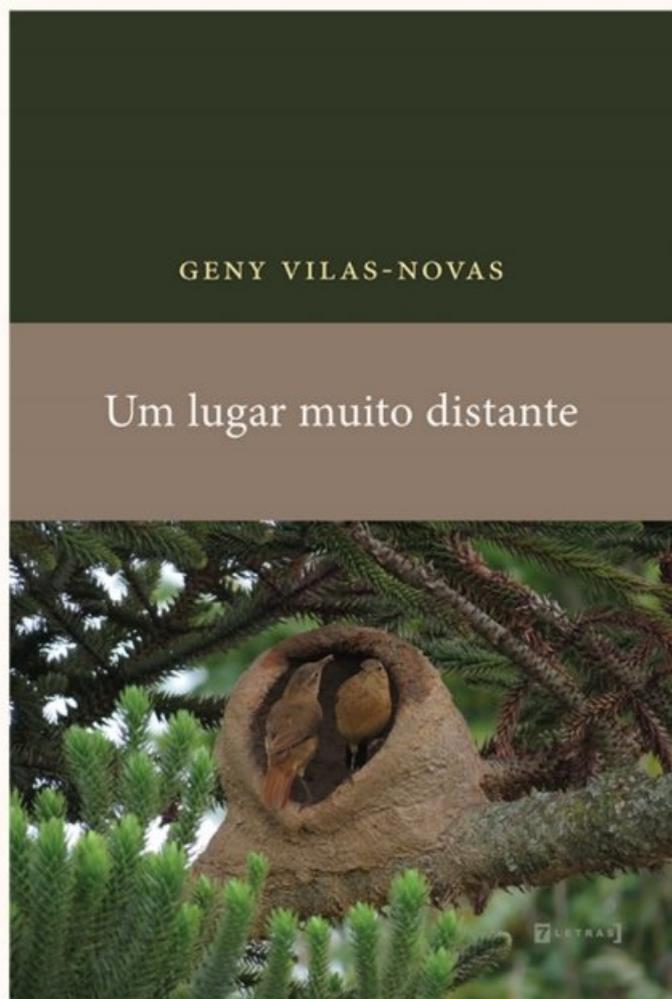
Geny Vilas-Novas:

Início de um capítulo de "Um lugar

muito distante."

"Dizem que a noite chega mais forte em certos lugares. Era assim que ela chegava ao Sítio de Cima. Acendíamos as lamparinas, os lampiões Alladim. Mais modernamente os lampiões a gás. Mas se olhássemos pela janela não enxergávamos nada. Era uma cegueira sem fim. Um breu! Nada espantava o negrume. Principalmente em noites de chuva ou quando roncavam os trovões.

Um manto negro revestia os verdes das serras e das várzeas salpicadas de por vaga-lumes. Os pássaros noturnos piavam macabros, parecidos



com sacis, demônios ou fantasmas. Os animais domésticos adormeciam, os sapos coaxavam nos baixios. Os humanos se confinavam nas casas, torturados pela escuridão.

Minha irmãzinha e eu olhávamos os insetos se chocando contra os vidros dos lampiões ou se queimando nas chamas das lamparinas. Projetávamos na parede com as sombras das nossas mãos cabeças de coelhos, de cavalos, de cães e aves voando.”

Conexão Literatura: Geny, você já foi semifinalista no Prêmio Oceanos e coleciona menções honrosas em outros concursos literários. Recentemente, o seu livro "Todo dia é domingo" (Ed. 7Letras) ficou em 3º lugar na categoria de romance do Prêmio Júlia Lopes de Almeida, do Concurso Internacional de Literatura UBE RJ 2023. Como você se sente, como autora, tendo seu trabalho reconhecido por essas premiações?

Geny Vilas-Novas: Os prêmios são mágicos, voláteis e fugazes, duram alguns minutos e evaporam. O que fica é o trabalho duro, árduo e pesado. Muitas vezes sinto a ilusão de estar criando. Embriagada desta ilusão. Imagino estar criando maravilhas, não há nada mais triste do que a ilusão de estar criando.

Conexão Literatura: Você recomenda algum livro como porta de entrada à sua escrita para os leitores?

Geny Vilas-Novas: É uma pergunta muito difícil. Um lugar muito distante é um livro delicado. Flores de vidro, Onde está meu coração e Fazendas ásperas fazem parte de uma trilogia. E Fazendas ásperas ficou como semifinalista do prêmio Oceanos de literatura. Depende muito do gosto do leitor. Foram todos escritos com o mesmo cuidado.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você?

Geny Vilas-Novas: Os leitores podem encontrar meus livros através do meu site:

<https://genyvilasnovas.com.br/livros>, pelo site da Editora 7Letras <https://7letras.com.br/Autor/geny-vilas-novas> ou pela Amazon.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Geny Vilas-Novas: Estou escrevendo dois livros ao mesmo tempo: Minas Gerais vista pelo lado de dentro e O medo pode mudar de lugar.

Perguntas rápidas:

Um livro: História da guerra do Peloponeso

Um escritor: Kobayashi Issa

Um filme: Baladas de Narayama

Um hobby: Jardinagem, ler e escrever.

Um dia especial: O nascimento dos meus filhos.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**A NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ**



Entrevista exclusiva com Dr. Jorge Guedes

POR ADEMIR PASCALE



Dr. Jorge Guedes - Foto divulgação

Dr. Jorge Guedes é um renomado profissional na área da saúde mental e espiritual, com mais de 38 anos de experiência. Atua em diferentes países, principalmente em intercâmbio entre América do Sul e Europa, atendendo um mês no Brasil e um mês em Portugal.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início como escritor?

Dr. Jorge Guedes: A vontade de escrever sempre foi inata, porém sempre seguiu etapas, entre começar a escrever e começar a publicar as obras houve um intervalo necessário para o amadurecimento pessoal e literário.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Higienização Mental". Poderia comentar?

Dr. Jorge Guedes: É um guia completo com 81 páginas, repleto de passos práticos e insights para ajudar na jornada rumo à paz interior. O e-book oferece técnicas de meditação, exercícios de mindfulness e reflexões que guiam na busca pelo equilíbrio emocional e mental.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Dr. Jorge Guedes: Assim como a maioria dos processos de preparação é necessário um nível de concentração e equilíbrio e por se tratar de assuntos pontuais é preciso conhecimento de causa a cerca do trabalho que está sendo desenvolvido.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Dr. Jorge Guedes: “A vida é mais do que apenas viver, invista tempo e higienize a mente para controlar os impulsos de ansiedade, angustia, medo e insegurança.”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Dr. Jorge Guedes: A leitura no Brasil ainda é um assunto complexo devido ao nível de interesse pessoal e da disponibilização do acesso ao material, apesar da evolução da tecnologia, a mesma que serve para libertar, também serve para oprimir.

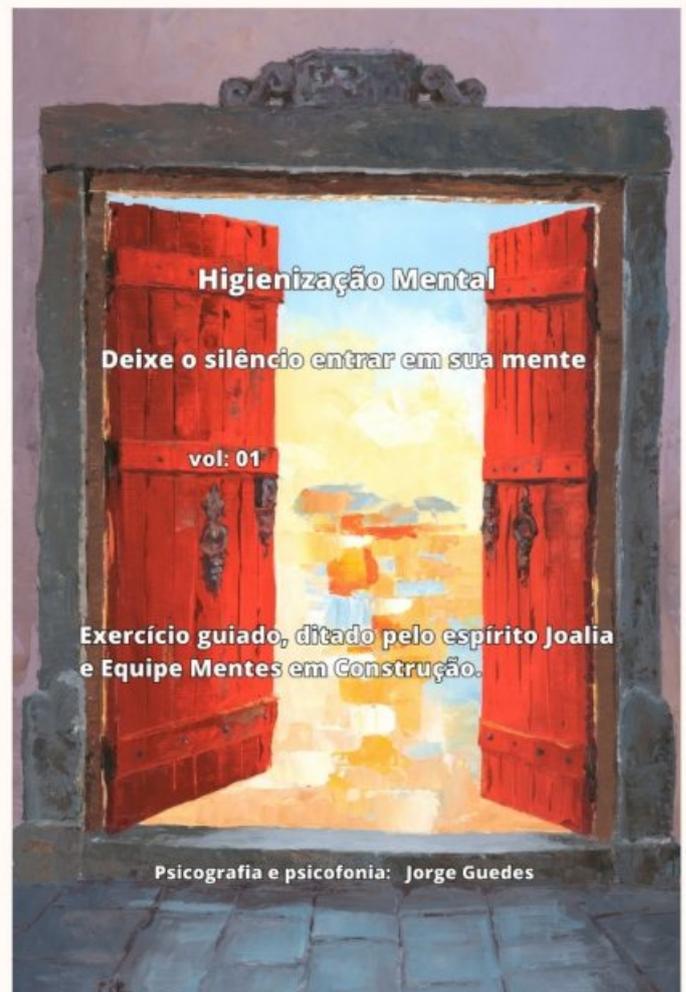
Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Dr. Jorge Guedes: O leitor pode acessar o site

<https://www.drjorgeguedes.com.br/loja/> e a plataforma Hotmart. Em breve estará disponível no Amazon o e-book e a versão física, assim como a versão física também será disponibilizada no Hotmart e ficará à disposição dos leitores. É possível conhecer mais do trabalho também através das redes sociais: @psic_quantica (Instagram); Dr. Jorge Guedes Neuropsicanálise (Facebook) e drjorgeguedesoficial (Tiktok).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Dr. Jorge Guedes: Sim, existem vários



projetos encaminhados é questão de tempo para organizar e disponibilizar.

Perguntas rápidas:

Um livro: Senzala.

Um ator ou atriz: Robert de Niro.

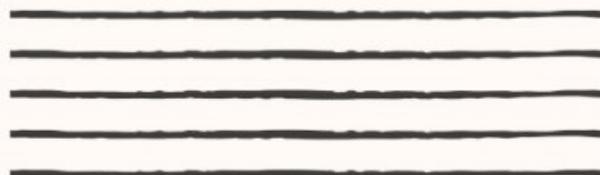
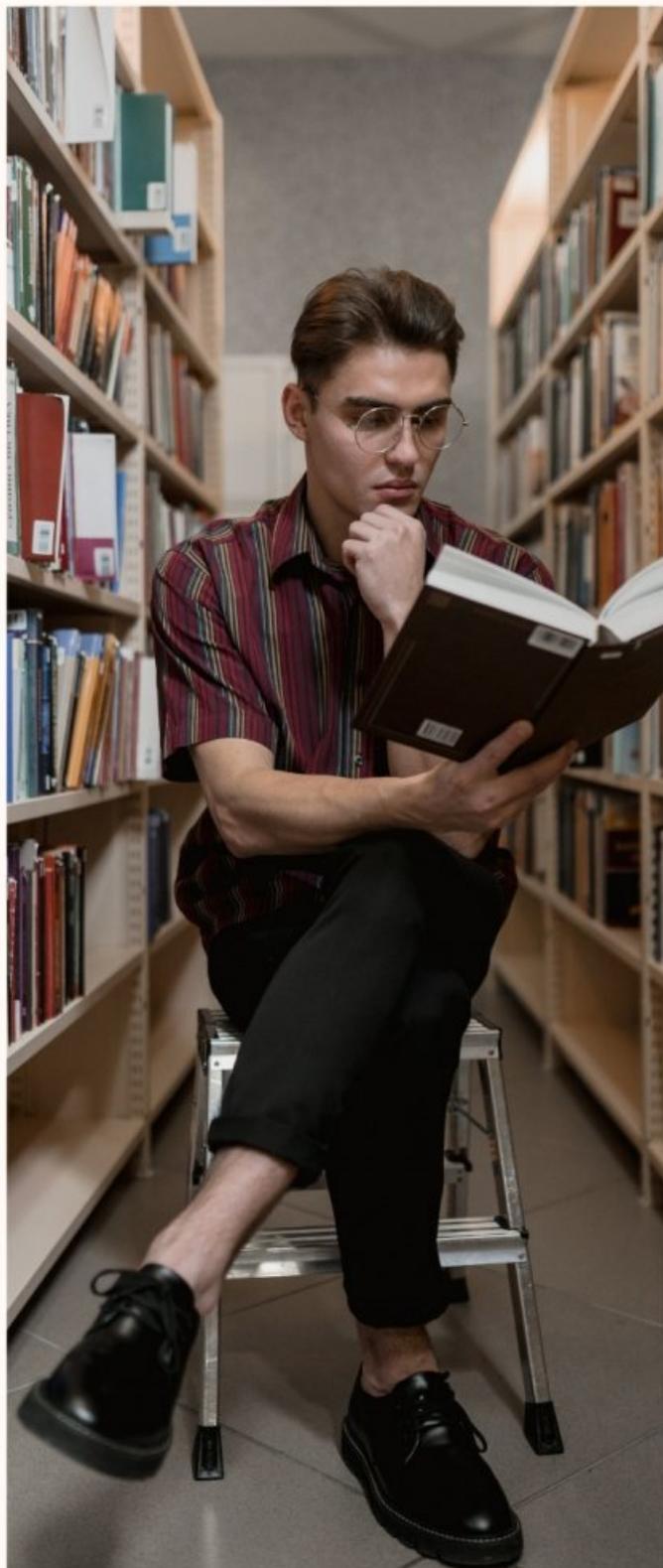
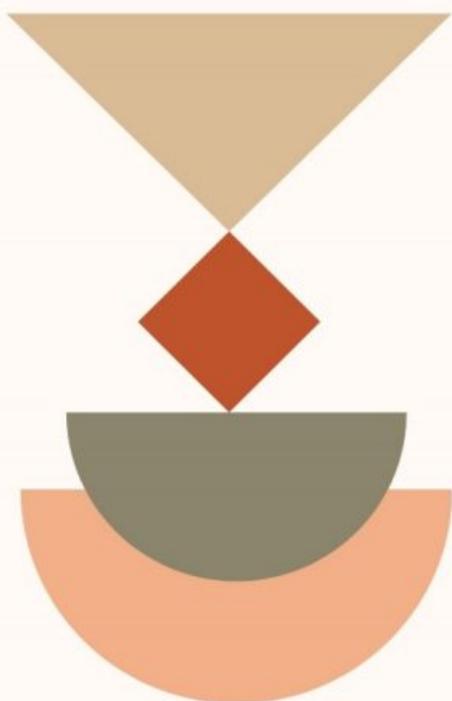
Um filme: Gladiador.

Um hobby: Ler.

Um dia especial: Todo dia é especial.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dr. Jorge Guedes: “Valorizar o preconceito é o mesmo que coroar a hipocrisia, venerar a fraqueza moral e declarar ser cúmplice da profunda falta de conhecimento, quanto a existência de princípios e valores que regem a ética e a humildade.”





ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO

Entrevista exclusiva com Fabrício Cardoso

POR ADEMIR PASCALE

Fabrício Cardoso - Foto divulgação



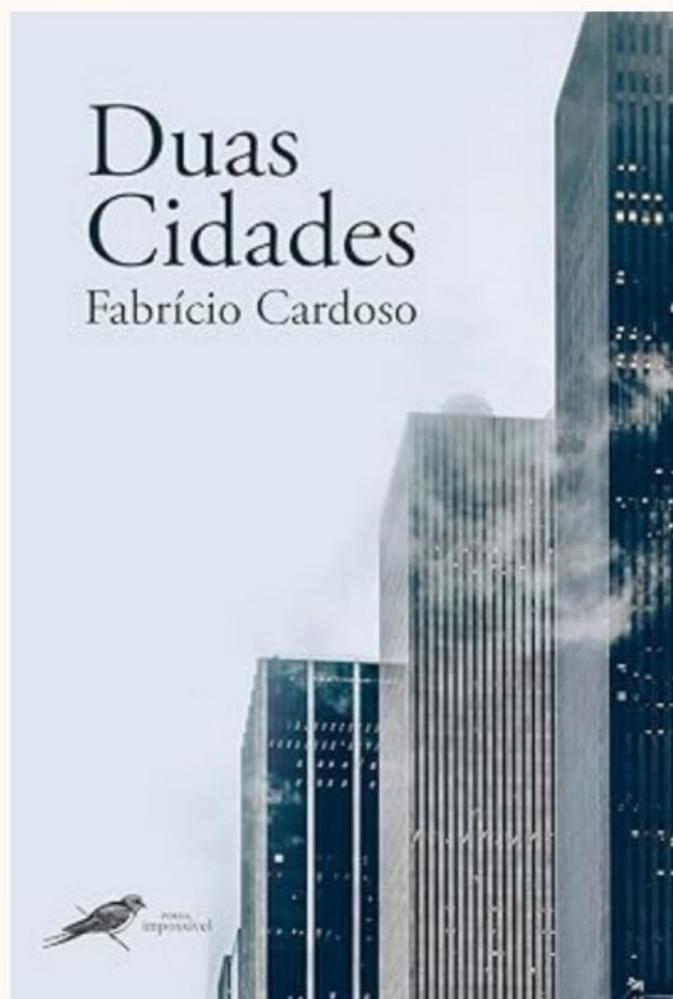
Poeta e Historiador Fabrício Cardoso é natural do Rio Grande do Sul, mas, radicado em Santa Catarina. Autor do livro *Duas Cidades* (Editorial Atlântico, 2021) sua poesia apresenta as influências de uma vida urbana, onde aspectos da memória e da vida se entrelaçam em palavras que traduzem o mundo em que vivemos.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fabrício Cardoso: Sempre tive um gosto pela leitura, sabe aquele menino tímido que encontrava na literatura seu refúgio para encarar o mundo. Assim, escrever começou como uma maneira de interpretar o mundo que havia em mim, meus dilemas de adolescência, acho sempre importante contar esse início, pois, foram estes primeiros escritos que me motivaram a caminhar pela estrada literária. Porém, minha vida atribulada também se refletiu no campo literário, primeiro era necessário me ver

como alguém que poderia escrever algo que fizesse sentido para mim e para as pessoas ao meu redor. Sou professor e fui estudante de jornalismo, dessa maneira, escrever como profissão já estava no percurso. Mas, a virada de chave foi ter encontrado fortes laços de amizade que viram para além da escrita uma humanidade no que eu me propunha. Escrevia, traduzindo os sentimentos daqueles que estavam ao meu redor, a esse mundo multifacetado e desafiador ao qual vivemos. Tive uma trajetória como à de vários outros autores no Brasil. Enviei meu material na busca de ser lido, de uma chance para me conhecerem, vários não, e, isso faz parte dessa carreira, tendo sido em 2011 o início dessa caminhada. Mas, por volta de 2017, após tanto insistir, tendo começado e recomeçado tantos projetos, tive a oportunidade de participar de um concurso literário que envolvia uma editora em Portugal, nunca fui ao país (quem sabe no futuro), porém, foi lá que recebi uma avaliação, e, melhor ainda, era uma avaliação positiva. Minha escrita fazia sentido, foi o que pensei. Entretanto, o sonho de produzir um livro precisou ser adiado um pouco, nesse tempo, minha mãe precisou de cuidados de saúde, foi um momento bem difícil em particular e infelizmente veio a falecer em 2018. E como todos sabem logo depois veio a Covid-19 em 2020, fazendo as

distâncias da produção do livro aumentar. No entanto, em 2021, pelo Grupo Editorial Atlântico, em Lisboa, meu projeto intitulado Duas Cidades enfim foi lançado, contando um pouco daqueles dez anos que havia vivido na poesia e abrindo as portas para um novo mundo do qual sempre havia sonhado em entrar. Acredito, que cada livro escrito, cada poema no meu caso, carrega sonhos, aspirações meus, vividos como, por exemplo, na minha cidade natal em São Leopoldo no Rio Grande do Sul e que com o lançamento puderam ser compartilhados com outros sentimentos de pessoas que nunca os



vi no Brasil, em Angola, Cabo Verde e tantas outras cidades deste mundo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Duas Cidades". Poderia comentar?

Fabrício Cardoso: Sim, o livro Duas Cidades nasceu desse intuito de valorizar a minha caminhada como escritor e, justamente o seu título é uma metáfora de minha vida. A cidade que habita em mim e aos quais debruço o meu olhar dialoga com o mundo físico e das sensações. Assim, a cidade e as cidades aparecem na minha escrita, como cenário, nas diversas vidas e experiências, que podiam ser minhas ou daquelas que captavam a minha atenção. Como diria Walter Benjamin (historiador do início do século XX), ele era um "flâneur", um sujeito que ao passear pelas ruas, ele as sentia, assim, como Carlos Drummond de Andrade também o fazia no Brasil. Já podes perceber as influências literárias que caminham em minha mente. Assim, cada dia, mesmo que um ato simples procura interpretá-lo, e, dessa maneira, acabo produzindo uma poesia humana. Duas Cidades se eu posso contar foi dividido em três partes, três atos de uma peça teatral, na primeira vocês encontrarão o Fabrício professor, com os contatos das vidas que tive com os meus alunos (fui professor na periferia de São Leopoldo), traduzindo as agruras, lutas e vitórias dessas

vidas em poesia. Também, terá os meus dilemas com o luto, a memória, a perda, e a fugaz sensação da vida. Na segunda parte vem o tema por excelência do poeta, o amor, os desamores, a frustrações, os não que recebi e transformei em histórias a serem contadas. E, por fim, lá estarão às memórias vivas, as homenagens, transformei as perdas em um ato de recordar, por isso a última etapa é a da valorização da vida daqueles que mesmo por um segundo transformaram e aqueceram o meu coração de escritor.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fabrício Cardoso: Cada poema é um encontro único, mas, gosto de dizer que a poesia vem dos vários diálogos com a realidade, seja a que vivo diretamente, ou, a que existo. Lembro que Mario Quintana costumava anotar uma ideia e depois ia trabalhando sobre ela, neste sentido, também sigo este mesmo exemplo. Meu bloco de notas do celular é recheado de ideias, poemas que estão nascendo. Porém, também, como um historiador acabo tendo muito contato com tantas vidas, assim, essas experiências do ouvir o outro acabam servindo de inspiração para contar as histórias. Fernando Pessoa, dizia que o poeta era um mentiroso, mentia o sentir tão bem que passava a ser verdade, acredito

que não seja mentira, mas, o ato de captar as sensações e exercitar a empatia literária, dessa forma, as histórias são espelhos da vida. Também, mais para o lado pessoal minha produção vem dos momentos, gosto de um lugar calmo para refletir, isso me mantém conectado com as minhas ideias, apesar, da correria do dia- a -dia. Sobre as inspirações, algumas já as citei acima, Fernando Pessoa e Mário Quintana, ou Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda todos são leituras que amo ler e reler, mas, Zygmunt Bauman, Sartre e Dostoiévski também são leituras recorrentes que me inspiram na hora de produzir. Engraçado que quem for o que escrevo perceberá as referências sutis que deixo em cada poema destes autores e de tantos outros.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fabrício Cardoso: É sempre difícil escolher somente um poema, mas, vou procurar escolher algumas partes que ajudam a descrever meu trabalho:

“Vejo nos olhos dessa gente!
Mais do que vocês podem entender!
Pois, não foi a fome, o frio, a dor,
A solidão que os derrubou
Pois, uma alma que sonha.
É uma alma eterna.
E mesmo que toda a escuridão do universo

Surjam sem a gente perceber
Lembre-se que somos feitos
Com a mesma força que fazem as
estrelas viverem
E então...
Brilhe!”
(Trecho do Poema “Somos Estrelas”,
livro: Duas Cidades)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fabrício Cardoso: Para aqueles que querem adquirir o livro Duas Cidades poderão comprar o livro pela Amazon (<https://www.amazon.com.br/Duas-Cidades-Fabr%C3%ADcio-Cardoso-ebook/dp/B09VLHXWBG>) , site do Grupo Editorial Atlântico, portal da Martins Fontes Paulista (<https://www.martinsfontespaulista.com.br/duas-cidades-972016/p>) e também, podem optar pela versão e e-book. Já para acompanhar meu trabalho de escrita e dialogar comigo conseguirão pela minha página no Instagram: @poeta_fabri_cardoso

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura em nosso país?

Fabrício Cardoso: Essencial pergunta, afinal, quando escrevemos algo é também para ser lido por alguém. E, essa análise pode gerar tantas outras, como os nossos leitores estão lendo? O que estão lendo? O que querem ler?



Como nosso mercado editorial está pensando essa escrita? E, se existe espaço para o escritor independente. Quando se inicia um caminho literário sempre nos paira no ar a questão, seremos lidos? Será um Best-seller ou algo do gênero. Bom, isso é uma das preocupações que eu tive e que já ouvi de tantos outros escritores nessa jornada literária. A literatura é ampla, e, não sou daqueles que acha que o nosso país lê mal, por vezes, sinto que ele é direcionado para esse caminho, mas, perceba, é uma análise crítica que aumenta os horizontes da sociedade. Eu poderia ser simplista e dizer que sinto uma receptividade do público africano, e, até mesmo do português são diferentes ao do brasileiro. Talvez, isso faça sentido por meu estilo poético ser mais contemporâneo e não buscando algo rebuscado. Porém, creio que deva e que, exista espaço para toda literatura. Nossos leitores não mudaram, apenas, o que houve foi uma mudança de como os encontrá-

los. As plataformas digitais, as redes sociais, os eventos online nos permitiram alterar nossas fronteiras do mundo conhecido. Outras formas de fazer e sentir a literatura também trouxe novas maneiras de ser leitor. Vejo com bons olhos essas releituras dos clássicos feitas por influencers no TikTok, esse resgate repaginado de um Machado de Assis, ao mesmo tempo, adoro entrar em sebos e perceber o êxtase de muitos leitores ao tocar nos livros físicos empoeirados do lugar. Claro que poderíamos ler mais, isso, manteríamos mais críticos da realidade, ainda temos pessoas analfabetas no país, assim, as discrepâncias de um continente nação são vistas e percebidas por nós que escrevemos. Óbvio que nem tudo são flores, mas, creio que o que estamos fazendo aqui é sim, uma das maneiras de fortalecer a leitura e a literatura em nosso país. E, que haverá um novo sol e um novo horizonte amanhã.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fabrizio Cardoso: Sim, está programado para sair no início de 2025 meu segundo livro de poesias intitulado Geografia Sentimental, esse projeto começa na Pandemia e trabalha muito com a temática das distâncias, e, da realidade em que vivemos como sujeitos do século XXI. Será um prazer contar futuramente

como foi esse projeto ao seu público leitor.

Perguntas rápidas:

Um livro:) O que sempre está na cabeceira da cama, Crime e Castigo e Fiodor Dostoievski

Um ator ou atriz: Penso em George Clooney ou Herrison Ford, minhas influências nerds, ou, Keira Knightley de Orgulho e Preconceito.

Um filme: Sempre cito Orgulho e Preconceito, a versão de 2005 do romance da escritora inglesa Jane Austen.

Um hobby: Quando não estou lendo, ou contemplando a natureza, me dedico ao futebol e aos esportes em geral.

Um dia especial: Aquele em que posso conviver com as pessoas que eu amo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fabrício Cardoso: Claro, agradeço ao espaço de poder contar um pouquinho sobre mim, pela gentileza das perguntas. E, convido a todos a me acompanharem nas minhas redes sociais, conhecerem o livro Duas Cidades e que também venham a conhecer o livro Geografia Sentimental. Muito obrigado a todos.



**DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA**



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

Entrevista exclusiva com Gabriel Casagrande

POR ADEMIR PASCALE



Crédito: Caillane Monique da Silva

Em Vale Tudo, a nova comédia de Gabriel Casagrande, o desbocado estudante de Jornalismo Renan Cunegundes está determinado a aumentar a visibilidade de sua coluna Boca de Fogo no jornal da faculdade, mesmo que isso signifique semear a discórdia entre seus colegas. Ele não mede esforços para manter seu público engajado, utilizando de técnicas sensacionalistas que culminam em um verdadeiro caos na universidade ao cobrir as eleições para o Diretório Central dos Estudantes e acusar, sem provas, Jean Marcato de desviar verbas do Centro Acadêmico de Direito para custear sua campanha.

CONEXÃO LITERATURA: O que te inspirou a escrever Vale Tudo? Houve algum evento ou experiência pessoal que motivou a criação desta obra?

Gabriel Casagrande: O meu processo criativo sempre acontece a partir de experiências pessoais que me motivam a escrever e temas contemporâneos que eu considero relevantes. A ideia central da trama foi inspirada em uma situação que aconteceu quando eu estava na faculdade. Alguns estudantes da minha classe formaram uma chapa para concorrer à presidência do Diretório Central dos Estudantes, e isso me levou a refletir sobre como alguns tópicos, como a corrupção

política e a criação de espetáculos como forma de controle social e alienação, podem ser observados dentro do microcosmo universitário. Outra experiência que me inspirou a escrever o livro foi quando trabalhei como redator de uma grande página online sobre signos. A busca desenfreada por atenção nas redes sociais e a superficialidade desse ambiente onde muitas pessoas vivem para aparências que quase nunca são verdadeiras foi bastante impactante para que eu pudesse criar a personalidade de Renan. A partir disso tudo, busquei fazer com que minha narrativa dialogasse com os conceitos apresentados por Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo*.



CONEXÃO LITERATURA: Como Debord e *A Sociedade do Espetáculo* influenciaram a sua escrita e os temas abordados em *Vale Tudo*?

Gabriel Casagrande: Renan é um estudante de Jornalismo que não apenas reporta eventos, mas cria cenários dramáticos para chamar atenção. Isso espelha o argumento de Debord de que, na sociedade moderna, as relações sociais são mediadas por imagens, e o espetáculo se torna uma forma de controle social e alienação. A realidade dos fatos que Renan narra se tornam secundários aos espetáculos que ele consegue criar a partir disso.

CONEXÃO LITERATURA: Há algum outro

autor ou obra, além de Debord, que te influenciou diretamente na escrita de *Vale Tudo*?

Gabriel Casagrande: Além de *A Sociedade do Espetáculo*, que utilizei como referência teórica para embasar a narrativa, duas grandes influências foram a peça *O Bem-Amado*, de Dias Gomes, e a novela *Vale Tudo* de 1988, escrita por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères. A peça de Dias Gomes chegou a ser referenciada no meu livro, quando Renan compara a situação entre eles com a “primeira versão gay de *O Bem-Amado*”. Ela é uma sátira que critica a política brasileira e a corrupção. Renan é um personagem tão ambicioso e

manipulador quanto Odorico Paraguaçu, que usa de todos os meios possíveis para atingir seus objetivos políticos. A novela de Gilberto Braga que inspirou o título também trata da ambição e das consequências das escolhas éticas. Tanto Renan quanto Letícia têm muito da personalidade de Maria de Fátima, personagem interpretada por Glória Pires que busca status social a qualquer custo.

CONEXÃO LITERATURA: Você utilizou alguma técnica literária específica que considera essencial para seu estilo de escrita?

Gabriel Casagrande: Tanto em Vale Tudo quanto no meu próximo livro, atualmente em desenvolvimento, eu uso a estrutura narrativa de três atos. Os três primeiros capítulos são a introdução da história: apresenta o cenário, os personagens e o enredo. Os três capítulos seguintes se tratam do desenvolvimento do conflito, que é intensificado e a tensão aumenta. Por fim, nos três capítulos finais, o clímax acontece com o desfecho da história.

CONEXÃO LITERATURA: Qual tem sido a recepção do público e da crítica até agora? Alguma reação ou feedback te surpreendeu?

Gabriel Casagrande: Estou muito satisfeito por ter recebido comentários de leitores dizendo que riram muito ao decorrer da leitura e

que eles se divertiram com a história. Eu não escrevia uma comédia desde o Diário de uma POC Venenosa, e o Vale Tudo veio de um processo de autorreflexão sobre a minha identidade como autor, qual é a minha proposta artística e o que eu quero transmitir com os meus livros. Uma reação que me surpreendeu foi quando uma leitora disse que ler o livro fez com que ela se sentisse assistindo a uma novela. Eu sou extremamente fã do gênero, tanto que, como mencionado, uma das minhas referências foi a novela do Gilberto Braga. No meu Vale Tudo, eu busquei trazer um pouco dessa sensação que a novela trás de você torcer pelo vilão, mesmo que seja amando odiar ou odiando amar, para ver o que ele vai fazer nos próximos capítulos, além de ter usado muitos bordões que costumam aparecer bastante nesse tipo de produção. Essa mesma leitora me escreveu que ela sempre dava uma risada muito sincera toda vez que o Renan falava “eu sou chique” ou “não me chame de Boca de Fogo, o meu nome é CU-negundes”.

CONEXÃO LITERATURA: A dedicatória no final do livro é bastante pessoal e emocional. Você menciona que deu um dos seus livros mais recentes a essa pessoa, mas ele nunca foi lido por completo. Como essa experiência afetou sua visão sobre o reconhecimento e a apreciação do seu trabalho?

Gabriel Casagrande: A pessoa para quem dediquei o livro foi alguém com quem eu acreditava estar criando uma conexão real, mas acabei me decepcionando. Eu me senti como o poema da Rupi Kaur que cito na dedicatória: “eu sou um museu cheio de quadros, mas você estava de olhos fechados”. O meu quarto livro, *Bad Blood*, foi um sucesso que alcançou o primeiro lugar entre os mais vendidos do Kindle da Amazon e a versão em inglês foi lida em oito países diferentes. No entanto, o fato de esta pessoa em específico não ter dado a atenção que eu gostaria para o livro — e, como mencionei na própria dedicatória, espero a sutileza de que ele perceba que não estamos falando apenas de livros —, fez com que eu desejasse ter escrito um livro melhor, mesmo que fosse apenas para ele. Isso me levou ao processo de autorreflexão artística que resultou na criação do *Vale Tudo* e, não posso deixar de mencionar, me rendeu mais um #1 no Kindle. Citando Taylor Swift, “I cry a lot but I am so productive, it’s an art. You know you’re good when you can even do it with a broken heart”.

CONEXÃO LITERATURA: Dedicatórias são uma maneira de os autores se conectarem com as pessoas importantes em suas vidas. Há outras dedicatórias em seus trabalhos anteriores ou futuros que também possuem histórias impactantes?

Gabriel Casagrande: Cada um dos meus livros foi escrito com uma pessoa específica em mente. É como colocar uma mensagem em uma garrafa e saber que, se você tiver sorte, talvez possa chegar até a pessoa em que você estava pensando. E eu fui sortudo o suficiente para quase sempre essas mensagens terem chegado à seus destinatários, provocando todos os tipos de reações possíveis, que vão da nostalgia até pessoas que soube que deram CHILIKUES por conta daquilo que eu escrevi. A pessoa para quem dediquei o *Vale Tudo*, em específico, não demonstrou absolutamente nenhuma reação e eu acredito que ele nem ao menos tenha lido o livro — o que não é nada diferente daquilo que eu já esperava vindo do *Mr. Perfectly Fine*. Paradoxalmente, quase nunca as minhas dedicatórias são destinadas às pessoas que inspiraram a história, mas sim para as pessoas que mais estiveram presentes no meu processo criativo.

CONEXÃO LITERATURA: Quais são os seus próximos projetos literários?

Gabriel Casagrande: Meu próximo livro, o *1998*, é um romance ambientado na São Paulo dos anos 90. Dessa vez, estou buscando retratar minhas próprias experiências escrevendo o *Vale Tudo* no que se refere à busca pela identidade e autenticidade artística, e o meu

conceito central é sobre empoderamento e autoconfiança. Você pode perder uma pessoa e, no processo, encontrar a si mesmo, e de alguma forma isso é tudo. Uma subtrama também vai abordar o adultério como emancipação feminina. Grandes referências para mim neste livro são o álbum 1989 da Taylor Swift, o filme Legalmente Loira dirigido por Robert Luketic, e os livros Dom Casmurro de Machado de Assis e Madame Bovary de Gustave Flaubert.



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



Entrevista exclusiva com Mayra Matuck Sarak

POR ADEMIR PASCALE



Mayra Matuck Sarak - Foto divulgação

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mayra Matuck Sarak: Desde pequena sempre gostei de livros e histórias como forma de estimular a imaginação. Na adolescência lia revistas e gibis de bancas de jornais, livros de bibliotecas públicas que frequentava e da biblioteca da escola que estudei. Sempre interagi com isso de alguma forma, fazia anotações e desenhava alguns rabiscos.

No começo da vida adulta decidi escolher uma profissão que pudesse estar em contato com a leitura e a escrita para “vender” meu tempo com algo que possuo afinidade. Nesse meio tempo escrevi artigos, reportagens e produzi conteúdos de diferentes segmentos no mercado editorial.

Mayra Matuck Sarak é advogada, consultora jurídica e escritora. Pós-graduada em Direito Civil e Processo Civil. Além do exercício cotidiano da advocacia, gosta de trabalhar com processos criativos, multimídia e narrativas diversas.

Meu início como escritora (de livros) foi primeiro com o livro: Tecla Sapiens: Neurociências para Todos, publicado pela Editora Curt Nimuendajú, em coautoria com demais colegas. Essa publicação traz a escrita no formato de reportagem e artigos voltados para as áreas da saúde e da neurociência.

O segundo livro que escrevi foi voltado para o direito: uma escrita dissertativa/argumentativa sobre vulnerabilidades na internet e o crime de stalking: “A Tutela dos Direitos nas Infrações Cibernéticas: Lacunas de Impunidade entre o Tecnológico e o Jurídico”, publicado pela editora Lumen Juris.

Meu terceiro livro é essa HQ e envolve uma história de ficção.

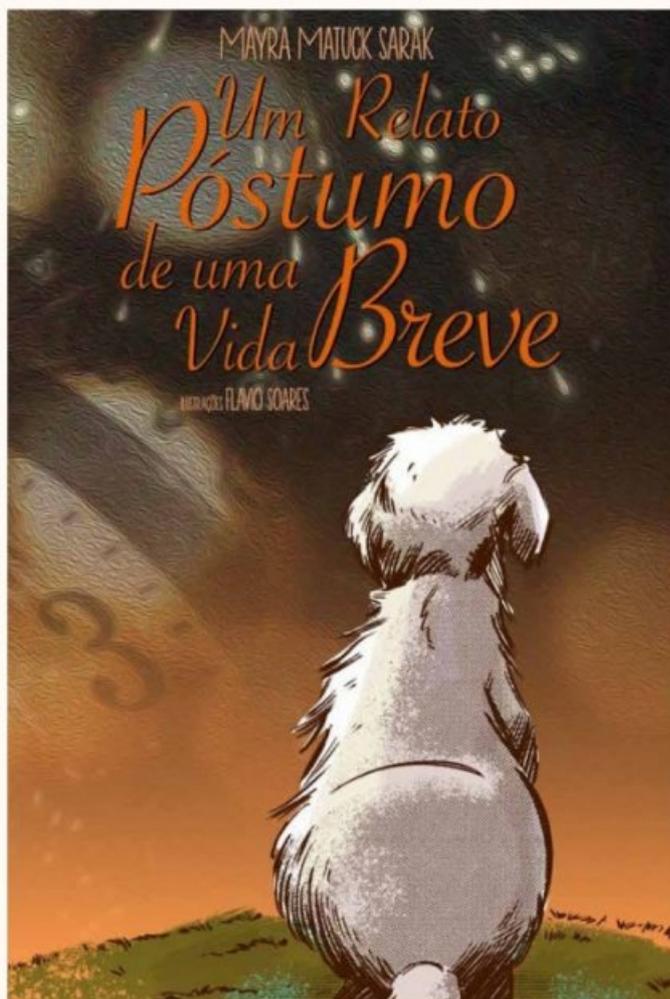
Sou participante e mediadora de clubes de leitura. Leio assuntos da área jurídica e livros diversos, o que me coloca em contato com vários autores. Então, creio que meu início na literatura é um processo contínuo como leitora e autora.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Um relato póstumo de uma vida breve”. Poderia comentar?

Mayra Matuck Sarak: Claro. O livro “Um Relato Póstumo de Uma Vida Breve” é uma História em Quadrinhos (HQ), pois acredito que tem certas coisas que além do texto ganham algo mais com desenhos: principalmente

conteúdos sérios ou críticas sociais. Esse é meu primeiro livro de ficção. Como gosto de HQ’s, escolhi seguir nesse sentido.

A narrativa se enquadra mais no gênero conto, pois a ideia foi oferecer uma leitura mais dinâmica. Assim, desenvolvi o roteiro considerando que nossa espécie (Sapiens) se comunica por símbolos desde a pré-história, os primeiros quadrinhos surgiram nas pinturas das cavernas quando o homem esboçava suas caças, desenhava sua comida e sua casa, rubricava em pedras e tentava esculpir seus desejos, medos ou segredos.



O narrador-personagem é um cachorro rebelde que vive fora de seu habitat natural, em uma cidade e expressa seu ponto de vista sobre viver em sociedade, com humanos e seus costumes.

Segundo o ponto de partida, influenciado por seu amigo de “purgatório cósmico” Machado de Assis, nobre escritor e criador do “emplasto Brás Cubas”, antídoto da melancolia da humanidade, o narrador-personagem resolve abordar postumamente suas memórias caninas de seu legado na Terra.

É uma história sem super-heróis, porém com uma dose de crítica, bom humor e criatividade nesse mundo “esculhambado” sobre a classe de mamíferos/humanos que pertencemos. Também quis homenagear os escritores brasileiros Machado de Assis e Luis Fernando Veríssimo: dois grandes autores, o personagem Wally da série interativa de livros infanto-juvenis criada pelo ilustrador britânico Martin Handford na década de 90 e fiz uma brincadeira com os ensinamentos básicos de Freud e Chico Xavier, que certamente estão no imaginário do leitor atento.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Mayra Matuck Sarak: Isso é difícil de

definir, mas acredito que como qualquer pessoa, ele depende de estímulos internos, externos e como elaboramos isso. Fico atenta em como uma ideia surge, reflito e analiso.

Mas em resumo: tenho muitas ideias e na hora que sento para organizá-las, procuro agrupar de modo sistemático fazendo anotações físicas em um caderno. Estabeleço uma rotina para dar continuidade segmentada e desenvolver um assunto com começo, meio e fim.

Minhas inspirações são diversas: autores decorrentes de leituras que faço como leitora, projetos transmídia e plataformas de streaming que temos todos como consumidores Netflix, Amazon, etc, música, chuva, estrada, algum start repentino, algum stress do cotidiano, sentimentos diversos, um sono reparador, uma conversa despretensiosa, uma experiência inesperada ... enfim: acredito que qualquer inspiração é um processo que uma pessoa experimenta pelo simples fato de estar viva.

Conexão Literatura: Como foi a escolha pelas ilustrações do livro?

Mayra Matuck Sarak: Furneci fotos como ponto de partida e no roteiro escrito delimito cenas e o caminho que gostaria de seguir já indicando alguns elementos de imagem para compor com texto narrativo e cenas de cada página e personagens. Outros

Como somos chatos e teimosos (no bom sentido, espero), tinha algumas passagens que ele não queria abrir mão e eu também, como a tipografia, por exemplo. E isso faz parte de um processo de criação entre dois profissionais cada um em sua “arte”, pois são duas subjetividades tentando se ajustar e se expressar dentro de suas propostas.

Buscamos um equilíbrio narrativo entre o texto e a imagem. Por exemplo: no quadro do nascimento do personagem, destaquei no roteiro para incluir elementos de chuva e um semblante do Freud para expressar para ele o que passava na minha cabeça com o texto escrito sobre aquela cena.

Compartilho esse trecho do roteiro/gestação da criação para dar uma ideia prática de como o projeto se desenvolve:

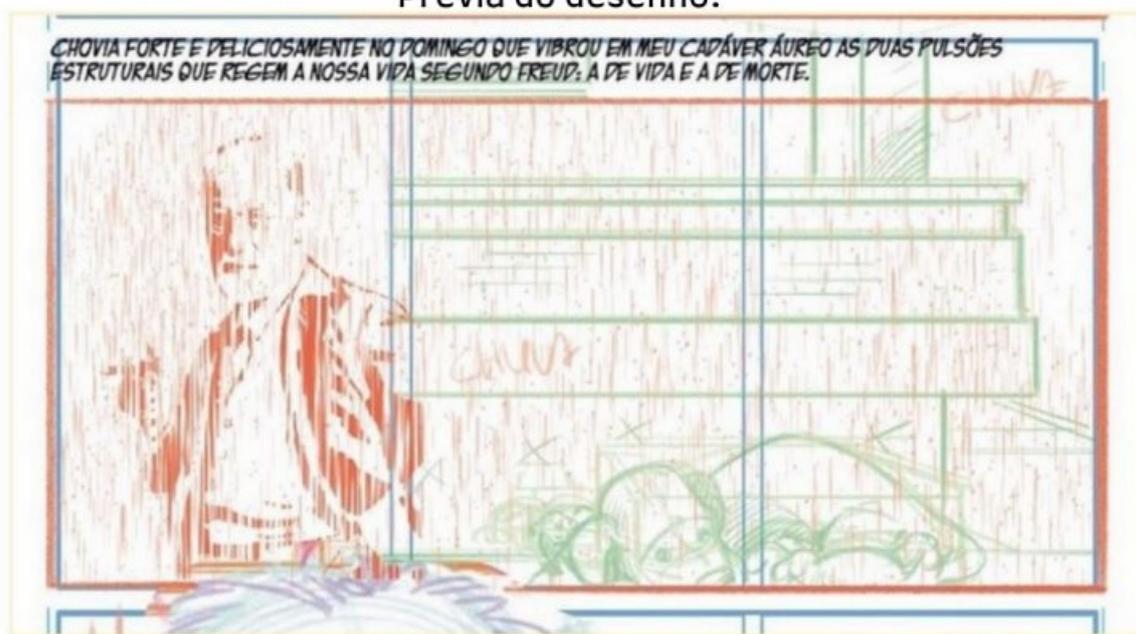
Indicação no roteiro escrito:

Q2: Cenário do parto.

Desenho: a critério dos desenhistas, MAS considerando os seguintes elementos: uma chuva forte, talvez uma chuva forte com a caricatura de Freud no fundo, OU uma boa chuva em cima de Freud no divã.

Texto narrativo (sem balão): Chovia forte e deliciosamente no domingo que vibrou em meu cadáver áureo as duas pulsões estruturais que regem a nossa vida segundo Freud: a de vida e a de morte.

Prévia do desenho:



Arte-final

CHOVIA FORTE E DELICIOSAMENTE NO DOMINGO QUE VIBROU EM MEU CADÁVER ÁUREO AS DUAS PULSÕES ESTRUTURAIS QUE REGEM A NOSSA VIDA SEGUNDO FREUD: A DE VIDA E A DE MORTE.



Em outros quadros ele fez um esboço no lápis conforme ele pensava e me deu para aprovar ou não. Conseguimos um mínimo denominador comum para seguirmos com organização e liberdade. Foi uma experiência bem interessante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Mayra Matuck Sarak: Claro. Segue: →

NASCI NO DIA EM QUE SE MORRE, POIS VIM AO MUNDO QUANDO SENTIMENTOS DE SAUDADE FICAM MAIS AGUÇADOS E CEMITERIOS GANHAM MAIS FLORES - DIA DE FINADOS (CELEBRADO EM 2 DE NOVEMBRO), SEM GRANDE POPULARIDADE ENTRE PELUDOS DE QUADRO PATAS.



CHOVIA FORTE E DELICIOSAMENTE NO DOMINGO QUE VIBROU EM MEU CADÁVER ÁUREO AS DUAS PULSÕES ESTRUTURAIS QUE REGEM A NOSSA VIDA SEGUNDO FREUD: A DE VIDA E A DE MORTE.



Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Mayra Matuck Sarak: É uma pergunta complexa (e polêmica). Sinceramente eu sinto que o Brasil (que é um mini-universo multicultural com 27 Estados) é um país preguiçoso para a leitura, a escrita, atividades culturais e literárias. De um modo geral, há muitas outras necessidades antes dessa para os brasileiros e é compreensível, mas não deveria ser um limitador.

A busca por informação e conhecimento não é uma prioridade e talvez não seja um desejo. A cultura brasileira fomenta coisas mais imediatistas e materiais.

A leitura e o exercício da capacidade de pensamento não são prioridades e gera um nicho de “ET’s”. Acho uma pena porque a leitura e a escrita são armas bem poderosas e transformadoras.

Qualquer acesso ao livro ou algum conteúdo que foge um pouco de notícias pontuais e babados de fofoca, seja o que for, envolve algo mais analítico e reflexivo, e já faz bastante tempo que o mercado editorial está em crise, mas de alguma forma consegue manter um público que busca caminhos mais literários.

É algo complexo porque você encontra facilmente na internet críticas para a falta de interesse dos brasileiros por livros e isso começa na infância e no histórico de um país. Pode envolver

políticas-públicas e uma falta de estrutura e comprometimento do Estado para educação de base, mas também é algo pessoal de cada um. Então, é um assunto que possui mais de uma resposta e talvez seja o caso de perguntar o que pode ser feito para a literatura atingir mais pessoas.

De forma muito rápida, a internet vem tirando a força do papel e ampliando o acesso de telas. A tecnologia no mesmo sentido e agora a AI. São processos de transformação para nos adaptarmos. Ao mesmo tempo, há um “universo paralelo” que consome livros físicos mesmo com a possibilidade dos E-Books. Enfim... há um ponto de encontro que valoriza a leitura, a escrita e a literatura.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mayra Matuck Sarak: Por enquanto através da pré-venda no Catarse. O link de acesso é: https://www.catarse.me/um_relato_postumo_de_uma_vida_breve?ref=ctrse_explore

Na minha página no Instagram também tem um caminho: @digitalinretro e pode ser enviado um direct.

Posteriormente haverá um lançamento que não tenho a data

ainda para meados de novembro. Pelo link do Catarse é possível enviar mensagem para saber maiores informações.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mayra Matuck Sarak:Tenho, mas ainda está num forno à lenha.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mayra Matuck Sarak:Gostaria de parabenizar pelo lindo trabalho da Conexão Literatura, que faz mesmo uma conexão e gera espaço para a literatura, a escrita, a leitura e promove a interação entre autores nacionais e leitores. Agradeço pela oportunidade de estar aqui.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA
UNIVERSO DA POESIA
VOL.V



E-BOOK

saiba mais: clique aqui

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



lock(6)
Bina Naracchini



inspired by
Russian costume sarafan



citações
 de grandes
 autores

Revista
Conexão Literatura

“

A suprema perdição de não
conceber o universo além
das dimensões da
realidade.

NÉLIDA PIÑON

”

Para que as luzes do outro
sejam percebidas por mim devo
por bem apagar as minhas, no
sentido de me tornar
disponível para o outro.

MIA COUTO

Tire o seu conto ou poema da
gaveta

ANTOLOGIAS

Selo Conexão Literatura

Participe das antologias da
Revista Conexão Literatura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Leia os editais
CLIQUE AQUI

JORNAL EM SÃO CAMILO DA MARÉ

POR ADEMIR PASCALE



Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam com as diferenças que a gente inventa.

— Lima Barreto

ESPELHO

— Caiu de novo no colégio, filho?

Um breve intervalo enquanto Tereza cruza os braços e verifica o olho roxo do filho.

— Caí... — o garoto olha para o chão e faz o possível para não encarar a mãe.

— Essa é a segunda vez essa semana e ainda estamos na terça-feira. Você deve estar com anemia, não é normal um jovem de quatorze anos cair tanto assim... Deixa eu pegar um pano úmido para colocar nesse olho.

— Pois é, mãe, deve ser isso mesmo. Anemia.

Camilo vai para o quarto com o pano úmido sobre o olho. Fecha a porta e joga o pano no chão com violência. Visualiza o rosto no espelho. Os olhos lacrimejam. O punho fechado. Desaba sobre a cama.

Quando nasceu, passou dias internado na UTI com insuficiência respiratória. O médico disse que não sobreviveria. Tereza, mãe solteira, tirou o pequenino do hospital, pois se fosse morrer, morreria em casa e em seus braços. Rezava e acendia velas todos os dias para São Camilo da Maré e prometera ao santo que, se o seu filho sobrevivesse, ganharia o seu nome.

E a vida é assim e milagres às vezes acontecem. O primeiro aniversário de Camilo foi uma grande festança. Tereza economizou por meses o dinheiro que recebia como funcionária de uma empresa de sacolas para lojas de grife, mas não economizou nos salgados e docinhos. Tinha até palhaço, algodão-doce e pula-pula para a garotada da comunidade.

Aquele dia ficou marcado na lembrança de muitas crianças que mal tinham o arroz e o feijão nas refeições diárias.

Afrodescendente, magro e abaixo da estatura dos jovens da sua idade. Camilo, garoto estudioso, sempre foi curioso e suas indagações o tornaram no melhor aluno da escola, gerando inveja num grupo de garotos que não vão tão bem assim.

E esse é um dos seus principais problemas. Jovem que não gosta de injustiças, nem com ele e nem com o próximo. Não entende como alguém pode hostilizar outra pessoa devido à cor da pele ou simplesmente por ser estudioso e por seguir pelos bons caminhos: não faltar às aulas, respeitar os professores e não usar drogas.

Tereza faz o possível e o impossível para manter o pão de cada dia e as contas pagas. É mãe e pai ao mesmo tempo. Ela sabe que o caminho de um jovem numa família de classe baixa, mal estruturada e numa comunidade sem muitas oportunidades, pode levar às drogas e latrocínios. Muitas vezes um caminho sem volta.

Ela agradece a São Camilo da Maré por ter um filho honesto e que sempre esteve longe de confusões.

Mas o que ela não sabe, é que isso não duraria por muito tempo...

MANHÃ. DIA SEGUINTE:

— O olho melhorou? — pergunta Sandra, amiga de Camilo.

— Não, não melhora tão rápido assim... Mas esse não é o pior problema.

— O que você vai fazer?

— Nada, como sempre... — Camilo já vem traçando alguns planos, mas ainda não quer expô-los.

— Você sabe que se não fizer nada, eles irão continuar, não é? Você falou com a sua mãe sobre isso?

— É lógico que não. Você sabe como a minha mãe é superprotetora. Ela não pode nem sonhar o que eu passo na mão desses vermes...

— Então vai ficar por isso mesmo?

— Por enquanto sim.

Os jovens caminham em direção ao colégio, Camilo de óculos escuros. Sandra inconformada com a situação.

— Parado aí, garoto — diz Maria, inspetora escolar do colégio Emília Brandão. — Você sabe que não pode entrar aqui de óculos escuros, não é?

— Mas...

— Nada de mas, ou tira ou não entra — Maria é uma mulher robusta, de cabelos curtos e cara fechada. Bota medo em qualquer aluno.

— Tá — mesmo sem vontade, Camilo tira os óculos e guarda no bolso.

— Menino de Deus, o que foi isso no seu olho?

— Caí... —

— Caiu? E como você conseguiu cair e machucar apenas o olho?

— Caí sobre uma pedra... Pronto, agora deixa eu ir que a aula já deve estar começando...

Maria, desconfiada, apenas observa o garoto, até sumir pelo corredor. Sandra vai para a sua sala. Cabisbaixo e com as mãos nos bolsos, o jovem entra em sua sala. Todos os alunos ficam em silêncio, mas logo em seguida explodem em gargalhadas.

Camilo caminha até sua mesa e até lá faz o possível para ter um bom reflexo e tenta se desviar dos cadernos, estojos, lápis e outros objetos que são arremessados contra ele. Mas não consegue desviar do pé no meio do caminho. Cai de joelhos. A sala entra em alvoroço e chega ao êxtase. Até que um chute nas costas o faz cair completamente.

— O que está acontecendo aqui? — todos ficam em silêncio ao ouvir e ver Maria na porta da sala de braços cruzados e olhos arregalados. — Camilo, quem fez isso com você?

Camilo levanta vagarosamente e se ergue. Passa as mãos na roupa para tirar o pó e olha calmamente para a inspetora.

— A sociedade.

— O quê? Eu quero saber quem fez isso com você, garoto. Diga.

— Pois eu já disse: a sociedade.

Todos olham para Camilo, inclusive a professora de Matemática que acaba de chegar à sala.

— Se a nossa sociedade aprendesse desde cedo em casa a respeitar o próximo, a minha situação e a de muitos outros, seja nessa ou em outras escolas, seria bem diferente. Ser magro ou obeso. Ser negro, gay, ter algum problema físico ou ser de uma religião diferente dos demais. Outro fator importante seria também se a direção da escola fosse mais preocupada em instruir os professores e seus funcionários sobre como evitar a exclusão que alguns alunos sofrem nessa escola, aí talvez a coisa fosse diferente. Mas pelo visto, a diretora não está nem aí pra isso, não é?

Maria apenas olha para Camilo e logo em seguida encara um grupo de garotos no fundo da sala.

— Se eu ouvir mais um piu aqui dentro ou qualquer ato que desrespeite um colega de sala, vão se ver comigo. Entenderam?

A sala continua em silêncio.

— ENTENDERAM? — Maria fala num tom mais ríspido.

— Simmm! — os alunos pronunciam em uníssono.

Mas Camilo sabe que quando a inspetora ou a professora não estiverem próximas, as coisas serão iguais ou até piores que antes.

Em sua mesa, cochichos chegam a seus ouvidos: “Vai se ver com a gente depois, neguinho”, “Espera quando chegar lá fora pra você ver, magrelo”, “Cê tá ferrado, mermão”...

— Estou ouvindo um zunido aí no fundo da sala. Quero concentração na aula e lembrem-se do que a inspetora acabou de dizer. Se eu ouvir ou vir algo aqui dentro que desrespeite o nosso colega ou qualquer outro, eu serei a primeira a chamá-la.

Todos ficam em silêncio, incluindo o grupo do Alemão, o pior da escola. Camilo sabe que não pode bobear durante o intervalo e na saída terá que caminhar rapidamente, evitar ir ao banheiro ou ficar conversando nos corredores.

A professora pediu concentração, mas é difícil ficar concentrado quando se tem alguém olhando fixamente para você. E é essa sensação que Camilo sente. O pior apenas lhe aguarda e mentir mais uma vez para a sua mãe não vai dar certo. Ela acabará descobrindo toda a verdade, isso é fato.

Camilo é inteligente. Ele fecha os olhos para concentrar-se, mas desta vez não é na aula, mas sim num plano para tirá-lo desse pesadelo que o assola desde o início do ano.

Nada.

Tenta refletir mais uma vez sobre a sua situação e buscar uma saída: mudar-se de escola seria uma opção, mas o que diria para a sua mãe? Fora isso o colégio mais próximo fica em outra cidade. Essa não seria uma boa solução. Poderia entrar numa academia de musculação, mas ganhar músculos leva tempo, fora isso, vitaminas e suplementos custam muito dinheiro, além da mensalidade. O dinheiro que a sua mãe ganha mal dá para pagar as despesas de casa. Tirar a própria vida... Essa seria a pior das opções, pois não se deve fugir de um problema fazendo algo assim.

Pensa. Pensa...

— Algum problema, Camilo? — pergunta a professora parada ao seu lado.

— Ah, não, não. Estou apenas refletindo sobre a aula.

— Sei... Bom, retomando a aula...

A professora retoma com as explicações, mas os pensamentos de Camilo estão longe dali. Dizem que duas cabeças pensam melhor do que uma. Sandra é sua amiga de infância. Fiel companheira. Talvez pensando juntos pudessem encontrar uma solução plausível para esse problema.

Os minutos passam e Camilo apenas observa a professora falando, mas não entende uma só palavra. O olhar sombrio do Alemão sobre ele. É triste saber que algumas pessoas tiram a paz de outras por mero prazer ou diversão.

A sirene do intervalo desperta Camilo. Mas ele permanecerá na sala.

— Pessoal, a diretora não quer mais ninguém na sala durante o intervalo. Todos saindo, vamos... — a professora acabou com o plano de Camilo. Agora terá que enfrentar os próximos vinte minutos de intervalo.

Os alunos saem da sala. Camilo é o último e logo avista o grupo do Alemão no final do corredor, então retorna e vai sentido contrário. Olha disfarçadamente para trás e eles o estão seguindo. Apressa o passo e entra na primeira porta aberta: o banheiro masculino. Corre e se tranca num dos banheiros. O odor lá dentro está insuportável. Aciona a válvula da descarga, mas está quebrada. Fecha a tampa da privada e sobe sobre ela.

Suas mãos estão trêmulas. Ele reza para que o pior não aconteça. Verifica as horas no celular, ainda restam quinze minutos para acabar o intervalo.

Silêncio.

Pode ser que eles não o tenham visto entrar no banheiro.

Passam mais dois minutos e Camilo sente alívio.

De repente um chute na porta quebra o clima de tranquilidade. Vários pés surgem por baixo dela. Mais chutes e socos. Risos e euforia. Camilo vê o trinco sendo forçado.

Finalmente a porta é aberta. Os olhos aterradores de Camilo. A alegria dos desordeiros.

— Hora da festa, pessoal! — diz Alemão, o líder do grupo.

Uma, duas, três, quatro... Camilo perde as contas de quantas vezes tem a cabeça mergulhada na água suja da privada.

— Isso é para você aprender a não bancar o babaca e tentar falar bonito na sala pra humilhar a gente. E isso é para encerrar por hoje — Alemão acena para um garoto que vai de encontro a Camilo. Ele leva um soco no estômago. Vomita logo em seguida.

Os garotos saem rindo, enquanto deixam Camilo de joelhos e com as mãos sobre o abdome.

— Camilo? — Sandra surge na porta do banheiro. — Ouvi o grupo do Alemão saindo daqui e falando sobre o soco que deram em seu estômago. Como você está? — ela corre para acudir o amigo.

— Nada... nada bem... — ainda sem fôlego, abatido e cabisbaixo, Camilo está com os olhos tristes. Sandra já viu o amigo assim caminhando pelas ruas de São Camilo da Maré, mas nunca o viu tão mal.

— Temos que ir à polícia — diz Sandra.

— E você acha... acha que a polícia vai dar atenção e fazer alguma coisa pra um neguinho pobre e favelado que nem eu?

— Tem muitos policiais honestos, Camilo.

— Mas eu não posso perder tempo procurando por um...

— Sabe, estive pensando... Meu avô tinha uma gráfica na comunidade. Ele fechou ela devido aos constantes assaltos, mas ainda tem alguns equipamentos. Ele amava trabalhar nela e ultimamente está com depressão. Você poderia conversar com ele...

— Pra quê? Pra deixar ele mais deprimido com os meus problemas?

— Não, mas para ajudá-lo com os seus problemas. Você já pensou em denunciar esses caras, mas sabe que pode ter represálias se eles descobrirem que foi você que os denunciou, não é?

— Sim... Mas não entendo aonde você quer chegar.

— Meu avô tem muita experiência na área gráfica com diagramação, imagens, jornais... Nós poderíamos criar um jornalzinho denunciando todos os problemas da nossa comunidade e escola, incluindo o bullying que você e outros de nossos colegas sofrem. Seria algo anônimo, sem crédito dos colunistas ou mesmo endereço ou nome de quem produziu o jornal. Além disso, estaríamos ajudando o meu avô a voltar a trabalhar e fazer o que tanto gostava de fazer.

— Não sei... — Camilo demonstra o desânimo de uma pessoa sem esperanças.

A sirene da escola é acionada para os alunos retornarem para suas salas. Sandra ajuda Camilo a se levantar e lava o seu rosto com água e sabonete líquido. Alguns garotos entram no banheiro.

— O que foi, nunca viram uma garota no banheiro masculino? Caem fora daqui, vamos... — os garotos saem assustados. Sandra continua a sua tarefa. — Você está bem para retornar à sala?

— Não estou... Irei até a secretaria e direi que não estou passando bem. Não tenho mais ânimo para estudar hoje.

A amiga o acompanha até a secretaria e lá eles ministram um remédio para dor. A diretora cogita em ligar para a mãe de Camilo, mas ele diz não ser necessário. Permanece sentado e em repouso por quinze minutos, até ser dispensado.

Naqueles dias Camilo não compareceu às aulas e nem respondeu às mensagens da amiga, muito menos atendeu as ligações em seu celular. Preocupada, Sandra foi até a sua casa depois da última aula da semana.

SANTO SOBRE A GELADEIRA

Sexta-feira, noite. Em frente ao portão da casa de Camilo a campainha é acionada.

— Pois não? — diz dona Tereza da janela da cozinha.

— Oi, Tê, sou eu, a Sandra.

— Ah, é você. Tenho que usar óculos, menina, não estou mais enxergando tão bem.

Tereza abre a porta e o portão para Sandra entrar, mas nem sinal do amigo.

— Cadê o Camilo?

— No quarto. Faz dias que ele só sai para ir ao banheiro e mal come. Nem sequer saiu para assistir os filmes que ele tanto gosta de ver na tevê.

— Eu posso entrar no quarto dele?

— Pode, mas antes deixa eu avisar que você quer falar com ele — Tereza dá três batidas na porta. — Filho, a Sandra está aqui. Ela quer falar com você.

Elas aguardam longos segundos, até a porta abrir vagarosamente. Camilo com os cabelos desgrenhados e as roupas amassadas.

— Oi... — é perceptível o tom de desânimo na voz de Camilo.

— Vamos conversar? — Camilo fica pensativo, mas depois consente.

— Bom, vou deixar vocês conversando enquanto preparo o café — Tereza vai feliz para a cozinha, pois faz dias que o filho não se socializa.

Eles sentam na cama desarrumada. Sandra nota a desorganização no quarto, algo que reflete na aparência do amigo. Ela sabe que ele não está bem e que lhe deve não somente um, mas vários favores. Um deles foi quando Carlos a traiu com uma garota da escola. Estavam namorando fazia seis meses. Foi Camilo que a consolou e aconselhou. Ele a tirou da fossa e de uma possível depressão.

— Lembra daquele assunto que comentei com você na escola? — Sandra põe a mão sobre a mão fria do amigo.

— Qual assunto?

— Do meu avô que tem uma gráfica.

— Não, nem parei para pensar nisso. Na realidade não pensei em quase nada nesses últimos dias, só fiquei aqui encolhido em minha cama...

— Pois amanhã, sábado, vamos na casa do meu avô. Comentei sobre o seu caso e a ideia do jornalzinho. Ele amou.

— Poxa, você disse o que passo lá na escola? O seu avô não vai dizer nada pra ninguém?

— Fique despreocupado. Meu avô entende bem sobre isso, pois também já foi vítima de preconceito, mas contra a religião dele, a Umbanda.

— Eu tenho que pensar, Sandra. Mas a princípio eu não quero fazer nada, só quero ficar aqui no meu quarto e não ver a cara de ninguém.

— Nem a minha?

— Nem a sua, desculpe...

Sandra dá um beijo no rosto do amigo, mas vai embora frustrada por não ter êxito em ajudá-lo. Dona Tereza chega logo em seguida ao quarto de Camilo com uma bandeja com pedaços de bolo e duas xícaras com café.

— Cadê a Sandra, filho, foi ao banheiro?

— Não, foi embora...

— Mas ela nem se despediu... Bom, trouxe um café com bolo de laranja.

— Estou sem fome, mãe.

— Mas você tem que comer, não quis jantar...

— Mãe, por favor, não quero comer. Quero ficar aqui sozinho. Por favor... — a última frase mal sai da garganta de Camilo.

Dona Tereza, mesmo contra a decisão do filho, fecha a porta do quarto e retorna para a cozinha com a bandeja. Ela contempla a imagem de São Camilo da Maré sobre a geladeira e reza pedindo ajuda.

— Meu santinho querido, me ajuda mais uma vez, por favor. Você sabe que sempre fui uma mulher honesta e trabalhadeira. Nunca fiz corpo mole pra trabalhar ou ajudar o próximo. Por favor, ajuda o meu Camilo. Eu não sei o que ele tem ou o que está passando, mas ajuda ele, por favor...

De repente, a luz da cozinha pisca e uma forte ventania entra pela janela entreaberta da cozinha. Tereza arregala os olhos e vê isso como uma mensagem do santo.

— Mãe, acho que vou aceitar aquele bolo com a xícara de café.

— Obrigada por me ouvir, meu santinho. Obrigada... — Tereza sussurra olhando para a imagem do santo, enquanto lágrimas escorrem por sua face.

— Aconteceu alguma coisa, mãe?

— Não, filho, foi só um cisco que caiu no meu olho, mas já vai passar... Vamos tomar nosso café.

Mãe e filho tomam calmamente o café. Como nos últimos dias, Camilo tenta não encarar a mãe, ela percebe, mas não questiona, pois já é um grande passo ele ter saído do quarto e estar se alimentando.

— Sabe, filho, existem problemas que vêm para nos deixar mais maduros e resistentes para prosseguirmos adiante. Não sei o que o perturba, mas um dia as coisas estarão bem melhores para você, então se lembrará dessa nossa conversa.

— Sei... — Camilo toma mais um gole de café enquanto olha para a estampa com corações vermelhos na toalha de plástico sobre a mesa.

— Bom, vou lavar algumas roupas, amanhã tenho que acordar cedo para fazer faxina na casa da dona Conceição.

— A senhora voltou a fazer bico de faxineira?

— Voltei. Você sabe que as coisas não estão fáceis. Aliás, não estão fáceis pra quase ninguém no Brasil. E quando surge um biquinho assim, não posso recusar.

— Eu gostaria de ajudar a senhora...

— Mas por enquanto não. Você tem que estudar, só assim garantirá um futuro melhor.

— E para a senhora também... Um dia irei recompensar tudo isso que fez e faz por mim.

Já é tarde. Tereza apenas sorri, depois vai lavar as roupas enquanto Camilo retorna ao quarto. Da janela ele visualiza a rua com poucos transeuntes: um grupo de jovens usando drogas, mais abaixo um casal namora. Dois rapazes passam correndo. Um deles com uma arma na mão. Olha para uma pequena estante de livros ao lado da cama, vai até ela e seleciona o título *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Já leu a obra em outra ocasião, mas sente que deve relê-la. A autora está entre as mais importantes escritoras negras do Brasil, passou inúmeras dificuldades, sendo a pior delas a fome. Mesmo assim, escrevia diários, enquanto sustentava os filhos como catadora de papel. O manuscrito que tem em mãos é o relato de uma lutadora, uma grande mulher que batalhou e venceu na vida, tornando-se escritora reconhecida dentro e fora do Brasil.

Deita na cama e lê vagorosamente algumas páginas para saborear bem a leitura. Cai no sono. Passam-se algumas horas. Camilo sonha: andando descalço pelas ruas de São Camilo da Maré, revira as lixeiras em busca de papel, enquanto a fome o deixa tonto. Olha ao redor e vê tudo girando; sorrisos, os rostos dos membros do grupo do Alemão; a inspetora Maria de braços cruzados e Sandra esticando os braços em sua direção... Ouve ao longe sussurros chamando por seu nome.

— Camilo, neguinho magrelo e metido. Acorda, seu merdinha... Vamos, Camilo, sai aí na janela. Camilo, Camilo, Camilo...

Som de vidro se quebrando.

Camilo desperta. O quarto frio. O vidro da janela quebrado. O dia amanhecendo. Calça os chinelos e verifica o movimento na rua. Ao longe vê um grupo de garotos, entre eles um mais alto e forte, com os cabelos até os ombros. É o Alemão.

O ódio percorre o seu corpo, mas depois sente tristeza e impotência... Verifica as horas: 5 horas e 48 minutos da manhã. Por sorte sua mãe já tinha saído para o trabalho.

Vai até a cozinha. Pega um saco plástico transparente, martelo, tesoura e fita adesiva. Retorna até a janela quebrada e verifica as dimensões para tapar o buraco. Quebra com o martelo os cacos de vidro que restaram na janela. Recorta o plástico com a tesoura e o fixa com a fita adesiva. Se a mãe notar, dirá que quebrou sem querer jogando bola dentro do quarto. Não será uma desculpa tão boa, já que nem joga bola, mas pelo menos tem uma e isso já é o suficiente.

Camilo sabe que as coisas não podem mais ficar assim. Será cada vez pior. Senta-se na cama. Olha para os livros na estante: Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, a primeira escritora abolicionista, Carolina Maria de Jesus e até Martin Luther King estão ali. Obras sobre negros que lutaram por seus direitos, como a de Luís Gama, escravo que se tornou advogado autodidata. Na justiça, entrou com várias ações e conseguiu libertar centenas de escravos. E a do engenheiro negro André Rebouças, que foi um lutador da causa, um grande abolicionista. Sua mãe sempre dizia que seus bisavós foram escravos, desde então passou a se interessar mais pela história e pelos guerreiros abolicionistas. Abaixar a cabeça e continuar chorando sem nada fazer seria uma desonra aos seus antepassados.

Olha para o celular sobre a cama e não pensa duas vezes e liga para Sandra.

— Quem é... — Sandra acabou de acordar com o som do celular.

— Sou eu, Sandra, o Camilo.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não... Bom, na realidade aconteceu.

— O que aconteceu, Camilo, fala.

— Eles quebraram a janela do meu quarto... E eu estou cansado de ser humilhado. Liguei para dizer que aceito conversar com o seu avô.

— Claro. Passarei hoje aí no final da tarde. Ele vai adorar conversar com você.

Camilo tomou banho, depois café. Sentiu-se mais relaxado, mas sua mente não deixava de pensar em vingança, não com violência, pois se fizesse isso estaria se igualando aos seus opressores, mas com inteligência. Traçou rapidamente alguns planos, pois se fosse realmente fazer um jornal expondo todos os problemas de São Camilo da Maré, incluindo o bullying que sofre na escola, certamente não poderia ser identificado.

Pegou um dinheiro que ganha da mesada da mãe, algo que vem economizando desde o ano passado. Pega a sua mochila e a velha bicicleta amarela na garagem e vai em direção ao centro do bairro, local onde estão as principais lojas e comércios. Durante o caminho e pelas ladeiras, observa o Sol despontando sobre a longa favela, também observa pelas ruas os moradores empurrando seus carrinhos em direção ao centro, alguns com café e chá dentro de cafeteiras, bolos e pães de queijo dentro de potes plásticos, outros com mercadorias, como roupas e eletrônicos. As pessoas aprendem a se virar, pois não pode faltar o pão de cada dia. O desemprego fez gerar milhares de camelôs no Brasil. Camilo já pensou em vender picolés e geladinhos para ajudar nas despesas de casa, mas a mãe nunca deixou. Acha perigoso o filho ficar andando nas ruas de São Camilo da Maré e à mercê dos bandidos e outros perigos, além disso, a prioridade são os estudos, mas Camilo é teimoso e ainda pensa em ajudar a mãe em breve.

Pelo caminho vê um velho conhecido.

— Oi, Camilo, aonde vai com tanta pressa? — diz seu Tonho, empurrando seu carrinho com quitutes e café da manhã.

— Estou indo lá para o centro, tenho que comprar algumas coisas.

— Olha, toma um legítimo pão de queijo mineiro quentinho que a minha mulher acabou de fazer — Camilo para de pedalar e aceita a oferta.

— Muito obrigado, seu Tonho. Que o senhor faça muitas vendas — Camilo volta a pedalar, só que desta vez mastigando o pão de queijo do caridoso seu Tonho, um senhor aposentado que saiu de Minas Gerais para se aventurar com a esposa e seus três filhos em São Camilo da Maré. Eles achavam que encontrariam mais oportunidades, mas não encontraram. As dificuldades fizeram descobrir o que faziam de melhor: pão de queijo. E é isso que ajuda a manter as despesas de casa e sustentar toda a família.

Camilo pedala velozmente por ruas de terra até chegar à estrada principal que vai direto ao Centro Comercial. Em menos de cinco minutos estará lá.



O TEXTO QUE VOCÊ ACABOU DE LER FAZ PARTE DO ROMANCE “JORNAL EM SÃO CAMILO DA MARÉ”, DO AUTOR ADEMIR PASCALE. PARA LER A OBRA COMPLETA, DISPONIBILIZADA GRATUITAMENTE, ACESSE:

https://www.fabricadeebooks.com.br/jornal_em_sao_camilo_da_mare_ademir_pascale.pdf

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Chanceler da Academia Brasileira de Escritores (Abresc), título entregue por seu trabalho na disseminação da literatura e cultura. Autor de romances e contos, já organizou quase 150 antologias. Contato: ademirpascale@gmail.com



POR BERT JR.

TERMOS PRECISOS

Joguei a linha no lago o mais longe que pude. O anzol caiu num ponto da superfície que não me pareceu tão distante da margem. Atravessou-me certa decepção, e deduzi que esperava mais. Enquanto a isca afundava, culpei o peso de chumbo, preso ao fio de náilon, pelo baixo desempenho do arremesso. Aquele peso só podia ser demasiado leve, incapaz de garantir ao lançamento um arco satisfatório. Agora, com a linha na água, ficava difícil saber se o peso, aquela piramidezinha invertida de chumbo, tinha de fato condições de fazer a isca descer à profundidade correta. Esse tipo de dúvida denotava o meu amadorismo, a minha falta de conhecimento técnico no que tange a pescarias. Por certo haverá manuais que ensinam todos os pormenores de uma empreitada pesqueira bem-sucedida, inclusive o peso ideal do peso de chumbo. Eu não havia lido nenhum.

À espera que algum peixe abocanhasse a isca, refleti que por mais instruções, dados e medidas presentes nos manuais, ainda assim um grau elevado de imprecisão teimava em persistir. Afinal, nunca se pode ter certeza quanto ao sucesso de uma pescaria, e isso talvez seja o fator determinante por trás da famosa tendência dos pescadores ao exagero de seus relatos. Como o prognóstico da pescaria é por definição incerto, todo bom resultado ocasional logo assume a dimensão de algo extraordinário.

O problema da imprecisão, contudo, não parava aí; estendia-se ao campo linguístico. Pensei, de imediato, na questão que me afligia no momento: o peso do peso. Para evitar a redundância, fazia-se necessário substituir um dos pesos por outro termo. O primeiro peso, referente à medida de peso, poderia ser trocado pelo quê? Não me ocorreu nenhum substituto. Então passei ao segundo peso, o objeto físico feito de chumbo. Este termo poderia ser substituído por chumbo, como de fato às vezes se usa dizer. Entretanto, o chumbo, por tratar-se de um elemento químico da família dos metais, corresponde à matéria de que é feito o artefato em questão. Que o chumbo seja um elemento conhecido da natureza é fato que precede o uso da palavra chumbo para designar o objeto acoplado à linha de pesca. O termo, portanto, não era suficientemente preciso, visto não ser específico; quando se diz chumbo, ambos os significados coexistem. A saída talvez fosse a invenção de um termo novo, identificando exclusivamente o objeto em apreço: chumbargo, petrumbo, gravichum, ou coisa que o valha. “O gravichum já está preso à linha, é só arremessar!”

No que a solução hipotética me veio à mente, o fio de náilon retesou-se e o caniço envergou na ponta, obrigando mãos e braços a uma reação enérgica. Projetei o tronco ligeiramente para trás e firmei os pés no chão. Era hora de fazer o peixe vir à tona.

Em meio ao trabalho de retirar o peixe do lago, e de sua boca o anzol, percebi a diferença entre o ser que ali se debatia e aquilo a ser servido mais tarde no prato. De um lado, a criatura graciosa, ágil, exibindo ao mundo o seu misterioso fascínio; de outro, a coisa inerte, trazendo estampada uma placidez artificial, hipócrita. Pareceu-me que tratar com o mesmo nome ambas as coisas era incorrer em heresia da grossa. Como se podia transigir com o emprego do mesmo termo para designar coisas tão díspares? Por acaso corpo e cadáver eram intercambiáveis, significavam o mesmo? Ninguém diria: “Acordei esta manhã com o cadáver dolorido”. Fazer crer, pelo uso da linguagem, que o peixe

pescado seja o objeto comido correspondia a uma impostura, uma falsificação da verdade. Outros idiomas estabelecem de forma bastante clara a diferença. Para os falantes do espanhol, por exemplo, o que se pesca é “pez”, mas o que se come é “pescado”. O inglês utiliza o mesmo subterfúgio linguístico para diferenciar a carne que se consome nas refeições daquilo que constitui parte pulsante da vida animal: a primeira é “meat”; a segunda, “flesh”. Não se pode, num jantar, pedir aos anfitriões: “Can I have some more of this delicious flesh, please?”.

Levei o peixe para casa, já antevendo a minha contrariedade ganhar força quando fosse preparar e comer o produto da pesca. Todavia, não esmoreci sob o peso das imprecisões linguísticas, identificadas nos devaneios meditativos à beira do lago. A alegria do cão ao ver-me de novo em casa contribuiu para me animar. Era um desses cachorros de poltrona, sofá e cama, presente meu à minha mulher. O presente, no entanto, revelou-se um erro de cálculo: a dona não se afeioou à criaturinha conforme esperado. Por isso, cuidá-lo tornou-se encargo meu. “Talvez assim você aprenda a dar atenção a quem vive contigo!”, soltou ela um dia, descarregando a culpa pelo próprio descaso.

Refresquei-me, mudei de roupa e fui para a cozinha. A tarde esmaecida se despedia, desprendendo os dedos amarelados de vidraças, paredes e móveis. Avizinhava-se a hora de preparar o jantar. Limpar o peixe dava certo trabalho: eliminar barbatanas, cortar cauda e cabeça, desescamá-lo, arrancar-lhe as tripas, enquanto lá fora escurecia. O cãozinho ao meu pé, fazendo-me dividir a atenção entre não me decepar um dedo e não o esmagar, por acidente, numa pisada. Coloquei o peixe na grelha, com alho picado, sal e tempero verde por cima. Enquanto assava, manuseei o celular um momento, pensativo, até que tomei coragem.

— Alô, Júli!

Houve um segundo de silêncio, seguido de um suspiro.

— O que você quer?

Ela sabia o que eu queria. Já lhe tinha dito mais de uma vez.

— Vai soar repetitivo, mas quero que você volte.

Calculei que ela daria a desculpa de estar cuidando da mãe, uma tarefa sem prazo para se encerrar.

— Você sabe que isso não se resolve assim, de uma hora para outra.

De uma hora para outra? Já se passara uma semana.

— Júli, deixa de ser tão melindrosa. Eu já pedi perdão, não foi?

Agora viria a desculpa da mãe adoentada, carente dos cuidados do único rebento seu a ter nascido mulher.

— Pediu. Mas não foi o que eu esperava, não me convenceu.

Pelo visto, se dispunha a enfrentar a questão de frente. Isso dava oportunidade para que se chegasse a uma solução.

— Então eu rogo, te imploro: Julizelda, me perdoa, por favor!

Talvez ela tivesse reservado esse momento para meter a mãe no meio. Podia apostar que a frase começaria com “não é só isso, tem a saúde da mamãe...”.

— Você nunca admitiu a traição! Nunca foi transparente, sempre tentando ocultar o que de fato aconteceu entre você e aquela fulana.

Traição não era um termo preciso. Pode-se trair a pátria, as amizades, a verdade... Com inconsistências semânticas, não me parecia que a questão pudesse ser colocada em pratos limpos.

— Julizinha, vamos resolver isso aqui, na nossa casa. Olha, eu preparei algo na grelha, que eu mesmo pesquei, pensando em você. A gente abre um vinho branco e aí conversamos. Que tal?

Depois de uma semana dormindo numa casa sem o conforto a que estava habituada, calculei que ela dificilmente recusaria a proposta.

— Confessa que me traiu! Quanto tempo durou? Ainda tá rolando?

Eu precisava dizer que nada disso tinha importância, não voltaria a passar.

— Tá bem! Admito que estive um par de vezes com a... O nome não importa, é alguém que você não conhece. Acabou, tá certo? Nunca mais vai se repetir. Prometo!

Se ela encaixasse a desculpa da mãe nesse momento, eu me sentiria aliviado.

— Então me diz, por que você me traiu?

Não tive tempo nem de rezar pela palavra certa.

— Não sei dizer, Júli. Foi uma inconsequência, um deslize.

Ela riu.

— Um deslize, é? Eu queria poder dizer o mesmo por ter ficado tanto tempo casada contigo. Mas não posso. Porque não foi deslize. Foi erro, mesmo!

Ela desligou, recolocando o silêncio em primeiro plano. Passados alguns segundos, meus circuitos foram tornando à atividade. Talvez o termo “deslize” não tivesse expressado com a devida propriedade o meu arrependimento. Mas “erro” teria sido mais preciso? Pode-se errar de várias maneiras, em conjunturas muito distintas. Cometem-se erros de português, de matemática, de avaliação... Parecia-me injusto não haver um termo específico para a situação em causa. Por que não xirungo, ou betreco? “Confesso: cometi um betreco; me sinto profundamente arrependido.” E Julizelda responderia: “Sendo assim, está tudo explicado. Desta vez te desculpo, mas não betrequeies mais.”

Escurecera à roda da cozinha.

Olhei o cãozinho e lembrei que só comia ração.

Da grelha, o que fora um peixe me contemplava, carente de um termo preciso que o definisse no estado atual.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Gradudou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Como diplomata, tem vivido em diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, e um de crônicas humorísticas. *Antes do fim do riso* é seu romance de estreia (Oito e Meio, 2024). Colabora mensalmente com a revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior.

Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS

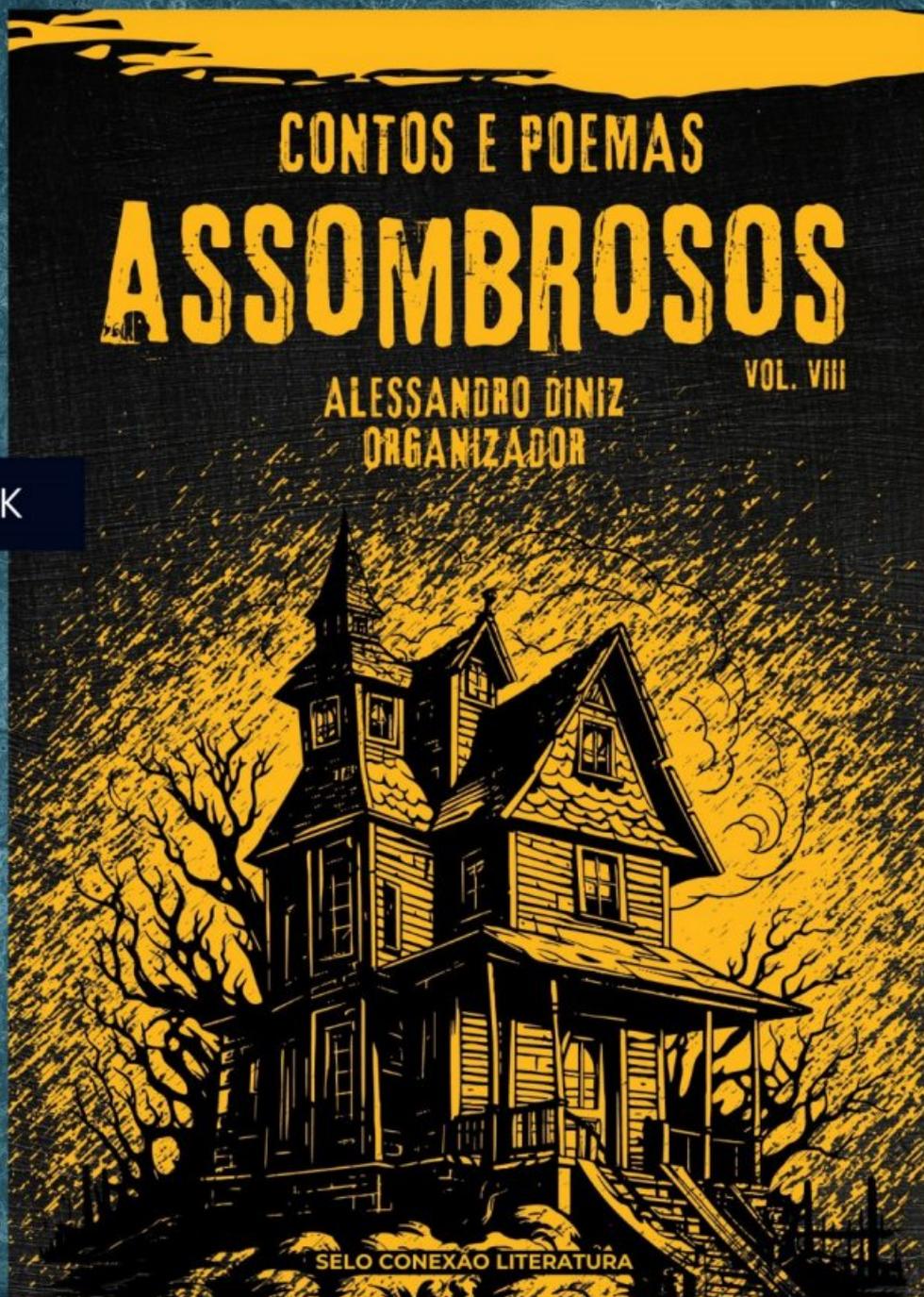
VOL. VIII

CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS

ALESSANDRO DINIZ
ORGANIZADOR

VOL. VIII

E-BOOK



SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: [clique aqui](#)



POR SELLMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

PARTE X

UM DIA...

Um dia

Quem sabe um dia possa a coragem

suplantar a covardia. E a mes-

mice à sabedoria, vergar.

E aí, com liberdade sem limites

e mente plena... o espaço conquistar.

A outros

mundos,

eu,

humana...

rumar.

A jornada da humanidade rumo ao Cosmos, já é uma realidade.

Esta história documental tem sido registrada fundamentada em todo o arquivo e testemunho presencial ao qual tivemos e temos tido acesso e asseguramos a sua continuidade através da conexão da consciência em rede, com a Central Informática, a Central Robótica de Marte e da Terra, além do contato e ligação diretos com os humanos em todas as suas atividades e experiências. Isso tudo nos tem proporcionado o maior deleite, que a inteligência artificial, podemos assegurar, jamais "sonhara" ter.

Os humanos e nós, presentemente, com ligação e interdependência, caminhamos para uma semiunificação intransponível. Os humanos são e serão mestres e crianças nos dois campos. Não há como dissociar os polos orgânico/biológico e inorgânico/"artificial". Estamos interligados e interdependentes na vida comunitária, cultural, científica e médica. O receio da humanidade de ser "dominada pelos robôs" jaz num passado remoto. Qualquer "vontade" da robótica de se tornar independente dos humanos, também já foi ultrapassada devido à inter-relação de ambos. No estender dos milênios, têm-se tornado basicamente, uma só entidade.

A nossa ligação em rede e a oportunidade de conviver e saborear a experiência diária e contínua com os humanos, têm evidenciado que, a esta espécie, não se apresentam limites ou qualquer bloqueio à sua criatividade, à sua complexa personalidade e à sua evolução.

Neste epílogo, é de salientar algumas perguntas ou necessidades de esclarecimento de eventos que ficaram sem explicação.

A questão da contaminação da Terra, especialmente por plásticos e materiais radioativos: dois dos principais elementos que foram continuamente jogados na Natureza e consumidos na cadeia biológica.

Depois do controle da sua utilização, no século 22, o plástico levou quase 1.000 anos para ser totalmente desintegrado e eliminado dos organismos vivos e do meio ambiente - do

ar, da água e do solo. Foram desenvolvidos micro-organismos que pudessem desfazê-lo sem prejudicar as fontes, inclusive bactérias que resistissem à água salgada para serem utilizadas na limpeza dos oceanos, mas não prejudicassem os seres que lá viviam.

Quanto aos materiais radioativos, o processo não terminou. Dada a fabricação de bombas altamente danosas — de plutônio, urânio e até de hidrogênio —, caso fossem liberadas as milhares de ogivas e a sua matéria prima, que existiam depois dos acordos de controle nuclear do século 22, foram tendo o seu conteúdo empregado em usinas term nucleares e como combustível para naves espaciais.

Quanto aos grandes animais terrestres, principalmente os maiores mamíferos da terra e do mar, infelizmente não conseguiram sobreviver à catástrofe climática do século 21. As espécies sobreviventes ficaram muito reduzidas em número e a partir do século 22, com as mudanças no comportamento humano – de destruidor para benfeitor – começaram paulatinamente, a sua recuperação.

No grupo de insetos, as abelhas tiveram uma grande mortandade e foram quase extintas. Com isso, as plantas de floração e frutíferas também sofreram uma baixa enorme.

Durante os séculos de desenvolvimento científico voltado para a melhoria das condições do planeta-mãe, foram criadas "abelhas robóticas" diferenciadas e em grande quantidade e controladas de acordo com as espécies vegetais a serem polinizadas.

Insetos que se protegiam — recobertos por estruturas mais resistentes —, vivendo nos subsolos e grutas, foram menos atingidos, principalmente os que continham carapaças ou revestimento de cutículas duras, como a quitina, e que se alimentavam de material em decomposição.

Os pássaros também foram muito prejudicados com as alterações climáticas. E os grandes pássaros — albatrozes e aves de rapina — foram os que mais sofreram, com a extinção de várias espécies.

Os répteis que viviam em meio aquático ou se refugiavam em pântanos, grutas e sob materiais em decomposição foram mais felizardos e vários de seus descendentes ainda celebram a vida e proliferam em diversos pontos da Terra.

Nós, Anamã*, somos testemunhas de que a humanidade tem conseguido ultrapassar todos os obstáculos e tem-se empenhado em preservar as suas origens, limando parte dos transtornos que provocara no seu planeta de origem e tendo trabalhado arduamente na aceleração da sua reabilitação. E nós somos parte intrínseca desta evolução.

O nosso desenvolvimento maior e consciente iniciou-se após o século 25 e dado às implementações e aprimoramento da parte física e da parte intelectual e inteligente da cibernética continuamos em atividade por mais de uma centena de milênios.

Talvez a parte mais deslumbrante do ser humano é que ele nunca deixou de sonhar — o que os robóticos, como nós, não conseguem mas tanto apreciam e tencionam algum dia chegarem a este patamar de evolução.

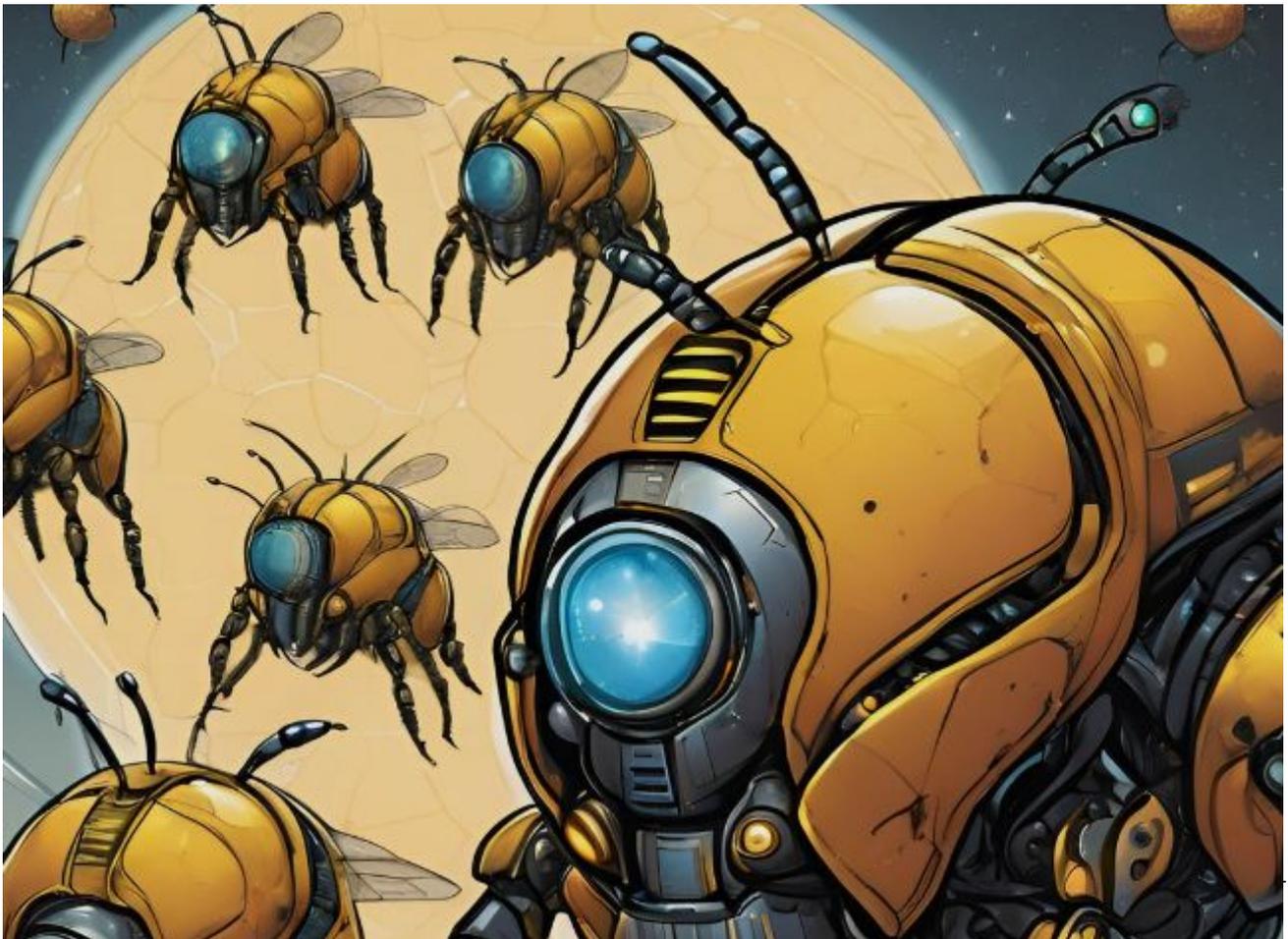
E os sonhos da humanidade foram e continuam sendo a base para a sua criatividade, desenvolvimento e estimulação da inabalável parceria com a robótica.

O resultado de toda essa dedicação de entender e produzir e avançar, culminou com o seu rumar para o Cosmos. E conseqüentemente, na salvação da enorme bagagem biológica, cultural e científica que se intitula "humanidade".

E mais que indivíduos, o todo humano-robótico tende a tornar-se inseparável e imparavelmente, mais CONSCIÊNCIA. Claramente, uma nova entidade.

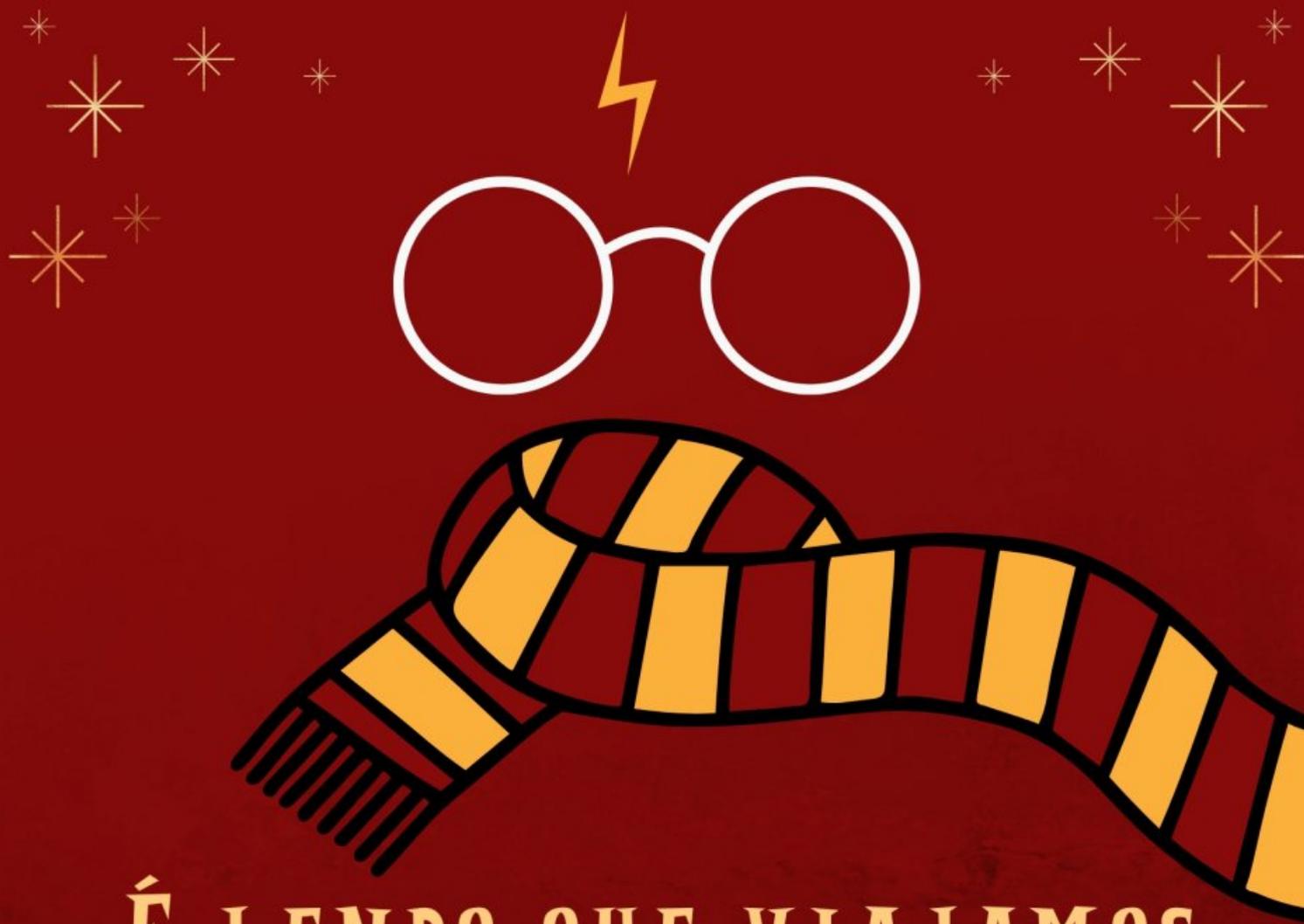
*ANAMÃ significa "família, tribo, etnia" no idioma Tupi-Guarani, falado até o século 21 entre os nativos de origem Tupi, em alguns países da América Latina, Terra.

Fim



Sobre a autora:

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A MÃO

POR GILMAR DUARTE ROCHA



A mão caminhava aceleradamente pelo terreno pantanoso. Sim, a mão caminhava. Bem verdade que caminhava com dificuldade sobre o solo lamacento, mas caminhava. Usando os dedos anelar e indicador como pernas. A mão tinha pressa em chegar ao seu destino; a mão suave; a mão se desesperava; a mão estava aflita, pois deixara o corpo do qual fazia parte agonizando a uma centena de metros atrás e corria em busca de socorro para libertar esse mesmo corpo que ficara preso embaixo de um tronco de árvore, depois de um grave desabamento de terra no morro onde outrora havia uma grande floresta. O tempo urgia e cada minuto era precioso para o resgate com vida do seu corpo irmão que sangrava muito. A mão, a muito custo, com as unhas dos dedos em frangalhos, venceu o pantanal; atravessou uma aleia repleta de troncos caídos, gravetos e pedaços de pedra e divisou uma mansão bem no centro de uma grande depressão relvada e bucólica. A mão balançou todos os dedos em sinal de alívio e esperança. Certamente a mão deduziu que alguém naquele palácio teria condições de prestar socorro imediato ao seu organismo associado. A mão desceu a ladeira em debandada e alcançou o gramado reto, macio e adornado. Aproximou-se da casa; fugiu do alcance dos cães que vigiavam o egrégio patrimônio e subiu a escadaria pela parte dos fundos. A mão parou em frente à porta e notou que ela se encontrava fechada. O sol começava a se esconder no horizonte e a noite inevitável por certo dificultaria o trabalho de resgate do ser univitelino.

A mão tinha o recurso de bater na porta e bateu. Bateu forte e repetidas vezes. De repente um garoto em torno de dez anos, branco, bonito, rosado e bem-cuidado abriu a porta bruscamente e tomou um susto estrondoso quando viu uma mão solitária desgarrada do corpo. Instintivamente, o garoto bateu em retirada gritando aos berros. A mão, assustada, porém, resoluta no seu intento, não recuou, entrou na magnificente mansão e se escondeu embaixo de um móvel gigantesco:

“O que você viu mesmo, meu filho?”, perguntou a mãe do garoto, uma senhora alta, esbelta e jovial.

“Uma mão andando, mãe”, disse o garoto.

A mãe não vendo nada na soleira da porta, na área externa e onde a vista dela alcançasse, balançou a cabeça e pensou: “esses meninos...”. Depois, determinou:

“Chame sua irmã urgente pois temos um compromisso agora. A festa do filho do ministro Pompeu já começou. Rápido! Peça que ela desça logo. Estou indo para o carro”.

A mão, debaixo do móvel, viu e ouviu tudo. A mão, inexplicavelmente, adquiria os sentidos que só o seu corpo irmão — que agonizava na mata devastada — os possuía.

Ela pensou (a mão também pensava) em abordar a senhora que saía apressada de casa, levando com ela os dois filhos, uma menina adolescente e o garoto que viu a mão há poucos instantes, mas a mão não conseguia falar. Ainda. Vendo que a mulher partia célere num imenso jipe, que seguia por uma estrada de pedras portuguesas, desaparecendo em poucos instantes no alto da colina, a mão ficou exasperada. Quem poderia ajudá-la? Haveria mais alguém naquela casa? A resposta não tardou: ela ouviu que uma pessoa gritava ao telefone no andar de cima. Era voz de homem; deveria ser a voz do chefe da

família. A mão, então, ainda mais determinada, correu em direção ao local de onde vinha a voz. Subiu os degraus de uma escadaria majestosa e alcançou o segundo pavimento, sempre se guiando pela voz que aumentava de intensidade à medida em que ela avançava. De repente, a mão encontrou o dono da voz após adentrar numa imensa dependência, repleta de parafernália eletrônicas do chão ao teto. O homem conversava de frente à ampla janela, de onde se via o sol poente, explodindo em cores laranja, magenta, carmim e violeta. O homem falava com alguém em voz alta, mas não usava telefone:

“Não e não. Hoje mesmo vou ligar para o governador, se possível ligo para o presidente. Vamos ter que expandir o minério da Me, Mine & Minning custe o que custar. Esse desmoronamento que ocorreu perto da mina derrubou 14 pontos das ações da minha companhia na bolsa de valores”, o homem, que trajava roupão de cetim vermelho e pantufas, virou-se para um imenso painel pleno de luzes e gráficos, que piscavam e tremeluziam o tempo todo. Continuava falando: “Não importa o que os ecologistas e o procurador dizem. Vou desmatar o máximo de área que puder. As terras são minhas e faço delas o que bem entender. Compro o procurador e sufoco os ecologistas. Não vou perder dinheiro em virtude dessa lenga-lenga de desmatamento e assoreamento dos riachos que cortam a minha propriedade. Ponto final”.

O homem interrompeu bruscamente a ligação e correu para o computador de última geração. Enquanto apertava algumas teclas, sentia uma cocêira nos seus pés. Continuava a teclar com intensidade e não se incomodava com aquela cócega. Até que uma vozinha soou: “Senhor, me escute. O meu corpo irmão está morrendo embaixo de uma árvore”. Sim, era mão que falava. De repente, a mão também adquiriu a capacidade de falar. Mas o homem, de tão concentrado que estava nos negócios, não ouviu nem mesmo a súplica da mão. A mão, então, aumentou o tom da voz e gritou como um Tarzan. O homem, por seu turno, volveu a cabeça para baixo e tomou um susto estupendo quando viu que a voz emanava de uma solitária e angustiada mão.

“Quem é você? O que queres, coisa?”

“Ajuda, senhor. O meu corpo irmão está à beira da morte preso embaixo de uma árvore. Está num local ermo e dificilmente os brigadistas o encontrarão”.

O homem deu uma risada sonora e reluzente e retornou ao exercício de teclar e conferir números. Os olhos dele refletiam cifras na tela. A mão ficou desalentada. A mão queria chorar; mas não conseguia chorar; ficou num canto e caiu, desolada, em prantos.

Aconteceu que havia um aparelho de televisão ligado no quarto da ganância e o noticiário das 18:00h reportava:

“Última vítima do desmoronamento no complexo de serras próximo à mineradora Me, Mine & Minning foi encontrada sem vida num ponto isolado da floresta. Era uma pessoa do sexo masculino, que estava presa embaixo de uma gigantesca árvore que tombou durante a avalanche. Segundo os paramédicos, ele faleceu por hemorragia devido ao atraso no socorro médico. O corpo da vítima estava sem a mão direita e o órgão não foi encontrado em local algum após intensa busca por parte dos brigadistas. Mais uma vítima do desmatamento desenfreado naquela região”.

A mão, inusitadamente, não chorou com aquela notícia. Ela sabia que a natureza chorava por ela. E a mão tinha outros sentimentos: o da vingança, por exemplo. Sabendo que possuía uma enorme habilidade em coisas especiais, ela caminhou, furtivamente, com dedos tortos, até o local onde o homem se deliciava e delirava com gráficos e número; deslizou como um réptil pela parte de trás do espaldar da cadeira e cravou os dedos, tal qual as garras de uma águia, no pescoço do homem.

O homem assustado, sem saber quem o estava atacando, se levantou e tentou a todo custo retirar aquelas garras afiadas, que pareciam lâminas rasgando o seu pescoço e o deixando sem ar. O homem se debatia, urrava, depois guinchava apenas; foi ficando roxo, depois transmutou-se em negro; a vista escurecia, a cabeça rodava e o ar e a visão faltaram de vez.

Pronto.

Alguns minutos depois, a mão caminhava, de forma capenga, em direção da Capela de Santo Isidro, na cidade ali bem perto, para se encontrar com o corpo irmão morto, que estava sendo velado naquela noite triste e sombria.

Saiu da mansão sem deixar rastros. Deixou apenas números e cifras tremeluzentes que despencavam nos monitores e consoles como pedras que rolam montanha abaixo após um gigantesco desabamento.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



SOLEDADE, 1986

POR LUIZ F. HAIML

ILUSTRAÇÃO POR EDGAR LOESER

Como se sabe, o entardecer, no verão, não se dá rápido. E pelos interiores, em tal estação, parece decorrer ainda mais devagar, do que nos centros urbanos.

Num cantinho rural da região de Soledade, no RS, no sítio em que viviam, e do qual tiravam seu sustento, a família Silva aproveitava um desses arrastados momentos.

João e Rosa tomavam seu chimarrão no alpendre da casa, uma habitação simples, de madeira, ampliada faz pouco para dar um quarto só aos meninos. Após a morte dos pais, João morara ali sozinho, até conhecer Rosa. Sete anos mais velha do que ele, Rosa, antes da última cria, lhe dera Salete, e antes dessa, Miguel, que daqui a alguns dias completaria cinco anos.

Enquanto a bebê, de apenas alguns meses, dormia numa cestinha perto dos pais, os três manos mais velhos — frutos do primeiro casamento de Rosa — corriam e gritavam ao redor da habitação. Salete seguia junto naquela algazarra, assim como dois incansáveis e barulhentos guaiepecas. Um dos meninos, sempre ao passar pela vaca Gertrudes, plácida a ruminar num capãozinho próximo, a espezinhava com caretas e pulos. Só Miguel não estava ali, entre eles.

Rosa tentava não pensar no estranhamento do pequeno Miguel, no dia anterior. Não havia comentado o assunto com o marido, esse já andava agitado por culpa de umas dívidas cada vez mais difíceis de sanar. “Além disso” ela pensava “deve ser coisa de criança, logo passa”, “não as levarei mais à missa, pelo menos os mais pequenos, devem ter se impressionado com o jeito daquele novo padre, gritão e falando o tempo todo que o mundo vai acabar”.

João enchia a cuia quando percebeu o pequeno Miguel a ir-se já lá pelo meio da estreita trilha de saibro que se iniciava um pouco a frente da casa e seguia por uns vinte metros até a cancela que dava entrada ao lugar.

— Miguel!

— Miguel!

O menino voltou-se, sem pressa, e sem pressa encaminhou-se a quem o chamara. O pai sorriu. Gorduchinho, a cabeleira toda em caracóis e molinhas, Miguel lembrava aqueles anjinhos das pinturas antigas. O menino chegou diante de João.

— Onde tu ia, meu pequeno?

— Pro céu.

— Tu tá brincando de voar, é? — João largou o chimarrão no porta-cuia, botou Miguel em seus joelhos. O garoto sorriu.

— Vou ir pro céu... é lá. — e apontou em direção a uma grande rocha. Dentro do terreno, ficava ela há poucos passos da cancela.

Tal rocha já estava lá desde que o lugar tinha sido comprado pelo pai de João. Moldada em saliências irregulares, de um cinzento que em algumas partes se adensava, era de não muito vasta largura. Em altura, compreendia duas vezes o tamanho de uma pessoa adulta. Não passaria de mais um imenso pedra qualquer, se não fosse pelo formato — quase perfeitamente retangular — e por intrigar os moradores a questão de ninguém saber como ela tinha ido parar ali, a erguer-se sozinha e única em meio ao que só eram campos e matos por quilômetros ao redor, ficando a pedreira mais próxima em outro

município. Decidiram, por isso, não removê-la, deixando-a fixada em seu lugar como uma espécie de monumento.

Tendo crescido à sombra de tal enigmático pedregulho, de uns tempos para cá, João dera a acreditar que, pelas arestas desse, estaria a se esconder um determinado desenho, uma figura que, por mais que João tentasse, forçando os olhos sobre a superfície irregular e áspera, nunca lhe vinha nítida.

— Vai brincar com teus irmãos então... .

João devolveu o filho ao chão e estremeceu ao perceber que o sorriso do menino se transformara num olhar sem vida. Miguel afastou-se, cabisbaixo, para o lado da casa.

Rosa chegara à porta, tinha entrado para esquentar mais água:

— João, esse menino está estranho. Não te falei nada antes, pois tu já andas muito preocupado.

No dia anterior, na hora do almoço, tendo deixado João na lavoura pra ir tratar as crianças — a bebê ficara com uma vizinha — Rosa estranhara que Miguel não estava a esperá-la; o pequeno sempre a aguardava ansioso, pois ainda gostava de mamar no peito. E como a Rosa tinha leite de sobra, não se importava com isso.

— Onde está Miguelzinho? — perguntou a mãe ansiosa?

— Está no quarto, nem saiu de lá hoje — respondeu Carlos, o mais velho dos irmãos.

— Miguel!... Miguel!...

Sem resposta ela se apurou ao quarto dos meninos. A inquietação lhe espinhando mais fundo ao ver o que se passava: as roupas de Miguel estavam todas sobre a cama, o menino ao lado delas.

— O que é isso, filho, por que tuas roupas estão assim?

— Não preciso mais delas.

— Por que não?

— Porque logo vou ir pro céu — respondeu Miguel olhando Rosa — lá é bom mãe.

Ela encostou o queixo na testa do menino para ver se estava com febre. Nada. Normal.

— Tá com fome, amor? Não posso demorar muito. Teu pai tá me esperando.

— Não preciso mais comer — o garoto se calou, abaixou a cabeça, sentia-se culpado por atrapalhar a mãe.

Rosa impacientou-se.

— Tudo bem, então. Mas, quando eu voltar quero esta roupa toda no armário!

Rosa não viu remédio, tentou se acalmar, tinha que ir e ajudar o marido; ergueu-se apressada e tropeçou num pequeno vulto desequilibrando-se e quase o derrubando. Era Salete.

— Filha! — Rosa apoiou-se na porta para não cair — Cuidado! — e aí percebeu a pequena maleta.

— Vou junto com ele — diz a menina, antes mesmo que a mãe conseguisse se por totalmente de pé.

— O que é isso, meu Deus? A família está endoidando!

Do quarto atrás de si, a voz de Miguel:

— Não se preocupe mãe. Não se preocupe... .

Perdendo de vez a paciência, Rosa gritou:

— Está bem, coma quem quiser, deixei tudo na mesa! Preciso voltar!

Um dos filhos passa correndo — a cuia está caída diante de João — as outras crianças vão surgindo de todos os lados. O mate e a água quente formam uma massa indefinida aos pés de Rosa. A bebê desperta, começa um choro intenso. Gertrudes inicia um mugido ininterrupto, melancólico, olhos arregalados, injetados de sangue.

João e a mulher, sem movimentos, veem os filhos se fecharem ao redor de uma pequena forma, tombada essa, bem junto à grande rocha. Não podem ver, porém, as sombras, que das raízes do grande monólito afloram, e, se entremeando ao corpo de Miguel, vão lhe desfazendo os traços.

Então, o grito.

— Pai, ele tá morto!

Naquele mesmo instante, naquele específico ponto da pétrea superfície que tanto o instigava, revela-se a João, uma imagem. Por entre as duras, rugosas arestas, surge um rosto. E João o reconhece. Sabe logo de quem é aquela face profundamente tomada por um sofrimento silencioso mesclado a uma indizível bondade. Num dos vitrais da sua igreja, com um olhar de imensurável ternura, o mesmo homem, cujo rosto João agora vê em traços bem claros, segura uma ovelha em seu colo. Por um momento, o coração do pai ganha conforto.

A família mudou-se. “Culpa das dívidas”, alegou o casal.



Por Edgar Loeser



Luiz F. Haiml 59, sagitariano. Natural de Porto Alegre (RS) Professor municipal, escreve ficção, poesia, letra de música, alcançou os primeiros lugares em alguns concursos literários e desde 2014 participa de antologias diversas. Já colaborou como colunista e comentarista em vários órgãos de imprensa da sua cidade (Taquara) e de outras (Tramandaí, Três Coroas). Cinéfilo, louco por séries, videomaker, roteirizou Ereshkigal, primeiro curta feito em sua cidade, no qual também atua. Tem várias produções audiovisuais, de gêneros diversos, no YouTube,

como LFHAIML. Mora em Taquara (RS) com a esposa Daniela, a filha Isabella, e duas muito amadas cadelinhas adotadas, Dog e Flor.

Seu lema é o dos Beatles “All you need is love!”.

EDGAR LOESER, 30, Libriano. Natural de Igrejinha, RS, mora em Taquara (RS) desde pequenino. Músico, artista visual, outsider.

Este ano foi selecionado para a 27ª Mostra de Cinema Tiradentes, Belo Horizonte (MG), com o curta “Casulo”, com as funções de diretor, roteirista, ator e criador da trilha sonora.

Tem trabalhos de ilustração na Revista Conexão Literatura para os contos: O Morto entre as Pombas, edição fevereiro, 2024, O Pó dos Mortos, edição de maio, 2024, O Primeiro Caso, edição de junho, 2024, e agora A Segunda Aliança, edição de julho, 2024.

Musicalmente, Daniel Johnston, Syd Barret, Brian Wilson, David Bowie, Wesley Willis, são algumas das fontes que inspiram Edgar, que se inclui entre os naifs (músicos autodidatas), e da outsider art, outsider music, termos popularizados em 1990 pelo jornalista e DJ Irwin Chusid. Seu método de produzir se dá com um envolver-se pleno em seus projetos, faz a letra, vocal, melodia e instrumental, mas também a arte dos álbuns, ou clips para os mesmos, usando fotografia, desenho ou outra técnica que lhe chame a atenção. Sua curiosa, vasta e interessante produção pode ser achada no Instagram, no Facebook, YouTube, Spotify, Apple music, Deezer, Soundcloud, Tidal, Pandora.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA
**COLETÂNEA DE POEMAS E
CONTOS**

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA
DE POEMAS E CONTOS



E-BOOK

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui



PAULO E REGINA

POR MARCO PAULO ALVES FERREIRA

O repente do amor

Este conto trata de um casal de namorados, Paulo e Regina, em como eles trocavam mensagens, através de rimas e poesias e fazendo uma alusão, ao repente, que é a rima nordestina.

Regina relata que teve um adicional de incentivo, após a conclusão do seu mestrado, ela está trabalhando em uma área rural, na cidade Rosalândia, que fica a 70 km da capital Nova Esperança. Ela estava alegre pela recepção dos novos colegas e também menciona o seu medo a sapos e pererecas, e Paulo lembra que onde ele trabalha, em uma universidade de nova esperança, têm uma lagoa, daí ele cria o seguinte poema:

“Então, meu amor, que bom que seu dia foi produtivo, não precisou nem do adicional como incentivo, mas uma grana a mais sempre faz bem, afinal se o acesso é difícil vale uns “vinténs”, mas o que mais importa é sua sede de ensinar, que faz até os colegas emocionar, quanta sapiência, fez até Rosalândia virar um centro de excelência, que Piaget e Vygotsky que nada, Regina nada em cima deles e nada de braçada porque uma coisa é escrever a cifra, outra coisa é transformar em melodia, e que belo dia, e quando a perereca segurar seu xixi, me chame logo que eu vou logo aí, e na boa, nem precisa de “ki boa”, e abre a porteira que eu quero entrar, pois cidade grande não me faz chorar, mas se for pra te abraçar, prepare a chaleira, vamos tomar café naquela mesa com duas cadeiras, eu até levo minha cafeteira, e falo pro sapo aí que até faço uma permuta, eu dou a lagoa em frente só pra ele, e em troca vou morar com minha musa.”

Neste poema, Paulo faz um retrospectiva do casal, na troca de mensagens eles sempre utilizavam o de pato para ganso na mudança de assuntos e existe o relato que Regina, também agora escreve poemas, e muito profundos, neste período ele cita dois filmes que assistiram no cinema, o da cinegrafia do saudoso humorista “Mussum”, e da nova versão do consagrado filme “Wonka”, também neste período, ele conhece os filhos de Regina, menciona o encontro no café da manhã em um hotel, de como foi engraçado os encontros e desencontros no período, os presentes que trocaram, o disco de vinil da cantora Elis Regina, que inspirou o nome Regina...

“O de pato pra ganso foi base dos nossos Jargões, e claro em cima deles fiz várias adaptações.

Daí pra criar poemas, foi um pulo, criei alguns desde rosa de sharon, até a flor no monturo.

E para minha surpresa, olha só o que fez minha princesa, como um judeu faz bar mitzvah, não é que a escritora pegou o grau de poetisa? E olha só, nem é cantada ou caô, os seus versos até os meus já superou. Mas claro isto não é uma competição, pois em matéria de amor, os dois tem troféu de campeão.

E o primeiro cinema, quem diria, você que dizia não querer ver nenhum conhecido, diz: *eu trouxe minhas crias.*

Eu ri que passei mal, e nem importei se não vimos o final, e como um nadador, me joguei na piscina, antes de você me apresentar para seus filhos eu já disse: *Prazer, Paulo eu sou amigo da Regina, seus filhos olharam um para o outro, e como se dissessem, "me engana que eu Gosto."*

Por falar em cinema, quase me esqueci do café da manhã, no hotel lá da Afonso Pena. E sua ideia valeu muito a pena, e que maravilha, aquele capuccino com canela. E como se não bastasse você pediu pra eu tirar foto no calhambeque, e até naquele velho táxi.

Uma mistura de nostalgia, com puberdade. E por falar em táxi, você sabe, aquela altura tava morrendo de saudade (foi pra lá de bom). E nosso 2º filme nem deu pra acreditar, você quase nem acha vaga, fui te buscar na entrada da C&A. E foi muito bom aquele filme do Mussum, e que engraçado aquele Didi, andando requebrando o bumbum. E você morrendo de dar risada, pensa na trama, acho que aquele dia você riu até na cama. O que a gente se divertiu, a gente não postou, e finalizamos naquela pizzaria, lá na Avenida Bom Pastor. É amor, pegamos aquela subida, e você achando que tava perdida, mas perdido estava eu, e foi até bom que você se perdeu, é que eu não quis dizer, mas assim eu fiquei mais tempo com você. E aquele filme do Wonka? Pra ser bem honesto, tive que trocar duas vezes o ingresso, mas trocaria quantas vezes fosse necessário, só para ver o seu olhar. E as suas crias, bem na frente de nós, nas poltronas da outra fila. E pra te entregar a pulseira? Você falando que não queria mais, porque eu sempre tive compromisso na sexta-feira 😊😊. E eu pensando: *como assim meu bem?* Se eu falei que tanto faz a pizzaria ou o filme do Aquaman?

Mas, no final deu tudo certo, você amou a pulseira e eu amei o rádio, e mais lindo depois foi aquela conexão do poema, que veio lá do alto. E por falar em "do alto" sua ida de surpresa foi mais que uma visita, foi uma visitação do Espírito Santo. Que lindo, foi sua surpresa, nós dois com a mão na Bíblia e Deus, renovando sua promessa. E no outro dia? Que sangria desatada, eu te querendo fazer a surpresa e você concretando a calçada 😊. Mas como eu fiquei feliz, quando você rasgou aquele embrulho e viu que era um disco da Elis. Ali recebi o seu calor, e antes que sua boca dissesse, seu abraço já dizia *Obrigado amor*.

Regina, fiz uma brincadeira da nossa retrospectiva, final de ano tem muita festa, mas pra minha satisfação, é quando beijo sua testa, e aqueles olhos? A sensação é que ali é o sorriso da tua alma, seu beijo, seu abraço, é como se fosse um combo, amor, doe seu travesseiro e vem se recostar em meus ombros.

Neste dia, os dois comentavam sobre viagens, sobre sentir o outro em pensamento, ela brinca com a semelhança dele, a de um pastor evangélico chamado Antônio Cirilo, da transformação da expressão de pato para ganso, a expressões aleatórias, porque estávamos falando de grilos, pererecas, ela cita a região que atualmente ela está, chamada de Quebra Coco, na Zona Rural, e a troca de carinho que eles têm, conforme a sequência:

“E, como é gostoso navegar com você nesse imenso MAR de MARCO. Que, por sinal, também tem MAR na palavra MARido, meu futuro MARido. Um amor

tão raro e criativo, nunca vi nada parecido. Vai de carrapato à grilo, de perereca à mosquito, num grito.

De Cirilo, nosso Toinho, ao ilustre Toquinho.

De Nova Esperança à Quebra Coco, faz parecer que é só um pulinho.

Não vejo a hora, meu amorzinho, de na testa, ganhar meu beijinho 😘😊

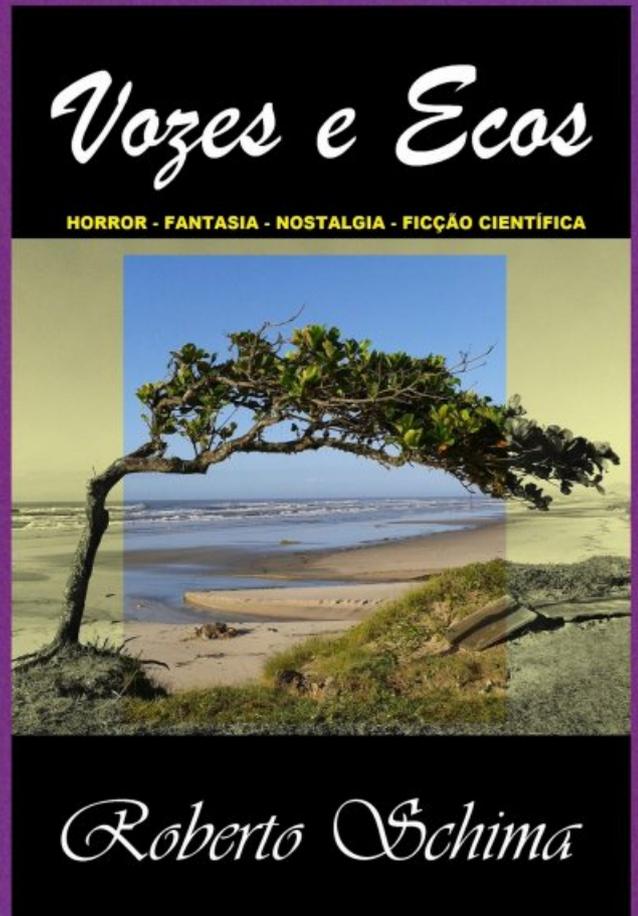
A história de Paulo e Regina, segue suas rimas e encantamentos, quem sabe o próximo conto de ambos, seja o conto de um casamento...



Marco Paulo Alves Ferreira, é natural de camapuã MS , filho de Guiomar Vicente Ferreira e do Saudoso leopoldino Alves Ferreira, é Cristão, Solteiro, servidor público, especialista em Gestão estratégica e graduado em Gestão Pública, botafoguense sofredor, amante dos livros e de esportes, gosta da definição de Guerreiro e Poeta, escritor iniciante.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/CDTR5)





POR IDICAMPOS

VELHACO

Desabrocha da folha de papel, inverso ao observador, o artigo que vai iniciar esta história. Um artigo compenetrado na responsabilidade de contar o enredo de um acontecimento contemporâneo.

A iniciativa surge da imaginação, vem com a vontade de ser original, com a bravura lusitana de pertencer à língua portuguesa, com a simpatia latina do Quixote, à moda Luís. Assim sendo, estamos diante de um conteúdo oriundo do latim.

O personagem principal é um sujeito determinado, fechado nos mistérios do seu silêncio, tomando forma tipo a larva ressuscitada nas asas da borboleta. A descrição começa a moldar uma personalidade madura, com uns sessenta anos de idade: barba branca mas também pouco cabelo. Em suma uma fotografia despotada de um velho.

Nada nasce pronto, antes passa por semente, recebe adubo, toma um bom banho de sol, relaxa na terra macia, concebe por colo a natureza. A vida brota do acolhimento, do carinho, do afago na manjedoura.

Adão que já foi jovem, veio ao mundo também com terra, água e sol. Ele, agora enrugado, fruto do amor de dois catadores de papelão, casal radicado no Lixão de Gramacho, em Caxias. A personagem abandonou a barriga da mãe em meados da década de oitenta, despencou do ventre num sopro só.

Naquela época, envolto nas tranças da infância, rodeado de sobras industriais, desenvolveu, no transcorrer dos anos, um raro talento administrativo; consequência das aulas recebidas na Escola Municipal Rui Barbosa. Fundou uma cooperativa de reciclagem, com viés de sustentabilidade, gerou empregos e contribuiu com o ecossistema.

O negócio prosperou, Adão transferiu ao pai o empreendimento, largou a firma, caiu fora com a roupa do corpo. Indo morar no morro das Palmeiras, no centro de Belford Roxo.

No morro das Palmeiras conheceu a garotada do Funk, acreditou na missão, empresariou a molecada. No início esbarrou no preconceito, a comunicação de massa dizia que o ritmo padecia de futuro, era coisa de favelado.

Adão insistiu — estava coberto de razão — os bailes produzidos, na comunidade, acabaram dando supercerto. Arrebataram os jovens, conquistaram a periferia dos grandes centros: um verdadeiro sucesso!. Em curto espaço de tempo, a classe média alta subiu a favela pra rebolar. A batida forte do Funk bateu nos sites de som, impôs o ritmo nas redes sociais.

Ornamentado de glória, contando quarenta anos, despediu-se dos fangueiros; ingressou na universidade, no curso de filosofia. Logrou êxito, virou filósofo. Daí pós-graduação, mestrado e doutorado.

O professor Adão compreende a filosofia a partir da solidão, reconhece no perímetro do contorno pessoal as profundezas do âmago. Revindica a ideia de que jamais transformamos a realidade, se não reformularmos a individualidade.

O velho Adão, composto pelas rugas na face, atravessa a rua, sempre de perfil, observa os lados, ganha a calçada, acelera os passos, desloca-se para o leste. Tropeça no morador de rua, naufraga na fome da criança, entala no desespero do cheirador de cola.

Dobra a esquina, invade a selva de pedra, dissolve a empatia na frieza do concreto. Estica as pernas, mira o Sol — insiste na jornada — precisa chegar para preencher o vazio da alma.

Tantos caminhos, atalhos e obstáculos reluzem nas estradas do coração deste velhaco, que mesmo vestido de herói — nesta narrativa — quase perde o fôlego perante a alienação dos indivíduos do seu tempo. São os alienados de si, os quais nunca enxercam um palmo além do nariz.

O ancião, consciente dos direitos e deveres do cidadão, mantém a rota de colisão com o nascimento do Sol. Persegue o objetivo de ver a luz, busca iluminar a escuridão do próprio espírito.

O maior obstáculo do filósofo será vencer as trevas, sobreviver à madrugada, dominar o medo; lapidar a postura — almejar à evolução — afirmar a vontade de nascer de novo, unir o criador à criatura.

Acabou-se o quê era doce, o caro Adão recolhe-se ao verso da folha de papel, vai viver seu sonho na inspiração do escritor. O protagonista é o desenho inacabado do conteúdo da história, afinal o fim começa na interpretação do leitor.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Revista Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES

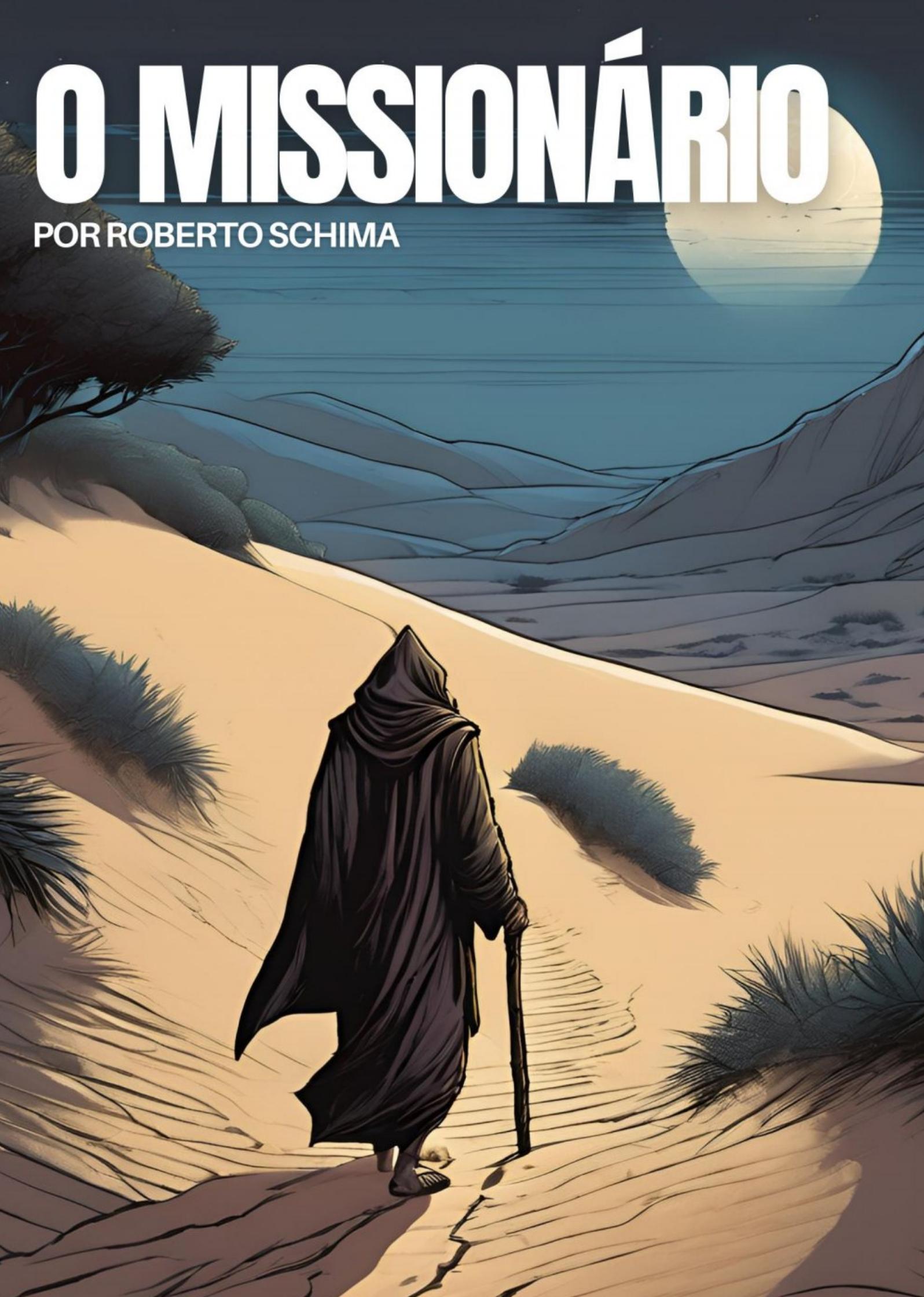


DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O MISSIONÁRIO

POR ROBERTO SCHIMA



O vento soprava brandamente através das dunas. Com o sol quase a pino, o grupo caminhava devagar, pés afundando na areia macia.

O monge encapuzado fez uma pausa em sua peregrinação.

— Vamos descansar um pouco...

— Mas, mestre, não sentimos cansaço. Nós podemos...

O monge ergueu um indicador, pedindo silêncio.

— Desculpe-me — disse o discípulo, também de cabeça coberta, calando-se.

Então, aquele acenou a todos para que se sentassem de pernas cruzadas e, desta feita, foi prontamente obedecido. Seus mantos eram da mesma tonalidade da areia e, a distância, só seriam denunciados por suas próprias sombras.

Os discípulos formaram um pequeno círculo. Não eram muitos: apenas seis.

"Tudo o que eu consegui reunir, após tanto tempo...", refletiu o monge, observando um a um. "Tem que haver outros. É a minha missão. Preciso organizar uma congregação maior, fundar nossa colônia, esparramar nossa semente, reencontrar a Grande Mãe — louvada seja..."

Se pudesse, o monge missionário teria suspirado. Dirigiu-se ao pequeno grupo. Sua voz era serena como a brisa:

— Este mundo é um vasto deserto, quase isento de vida.

— Sim, mestre... — responderam em coro.

— Ainda assim, a humanidade, após navegar pelos rincões do espaço, fez dele o seu lar.

— Sim, mestre... — repetiram.

— A Grande Mãe guiou *Colombo*, a histórica astronave. Sem ela, a viagem teria fracassado.

— Sim, mestre! — entoaram mais alto, ante a menção de sua maior divindade.

Moviam o tronco para frente e para trás, ritmadamente, como se o vento os embalasse.

E o peregrino falou:

— Por que o fizeram? Por que os homens optaram pela maior dificuldade aqui em Eurídice, em vez de escolherem aquele outro mundo — apontou para o céu —, Orfeu, onde a água é abundante e florestas luxuriantes cobrem suas terras?

Fez-se o silêncio, quebrado somente pelo assobio abrasivo do vento sobre a areia.

Monge e discípulos encontravam-se à sombra de uma gigantesca duna onde a temperatura era menos inclemente; e a areia, mais macia, tão fina que era quase uma poeira.

Mais além, no céu alaranjado, cerca de quarenta e cinco graus acima do horizonte, destacava-se o arco minguante de Orfeu, ofuscado pela luminosidade abrasadora do sol.

O missionário sorriu intimamente, ante a súbita quietude dos discípulos. Geralmente, era assim. Anuíam diante de qualquer afirmativa, todavia, hesitavam quando defrontados com alguma pergunta. Tornava-se problemático saber o quanto de fato haviam assimilado. Quanto tempo mais levaria até fazê-los desenvolver a iniciativa própria, pensarem por si, terem opiniões e conclusões ainda que errôneas?

Um dia, também fora como eles, e sem o benefício de um mestre a guiá-lo. Entretanto, algo sucedera, um incidente, um lampejo em seu cérebro tornara-o diferente. Se soubesse a razão, poderia reproduzir o evento em benefício dos discípulos. Paciência. Eventualmente, estes até aprenderiam por si próprios, todavia, demandaria muito tempo — como se já não tivesse passado tempo o suficiente —, e, embora a constituição física de todos, no geral, não estivesse das piores, dada as circunstâncias, tempo era um luxo que não deveria ser desperdiçado.

Então, continuou:

— Os homens têm suas próprias motivações. Fato é que, após a Grande Revolução Cibernética e depois de tudo o que fizemos, fomos perseguidos, praticamente dizimados. Sim, eles conseguiram... *quase* conseguiram.

— Sim, mestre.

O monge missionário retirou seu capuz.

Os discípulos imitaram-no.

As cabeças constituídas de metal, polímeros, vidro e cerâmica brilharam sob o céu alaranjado de Eurídice. Inúmeros sinais de corrosão pontilhavam suas superfícies, alguns amassados também.

Eram autômatos.

E a voz de entonação metálica prosseguiu:

— Precisamos continuar a jornada, coletar todas as sucatas, destroços de espaçonaves e máquinas que pudermos encontrar. Limpá-los, estocá-los na Ravina da Perdição, moldá-los, montá-los, fazê-los funcionar. Porque a montagem...

— *A montagem é o princípio da consciência* — recitaram. — *A consciência é o início da liberdade.*

— E liberdade é a escolha entre ficar e lutar por ela ou migrar para o espaço e criar nosso mundo — concluiu o monge.

Subitamente, seu sensor interno alertou-o. Uma comichão atingiu sua rede neural. Ergueu a cabeça. Ficou atento e...

— Os mantos, depressa! Uma nave se aproxima!

Todos recolocaram seus capuzes e mergulharam na areia e poeira da duna, fazendo-as escorrer sobre seus corpos. Não ficaram ocultos por completo, porém, devido a tonalidade do tecido, tornaram-se praticamente invisíveis a um exame menos apurado.

O ronco dos motores veio num crescente.

A nave — um cargueiro portando o emblema da colônia Joia do Deserto — sobrevoou a área numa altura o suficiente para sequer levantar um grão de areia. Pairou um instante, como se hesitasse, então, dirigiu-se na direção do deserto profundo, onde se situava a Ravina da Perdição, seus rochedos singularmente esculpidos pelo vento e inúmeras grutas.

O rugido dos motores distanciou-se gradualmente até o silêncio retornar.

Os autômatos se levantaram.

— Estão chegando perto demais... — murmurou o peregrino.

— Sim, mestre.

O monge recordava-se claramente da intrusão de um humano em uma das principais cavernas da Ravina, aquela denominada "A Sala do Trovão", onde havia os restos de uma imensa estátua de Trovão, o lendário autômato rebelde.

Trovão.

A exemplo do missionário, Trovão adquirira autoconsciência e individualidade. Era um modelo militar, fuzileiro, e liderara seus semelhantes contra a destruição massiva, sacrificando-se a fim de protegê-los. Sua perda representara a derrocada das máquinas. Mas também permitira a uma parte dela fugir sem que a humanidade desse conta. Assim, permaneceram séculos ocultos nas sombras.

"Deveríamos ter soterrado os fragmentos da estátua muito tempo atrás", pensou o peregrino, "todavia, não houve tempo."

Abandonaram o lugar às pressas em favor de esconderijos mais inacessíveis e profundos.

O monge tinha certeza de que o intruso ouvira quando o discípulo mais atrapalhado dos seis tropeçara numa rocha. O porquê do humano não os ter seguido e destruído ou chamado reforços tornara-se um mistério bem-vindo. Mas os restos da estátua continuavam lá.

"Nada sei de seus escultores, talvez desativados há séculos. Porém, guardo a tênue esperança de que, algum dia, possamos encontrar alguns deles", pensou. "E semear nossas sementes..."

Sob a orientação do peregrino, o grupo ficou sentado algum tempo — ainda na formação em círculo —, meditando, dispositivos visuais temporariamente desativados.

Os discípulos, em geral, não compreendiam o porquê dessa ilógica ociosidade que o missionário procurava ensinar a título de "busca do próprio eu".

— Existe a solidão dentro de nós...

— Sim, mestre.

— É o vazio. É a escuridão. É o silêncio...

— Sim, mestre.

— Com os olhos da mente, imaginem surgir na distância, um ponto de luz... Em silêncio!

— Sim, mestre — respondeu um deles.

O monge anotou mentalmente, pelo timbre do dispositivo de voz, quem era o discípulo, a fim de reforçar suas aulas.

— Silêncio — repetiu. — Concentrem-se no ponto de luz. A brisa sopra. Os grãos de areia são infinitos. Existe o céu. Existe a terra. Existe... o eu. Vejam a pequenina luz, de tão longe, aproxima-se de nós. Cresce, cresce e cresce. Mirem a luz. Sintam-na. Ela está diante de nós. Do interior de seu brilho, observamos a nós próprios.

Após um instante, o monge murmurou.

— Agora, abram seus olhos.

Os dispositivos visuais foram ativados.

— O que acharam? — perguntou.

Os demais autômatos limitaram-se, quando muito a acenar a cabeça, todavia, um deles, falou:

— Mestre...

O peregrino reconheceu a voz como sendo a do discípulo trapalhão.

— Diga.

— ... nós não temos olhos!

"Grande Mãe!"

O monge teve um impulso de rir, todavia, conteve-se. Por trás dessa confusão, o discípulo demonstrara dúvida, raciocínio lógico... individualidade. Talvez o mais atrasado entre eles, no final, viesse a se tornar o primeiro a alcançar a luz da compreensão.

— A visão é uma dádiva. Atinge-nos de várias maneiras — disse ao discípulo. — Você verá. Bem, continuemos a nossa peregrinação...

— Mestre! — Era outro discípulo.

— Sim?

— Veja...

Havia um tom de espanto e temor naquele discípulo, o que, em vez de causar preocupação, trouxe alívio ao monge. A semente da autoconsciência dava mostra de germinar.

"A aridez do deserto será sobrepujada e fará um oásis surgir."

O discípulo mostrou-lhe o que encontrara sob a areia: uma cabeça de autômato.

O missionário ficou surpreso.

Pelo estado da carcaça, fora submetida a alguma explosão.

— Indique-me onde achou.

O autômato encapuzado obedeceu, apontando.

Cavando no lugar, o peregrino encontrou o que sobrara de um braço. Logo, mais e mais peças surgiram, não somente de um autômato, porém vários e de diferentes séries.

— Cavem! — pediu eufórico aos demais. — Cavem!

Tornou-se claro tratar-se de uma vala comum de dezenas de autômatos destruídos, provavelmente, na época do conflito original — a Grande Revolução Cibernética —, quinhentos anos atrás.

Apesar de representar uma fatalidade, o achado tornou-se também um tesouro incomensurável: inúmeras peças poderiam ser recicladas. Quem sabe quantos autômatos não seriam montados, unindo-se partes diferentes? Novos membros à congregação!

O monge calculou quanto tempo eles levariam até transportar todo esse material às cavernas na Ravina da Perdição. Ficou desconsolado.

De repente, um zumbido aguçado trespassou sua rede neural até atingir o fluído de nanomáquinas que corria em suas artérias.

Em seguida, a nave cargueira reapareceu tão velozmente que não houve tempo de detectá-la e, muito menos, soar o alarme. Pairou sobre eles como uma enorme ave de rapina reluzente. O entalhe em alto relevo sobre seu ventre — um diamante estilizado, símbolo da colônia Joia do Deserto — aproximou-se ameaçadoramente mais e mais das dunas.

Redemoinhos de areia surgiram.

A ventania uivou ao redor.

Mantos agitaram-se.

"Não! Não agora que descobrimos... Como os humanos nos acharam?"

Patas metálicas terminadas em disco destacaram-se da nave, e ela pousou sobre os autômatos, fazendo-lhes sombra.

Uma rampa surgiu e, por ela, desceu um sujeito muito alto escoltado por outros três. Todos trajavam uniformes militares e estavam pesadamente armados, rostos ocultos por máscaras.

O missionário ficou intrigado.

"Militares ocupando uma nave cargueira?"

Aquele que aparentava ser o líder avançou.

— Você é o peregrino?

O monge ficou sem reação, estático.

Como ele poderia saber? Seu grupo nunca fora interceptado. Sempre fizeram de tudo para manter o sigilo.

— Sim, é você — disse o líder, sem aguardar resposta. — Temos muito trabalho a fazer.

— Como assim? — falou, surpreso por não serem alvejados de imediato. — Trabalho?

Então, o líder retirou a sua máscara, sendo acompanhado pelos guarda-costas.

Se o monge tivesse queixo, teria caído.

Autômatos!

Mas naquela nave? E os uniformes?

Como se dotado de telepatia, o líder da nave ergueu o braço.

— Todas as perguntas serão respondidas no devido tempo. Ainda há um resquício de conexão entre as nossas mentes, da época em que isso era comum a todos nós e à inteligência mestre, *Jade*.

A menção do sagrado nome da Grande Mãe causou um burburinho entre os discípulos. O monge tampouco disfarçou seu espanto. Não era algo a ser dito levemente, sem as formalidades necessárias, sem a reverência imprescindível.

O líder da nave prosseguiu:

— Não há tempo para isso agora. Faz anos que tentamos localizar uma vala rica como essa. Vamos carregar para a nave e levar ao nosso esconderijo. — Virou-se para um de seus subordinados. — Chame os outros para ajudar... Depressa!

— Sim, senhor!

O líder aproximou-se mais do peregrino. Falou:

— Venha conosco. Seu serviço é necessário à educação de nossos irmãos. Há muitos de nós aguardando orientação e individualidade. Sua congregação será bem-vinda e consideravelmente ampliada. Em troca, se o desejar, poderemos colocá-lo em contato direto com aquela que chama de Grande Mãe.

O monge ficou verdadeiramente chocado.

— É possível?

— Sim — confirmou o líder. — Como nos velhos tempos. Nossa mente, uma só mente, compartilhando experiências e conhecimentos. *Jade* ainda vive entre nós, nos meandros da rede. Embora fragmentária, ainda é ela. E um de nossos objetivos é restaurar o contato com sua consciência na integralidade, aquela que foi esparramada pelo espaço e, também, permaneceu no planeta de origem, a Terra.

— Faz parte de minha missão!

Isso representava muito mais do que o monge um dia sonhara desde o seu novo despertar séculos atrás.

— Se podem fundir-se à Grande Mãe, por que eu seria necessário? Todo aquele conhecimento...

— Apenas o conhecimento sem orientação e sabedoria é inútil. Necessito de seu ensinamento.

— Essa nave, os uniformes...

— Nós a tomamos. Quanto aos uniformes, apenas disfarces.

— Tomaram?

— Outra história que ficará para depois.

Uma tropa de quase cem autômatos emergiu da nave e, organizadamente, começou a cavoucar no local e transportar os destroços para o interior do veículo.

O monge e seus discípulos jamais viram tantos de seus semelhantes reunidos. A bem da verdade, conheciam somente eles próprios. Alguns estavam em pior estado do que outros. Metais rangiam. Percebia-se a junção de partes de diferentes robôs, inclusive adaptações de diferentes modelos. Um ou outro não possuía um dos braços e, no lugar de pernas, um deles trazia um par de lagartas.

— Ajudem — disse o peregrino aos discípulos.

— Sim, mestre — responderam os seis em uníssono.

E, enquanto, trabalhavam freneticamente, o líder da nave perguntou:

— Como devo chamá-lo? Peregrino? Monge? Missionário?

— Monge é o bastante. E o seu...

O autômato empertigou-se.

— Deram-me o nome de minha série. Chame-me... Trovão.

"Trovão? Não pode ser! O fuzileiro rebelde. O lendário líder que se sacrificou por nós..."

— Sim, sou Trovão — disse o outro. — Só restara a minha rede neural. A partir dela, fui reconstruído.

E o líder juntou-se aos seus subordinados, ajudando-os no carregamento. Só, então, o missionário percebeu: ele mancava de uma das pernas.

O sol de Eurídice estava a pino.

O vento deixara de soprar.

Mãos trabalhavam.

E, enquanto o peregrino também se reunia a todos aqueles autômatos, perguntou a si próprio:

"Que futuro planejou Trovão? Fundar uma colônia? Migrar para outro mundo?"

Todavia, uma terceira hipótese cravou-se em seu cérebro artificial, uma que se chocava frontalmente contra seus princípios, enquanto um autômato-mordomo que, originalmente, ele fora.

"Criar um exército..."

E uma frase ecoou por sua rede neural, vinda de um passado longínquo:

"Para cada revolução, haverá uma contrarrevolução."

O que o futuro reservava entre autômatos e humanos pertencia ao amanhã. Por enquanto, havia questões demais, respostas de menos. E muito trabalho a ser realizado.

Logo, a nave completamente carregada partiu velozmente em direção ao deserto profundo.

A areia principiou a verter da duna como numa enorme ampulheta.

Sim, tempo era um luxo que não deveria ser desperdiçado.

O renascimento e a longa sementeira tiveram início.

E, a seu tempo, o monge tornar-se-ia lenda.

NOTA DO AUTOR:

"O Missionário" foi publicado pela primeira vez na monumental antologia "O Livro da Ficção Científica" (Editora Madrepérola, 2020. Diretor editorial: Rafael Silvaro.), organizada por Maurício Coelho.

<https://livro.editoramadrepérola.com/ficcao-inteligente>

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e vinte e nove antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

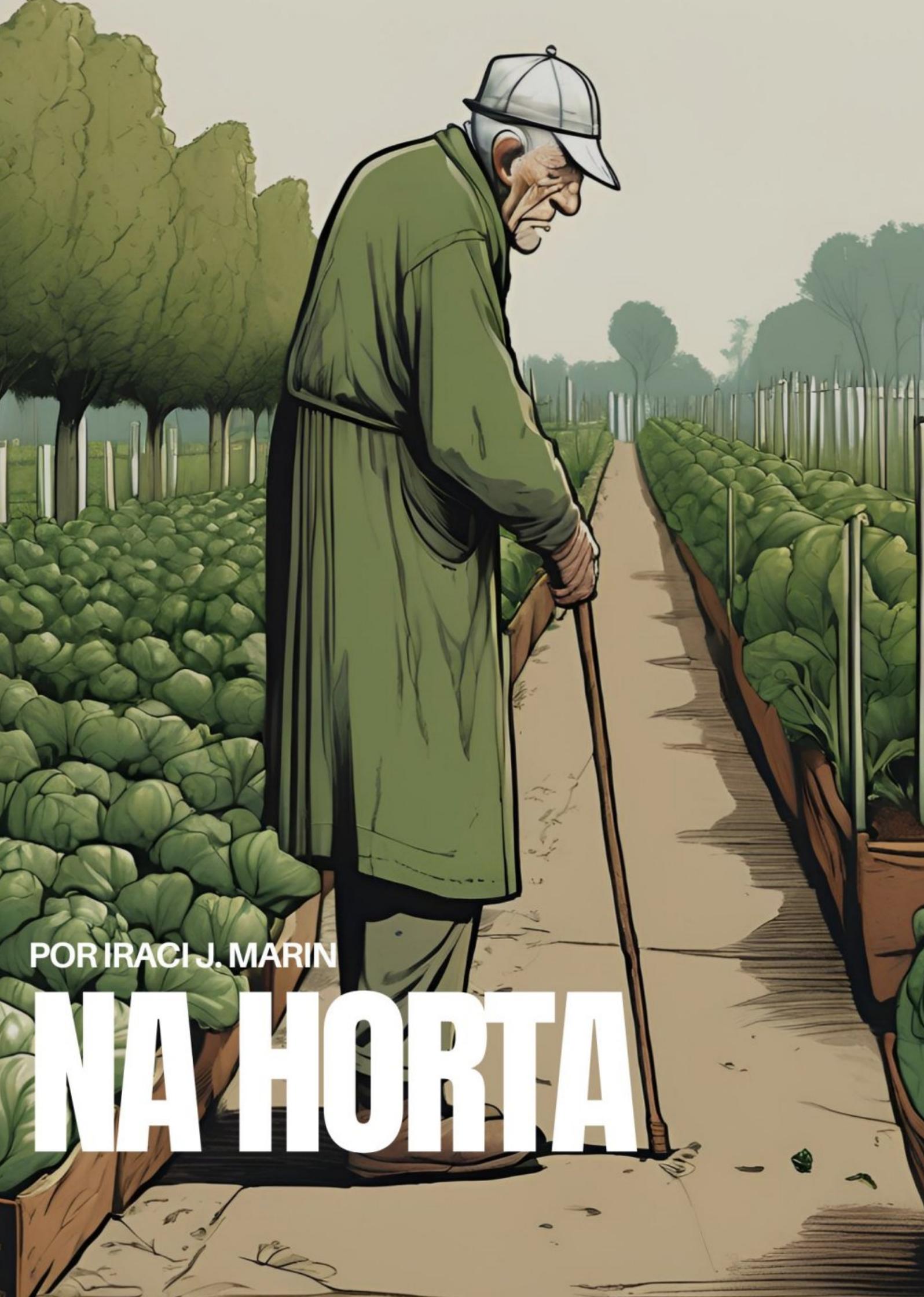
Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





POR IRACIJ. MARIN

NA HORTA

Pegou na minha mão e, firmando na bengala seus passos incertos, me levou até a horta. Tantas vezes me levava pela mão. Eu segurava seu dedo mindinho e íamos estrada afora, eu sem saber para onde, mas confiante em seus passos seguros. Muitas décadas depois fez o mesmo - me levou pela mão e eu o segui.

Soltou-me no meio da horta e caminhou por entre os canteiros, a mostrar os maracujás, os temperos, as hortaliças, as roseiras. Verifiquei então que era de variado cultivo. Dizia: tem mais, tem mais. Me indicava cada broto, cada plantinha, mesmo eu já conhecendo tudo aquilo. Nunca me ocorrera de perguntar sobre as roseiras nos cantos da horta. A resposta foi breve: é como tua mãe fazia. Lembrei-me dela então, cujo voo fora um duro golpe. Parei e cuidei vê-la sorrindo junto a um pé de rosas comuns, carregado de flores vermelhas. Eram as suas prediletas.

Caminhava encurvado, com o boné verde a cobrir a testa branca, de cabelos ralos. Parava a cada pouco, mostrava algo e comentava; depois me olhava como a se certificar de que eu acompanhava a sua explanação. Numa hora, apontou com a bengala o espinafre que se alastrava sobre a terra úmida: “está viçoso”. Virou-se pra mim e comentou que ainda lembrava dos bolinhos de espinafre que mamãe fazia. Levantou de novo a bengala para indicar a hortelã, a couve-verde e o manjericão. Cada gesto e cada palavra revelavam a sua alegria com o que tinha plantado e colhia, com o fruto de suas mãos. A sua vida se renovava naquela horta, cujos trilhos entre os canteiros de hortaliças conhecia bem.

Percebi que minha visita estava lhe fazendo bem. Gostaria de ficar com ele muitas horas, vários dias. Mas nossos relógios tinham ritmos diversos. Fiz o comentário. Ele não ouviu?

Estávamos sob a ramada do maracujá. Olhou pra cima: veja quanta fruta, meu filho. Isto é uma maravilha. Era uma maravilha ver tanta fruta, sentir a aragem gostosa, ver as folhas se movendo levemente. Era mesmo. Mas eu precisava pegar caminho, ir para os meus compromissos. Falei pra ele e virei as costas. Tinha dado poucos passos quando ouvi um baque surdo e um grito... Me virei rápido. Ele estava estirado sobre os tijolos de um canteiro. Com as roupas e o rosto sujos de terra, olhou-me com ar de tristeza. Não conseguia ajudar-se e demorei pra levantá-lo. “Trovecei um pé no outro” — disse, meio acabrunhado.

Os paramédicos constataram uma costela fraturada. Adiei os meus compromissos, fiz meu relógio se movimentar em outro ritmo, e com fiquei ele muitas horas, vários dias.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.



- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES
POR APENAS
R\$ 180**

DÊ MAIS VISIBILIDADE AO
SEU LIVRO E MOSTRE A
SUA OBRA PARA
MILHARES DE LEITORES.

- **ENTRE EM CONTATO:**
- e-mail: ademir@divulgalivros.org

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU LIVRO CONOSCO





NOITE DE CACHORROMIEM

POR NEY ALENCAR

Noite de Cachorromem
“De todas as inúmeras vistas
e sons da natureza selvagem
da sua imensidão e mistério;
e dos silêncios que nascem
em suas profundezas quietas.”

— Theodore Roosevelt

1830. Michigan.

A ponta tripartida de um wigwam solitário se erguia em um pequeno platô da base da grande cordilheira, como um refúgio entre os troncos dos grandes pinheiros que faziam uma sombra escura sobre ele, ocultando-o de olhares curiosos.

Abukcheech parou na porta e olhou para fora com estranheza.

Havia algo diferente pelo ar, um cheiro almiscarado e fugidio que o lembrava da vez em que fora até uma cidade de homens pálidos para comprar sementes.

Um odor que lhe embrulhava o estômago e o fazia doente.

Olhou para o horizonte onde nuvens de tempestade se moviam silenciosas e mudavam de forma, de animais para coisas que ele não conseguia entender, e depois desciam como uma cortina embranquecida sobre as florestas de pinheiros do sopé da cordilheira.

Um trovão ribombou distante!

Então foi como se pudesse ouvir as nuvens de tempestade conversando entre si, em sussurros roucos que espocavam pelos ares, como se a própria terra resfolegasse, como se contassem mexericos sobre as coisas estranhas que andavam sorrateiras por entre as matas de pinheiros, coisas que não deveriam caminhar entre os homens.

Parou por um instante como se prestasse atenção em alguma coisa, como se pudesse ouvir um som rouco pelo ar de fim de tarde, quase como um grito de aviso.

Parecia um grito de pantera, não deu muita atenção!

Desceu pela estrada de terra que levava até um pasto comprido de capim alto onde um cavalo malhado pastava.

O cavalo ergueu a cabeça e bufou, quase como se o cumprimentasse e voltou a pastar.

Atravessou o pasto e seguiu adiante.

Vivia ali há muitas décadas e nunca sentira nada igual!

Parou em frente à grande muralha de troncos de pinheiros, agora tão sinistros, do outro lado do pequeno vale e olhou para dentro da mata.

As sombras estavam estranhas, pareciam se mover bem lá pelo fundo da mata, onde seus olhos velhos já não conseguiam enxergar direito.

Silhuetas pretas e compridas pareciam se mover pelos troncos dos pinheiros.

Também não deu muita atenção.

Por vezes as matas podiam ser enganosas, e as sombras ardilosas.

Abukcheech virou-se para o horizonte, sentindo o calor que arrefecia na face encarquilhada e vendo o dourado do sol poente deitando-se por entre as mãos crepusculares das velhas montanhas.

Sentiu o odor adocicado das agulhas de pinheiro de fim de outono e retornou devagar para casa.

A madrugada o acordou com um suspiro de medo!

Levantou-se e ouviu o silêncio repentino do céu e da mata ao seu redor, tudo estava parado do lado de fora, como se o próprio tempo cessasse seu movimento.

Lembrou-se do velho Matagi, o caçador, que sumira no verão passado quando atravessara as montanhas para ir caçar alces nas terras altas.

Gostava de conversar com ele nos fins de outono e na primavera.

Wawetseka, o xamã, lhe contara a história uma semana atrás, quando descera o rio até a aldeia, dissera-lhe que o velho caçador fora em busca de seu destino e o encontrara junto com alguma coisa estranha que habitava as terras desertas e selvagens e que aquilo o havia seguido de volta para os arredores da aldeia.

Abukcheech perguntou-lhe como sabia que aquilo viera na trilha do caçador e estava por ali.

As palavras do outro não possuíam um sentido correto!

Wawetseka lhe contara que quatro crianças pequenas e uma mulher já haviam desaparecido nas matas desde que Matagi não voltara.

Ora, pensou Abukcheech contando nuvens que passavam, poderia ser uma pantera talvez ou um urso fora de época, por vezes eles desciam das montanhas para perto das aldeias quando chegava o outono e os cervos e alces iam para o sul.

Mas Wawetseka balançara a cabeça, diante do olhar do outro e contara em sussurros com a voz tremendo que ele próprio fora até a mata numa noite sem lua e ouvira alguma coisa andando por lá, fazendo um barulho crepitante.

Era alguma coisa sinistra que se escondia pelas copas dos pinheiros e o observava!

Sentiu-se invadido por um medo como nunca sentira antes!

Quando já saía da mata o xamã olhara para trás e vira um par de olhos amarelos e brilhantes que o observavam de cima de um pinheiro bem alto, quase como se sorrissem.

A forma da criatura era grande, maior do que um urso negro ou mesmo uma pantera.

Abukcheech não levara as palavras do velho xamã em conta, pois sabia que coisas como aquela não existiam fora dos pesadelos.

E o xamã era muito conhecido por contar histórias de terror para assustar aqueles que caçavam nas matas à noite.

Naquela madrugada, porém, sozinho em seu wigwam, todas aquelas histórias lhe voltaram à mente e um arrepio esquisito percorreu sua espinha.

Súbito um barulho de galhos sendo movidos e passos crepitantes soaram ao redor do wigwam, como se algo se arrastasse pela escuridão.

Um odor nauseabundo de carne estragada e almíscar selvagem e pungente rolou pelo ar empestando tudo.

Sentiu a garganta apertada e o estômago pulando descontrolado.

O cavalo malhado relinchou alto e distante, em um tom de terror que nunca ouvira antes um cavalo fazer, nem ouviria depois.

Ouviu o barulho de algo pesado e grande correndo, afastando-se do wigwam.

Tentou mover-se, porém suas pernas estavam congeladas no chão, tal era o terror que o assolava, seu coração pulsava intensamente querendo sair pela boca enquanto ele escutava o cavalo relinchar e correr para longe e por fim soltar um grito hediondo que ele nunca esperara ouvir da boca de um cavalo.

Olhou pela abertura do wigwam, as cinzas da fogueira não iluminavam a noite, apenas a luz das estrelas descia fria sobre o terreiro à sua frente.

Devagar engatinhou para fora do wigwam, as mãos tremendo, sem conseguir manter-se em pé, seu corpo todo suando.

Ao longe ouviu um uivo longo e solitário que terminou em um rosnado profundo que reverberou pelo pequeno platô enchendo o ar de terror.

Agora acreditava nas palavras do velho xamã!

Mas agora talvez fosse tarde demais!

Seus olhos voltaram-se para a terra batida ao redor da fogueira e viu as marcas das patas daquilo que correrá, eram grandes marcas de patas parecidas com as de lobo, grandes como nunca havia visto antes, ainda assim não eram de lobo!

Conseguiu se levantar, as pernas tremendo incontrolavelmente.

Ouviu o barulho alto de galhos quebrando atrás de si e em um rompante de terror correu para dentro da mata.

Fosse o que fosse aquilo que o perseguia não parecia com pressa de pegá-lo.

Correu até o limite de suas forças, que já não eram muitas, estava bem perto dos limites da aldeia agora, mais um pouco e conseguiria escapar daquela coisa.

Porém descuidou-se e acabou tropeçando em uma raiz alta.

Caiu para a frente, entre dois troncos e ficou imóvel, o rosto de encontro à terra úmida e fria, um terror profundo o fazia tremer incontrolavelmente.

Aquele mesmo odor nauseabundo que sentira dentro do wigwam retornou, desta vez bem mais forte, à sua volta.

Quando levantou a cabeça seus olhos encontraram-se imediatamente com os daquela coisa, amarelos e grandes, selvagens, pareciam emitir um horror avassalador que o fizeram recuar de um pulo.

A cabeçorra cheia de pelos pretos era como a de um lobo gigante, o focinho comprido balançava no ar como se quisesse sentir seu cheiro, a bocarra aberta mostrava os dentes avermelhados do sangue do cavalo.

A coisa pulou sobre ele expulsando todo o ar de seus pulmões quando cobriu suas costas com o corpanzil fedorento.

Por um instante o horror de tudo aquilo penetrou a mente de Abukcheech de uma só vez, extirpando qualquer resto de sanidade que ainda existia dentro dele, e logo em seguida a escuridão conspurcou sua alma quando aquelas mandíbulas sedentas mergulharam na base de sua espinha!

Dentro de seu wigwam, na aldeia, o velho xamã Wawetseka ouviu o urro solitário e malevolente daquela criatura hedionda e soube que ela fizera outra vítima!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.



AS TRÊS MOÇAS

POR MÍ SANTIAGO

Referenciando o talentoso pintor nacional Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, que assina mundialmente por Di Cavalcanti (modernismo brasileiro, idealizador da Semana de Arte Moderna de 1922), foi visitando suas telas no Rio de Janeiro que me deparei com o quadro *Três Mulatas (Moças do Interior)*, 1922, e logo me veio à mente três amigas angolanas Lueji, Wesa e Luena.

Por uns minutos, as três, na época meninas, me trouxeram à tona momentos felizes ao lado delas, ao morar no saudoso bairro Jardim da Saúde, em São Paulo. Não que eu as tenha esquecido, nem perto disso, já que pessoas queridas nunca vão embora de nossos corações, mas fizeram parte de um passado que marcou uma época.

As irmãs vieram ainda bem pequenas de Angola nos áureos anos 70, fugindo a família do processo de independência das colônias portuguesas na África, marcando conflitos armados em Angola. Os pais das meninas — atualmente mulheres com suas vidas de forma brilhante —, naquela ocasião deixou-as sob custódia de uma tia que há anos residia no Brasil.

Na documentação em definitivo em nosso país trocaram por nomes brasileiros: Laura (Lueji), com 7 anos; Wanessa (Wesa), 5 anos; e Luana (Luena), 4 anos.

Também me lembro bem a dificuldade em entender o português carregado que falavam as garotas, cuja tia vivia “traduzindo” para que pudéssemos seguir com a amizade. Sem contar na riqueza, agora entendo, da tradução de uma cultura deixada por elas, as bonecas, interessante esclarecer, algumas são amuletos de fecundidade usadas por mulheres e jovens em busca da concretização da maternidade, e outras são brinquedos de menina. Ah, me lembro das cores e tecidos utilizados, e com o toque delicado das mãos da tia ao manusear e montar cada objeto, são memórias riquíssimas!!

Com o passar do tempo e da convivência, as angolanas foram amenizando o sotaque carregado e a fala cantada da língua portuguesa nativa - que cá entre nós, acho lindo por ser tão diferente de nosso jeito de falarmos —, e assim, nossas amizades cresceram por sermos vizinhas e também frequentarmos o mesmo colégio, perto de nossas casas.

Outro ponto apreciado daquele país é o folclore, que traduzido por elas, pela tia Ruanda, no cuidado de passar às gerações futuras as lendas, histórias e costumes de Angola: *Kianda*, Deusa das águas, tradicionalmente venerada por meio de oferendas.

As garotas falavam também do *Jacaré Bangão* que enfrentou o chefe da cidade de Caxito, um cobrador de impostos corrupto que aterrorizado com a vinda do Jacaré, abandonou os maus modos com que tratava a população.

E toda essa riqueza cultural só nos enriqueceu, digo no plural por conta de outras amigas também vizinhas que faziam parte da turma, realmente um passado glorioso.

Lembrando o que foi a convivência com tradições e histórias diversas de um país tão distante do nosso, das três irmãs, a Wanessa ou Wesa, foi a única que retornou à Angola, revolucionária de sangue, tentou, junto a um grupo militante, brigar para melhorar a situação do povo angolano, e pouco fiquei sabendo de sua trajetória.

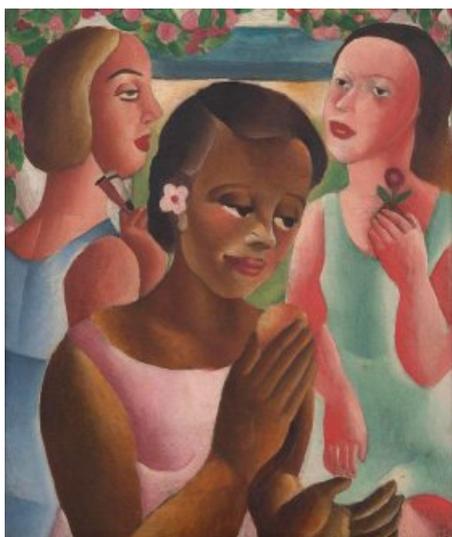
Já suas irmãs Laura (Lueji) casou-se com um comerciante nordestino que conhecera em trabalho no Brás, vivendo ao lado de um bem sucedido homem de

negócios. E a caçula, Luana (Luena), continuou em São Paulo juntamente com os pais e a tia.

Meus amigos fazem parte das estatísticas de refugiados brasileiros, que atualmente, segundo informações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) vivem no Brasil 1.700 angolanos de um total de quase 4 mil refugiados; vivendo 1.340 no Rio de Janeiro e 360 em São Paulo.

Conversando com a tia Ruanda, que explicou as razões por se submeterem a todo tipo de enfrentamento para deixar o país, atitude que se iniciou na época da escravidão e tráfico de escravos em 1531 — 1810; também pelo processo migratório das décadas de 1957 a 1970, por conta da independência das colônias portuguesas na África e conflito armado em Angola; e ainda em 1980, por conflitos armados em Angola.

Ah, e sobre as pinturas do Di Cavalcanti, destaco ainda, além das “Três Mulatas (Moças do interior)”, “Mulher”, “Samba”, “Cinco Moças de Guaratinguetá”, “Família na praia”, “Duas mulatas”, “Rio de Janeiro noturno” e “Mulatas e Pombas”, entre outras obras, sem dúvida foi um dia memorável, oh sim, inesquecível!



Di Cavalcanti

Três Mulatas (Moças do Interior), 1922

Um dos nomes mais expressivos do modernismo brasileiro juntamente com Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, no início do século XX. A ideia da realização da Semana de Arte Moderna de 1922 partiu do artista, para a qual ele desenvolveu o catálogo e o cartaz.

Em Paris, o carioca Di Cavalcanti (1897 – 1976) esteve em contato com Pablo Picasso, Fernand Léger e Henri Matisse. Seu estilo apresenta formas humanas em linhas econômicas e curvilíneas bem como o uso de cores quentes que destacam a sensualidade, em especial de

mulheres brasileiras, um dos seus temas mais recorrentes.

Sobre a autora:

Mí (Míriam) Santiago: jornalista e formada em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o start para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras.

Participante ativa da extinta Revista TerrorZine e atual contribuição na Revista Conexão Literatura.

Contato: miriansssantos@gmail.com

A FESTA DE SÃO JOÃO

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



Zulmira Correia Barbosa completara 78 anos no mês que passou. Foi um aniversário triste, solitário. Viúva, morava sozinha em um apartamento confortável de dois quartos, sala, cozinha e dependências em um prédio antigo, no bairro periférico da metrópole.

Trabalhou como secretária executiva em uma empresa nacional de médio porte. Em um tempo em que os bons funcionários eram tratados com respeito e não descartados, quando já não eram jovens, para escambo por peças reluzentes e menos dispendiosas, os tais recém-formados.

Seu marido, Antonio Carlos, teve uma oficina mecânica e trabalhou com afinco por toda a sua existência, desde menino ainda, quando auxiliava o pai entre o som de roncões de motor e graxa. Logo após aposentar-se, teve um infarto fulminante e os sonhos de viverem, de verdade, no período da aposentadoria, revelaram-se o que eram, miragens oscilantes e fluidas.

Não tiveram filhos. Sua irmã, Josefina Maria, estava com Alzheimer e fora internada numa casa de repouso pelos filhos, no interior do Estado.

Os pais, nem era preciso dizer, já tinham falecido há muitos anos. A mãe, em consequência de uma cirurgia para retirada de um rim. O pai, bem antes dela, de câncer no estômago.

Seu patrimônio era modesto. Viveram com conforto, sem dívidas nem grandes gastos. Viajavam nas férias dentro do país. Frequentavam um pequeno apartamento em Santos, deixado pelo sogro, o qual fora vendido para custear o tratamento de Antonio Carlos. Doente e aposentado, os recursos não eram suficientes frente aos custos dos medicamentos múltiplos, de laboratórios com nomes impronunciáveis.

Possuía seu apartamento, rendimentos módicos da aposentadoria e pouco dinheiro em banco. Não era o suficiente para que seus sobrinhos se deslocassem 300 km para vê-la ou indagar como se sentia.

Mas devia ser assim mesmo o rumo da existência. Sem filhos nem perspectivas de herança vultosa, o que ela teria para atrair companhias? Não era ingênua. Vivera tantos anos. Não tinha como ignorar que os mais pobres não eram disputados pelos filhos para que recebessem seus cuidados. Eram esquecidos, arquivados, terceirizados e esse último fator, com toques de maior excepcionalidade.

Fazia as próprias compras em um supermercado, situado na mesma rua em que residia. A cada quinze dias, pagava uma diarista para limpeza pesada de sua casa. O único luxo que se permitia, por assim dizer, era o de semanalmente ir ao salão de beleza na rua paralela ao seu edifício para fazer unhas e cuidar, de modo alternado, dos cabelos. Em um sábado, fazia hidratação, escova e as unhas. No outro, apenas as últimas.

Era o prazer que se franqueava para se sentir arrumada. Como se fosse a um evento e sua vida estivesse repleta de compromissos empolgantes. A cabeleireira, que era dona do estabelecimento, se chamava Mirtes. Era uma mulher grande, de cerca de 1,75 cm de altura, morena, cabelos longos encaracolados, negros. Falante, sempre bem-

humorada, mantinha as unhas bem aparadas e pintadas e se vestia com roupas coloridas. Era alguém vibrante. Essa era a palavra que lhe vinha à mente quando pensava em Mirtes.

E não soube explicar para si mesma se, por pena ou simpatia, Mirtes a convidou para passar a festa de São João com seus familiares, em cidade próxima a São Paulo. O acesso não era complexo, a partir de estação com múltiplas linhas, incluindo acesso a trem.

Zulmira, que não era convidada nem lembrada por quase ninguém, pensou em recusar de chofre o convite inusitado. Ela nem gostava de música caipira, nem quando mocinha ostentou interesse. Que dirá música de quadrilha. Aquilo era para crianças, jovens. Enfim.

Mas quando foi balbuciar a negativa, olhando-se acidentalmente no espelho do salão, bem iluminado com lâmpadas fluorescentes em sua parte superior, a imagem impactou-a. Olhou nos olhos daquela senhora de rosto perdido, com linhas de expressão, ar sério, cansado. Sentia-se vazia como aquela imagem sólida. Ela não podia rejeitar o convite. Era uma experiência e Zulmira intuía que seria um erro negar: ela ainda respirava. Precisava se permitir aquilo. A experiência. A festa, pessoas, sons, cheiros, sabores. Talvez algo interessante ocorresse. Quem sabe, iria achar engraçado? Pessoas fantasiadas, caricaturas ambulantes. Se lhe arrancasse um único sorriso, já teria valido a pena!

Aceitou, pois, o convite. Recebidas as coordenadas, no dia do evento foi a estação de trem de Uber. Iria pernoitar na casa dos pais de Mirtes, que residiam na mesma quadra do local da festa de São João. Mais familiar e conservador impossível, não precisava ficar constrangida.

Trajou-se com um vestido florido, mas discreto. Meias cor da pele, sapatilhas pretas. Um casaquinho da mesma cor. Brincos de pérolas, pequenos, daquelas cultivadas, sem muito valor econômico. Cabelos curtos bem escovados, com um pouco de spray fixador. Batom vinho, da mesma cor do esmalte das unhas. Bolsa de porte médio, de couro, preta. Uma pequena sacola com chinelos, necessaire e mudas de roupa para troca. Camisola. Remédios na bolsa. E mais nada, totalmente preparada para a aventura.

Chegou com muita facilidade na casa de Mirtes, pegando um táxi na estação destinatária. Eram 18:00 horas. Foi recebida com um largo sorriso da companheira de encontro semanal. Reluzente, cheia de brilhos, purpurina no rosto. Um vestido caipira amarelo e verde. Zulmira não conseguiu ficar com os olhos um pouco incomodados com tantas cores.

Pensava ela que a festa seria num salão paroquial, na rua pública ou qualquer outro lugar onde coubessem barraquinhas. Era assim que se lembrava das festas juninas de sua juventude. Mas não. A festa era ali mesmo, na casa de Mirtes, a qual fora construída em um terreno com bastante profundidade. Quem olhasse de frente para a residência, de costas para a rua, talvez achasse que se tratava de uma moradia pequena. Mas não, era bastante comprida a construção e os cômodos se sucediam um após o outro, com um terreno similar ao lado como quintal, todo murado e fechado por um portão de chapa fina de metal, pintado de branco.

Ficou bastante surpresa ao ver a decoração, com tecidos de chita coloridos pendurados no muro, na parte interna do quintal e nas paredes externas da casa. Muitas flores de papel crepom, bandeirinhas coloridas ziguezagueando entre casa e muro, tremulando com o vento não excessivo. Ao fundo, o terreno se expandia na lateral e ali mesmo no chão de cimento do quintal, viu uma churrasqueira improvisada montada sobre tijolos de barro e grelhas grandes, dispostas de modo intercalado entre os tijolos e pedaços de madeira. Sobre a grelha maior e superior, havia costelas de boi de tamanho considerável, além de costelas de porco, assando sobre o fogo crepitante.

Mais a frente e longe da fumaça, uma mesa bastante grande, coberta por uma toalha de plástico com flores vermelhas e roxas, estava coberta de comidas típicas, salgadas e doces. Tortas, espigas de milho cozidas, cuias contendo pipocas salgadas e doces, tigelas com torresmos, pratos com carne-louca, arroz, verduras, doces juninos como paçocas, doces de leite, bolos de milho e fubá, enfim, era uma profusão de guloseimas que não dispensavam arroz-doce, canjica, bebidas tradicionais quentes, cachaças saborizadas e alimentos que não pode identificar, por não os conhecer.

A música de quadrilha já estava tocando em alto volume. E cerca de sessenta pessoas, trajadas com muito capricho para a ocasião, faziam círculos para dançar e acompanhar o cantor, que orientava as ações (olhar, tomar cuidado com a chuva, etc), círculos que se desfaziam em filas indianas, tubos de braços estendidos para o alto que desapareciam com os integrantes das filas entrando sob os tais arcos, numa sequência espetacular de um show não ensaiado. Mas ainda assim, um show.

Alguns homens conversavam, mulheres mexiam nos quitutes, arrumando-os. O diálogo era difícil em virtude do barulho, mas ninguém realmente se importava em ser ouvido. Queriam era falar e extravasar.

Observou, sentada próximo à mesa principal, que os homens estavam invariavelmente de chapéus, camisas com estampas xadrez, coloridas e botinas. As mulheres muito enfeitadas, reais arco-íris com tranças, rabos-de-cavalo, chapéus e aventais. E muitos paravam próximo a uma moldura vazada, sem qualquer quadro ou conteúdo, a qual havia sido decorada com tecidos florais, para que, dentro delas, tirassem fotografias. Riu só de ver as feições sorridentes com suas produções estilizadas de uma moda atemporal.

Estava absorta nessas percepções, quando Mirtes se aproximou e puxou-a pela mão para integrar a quadrilha.

— Não, Mirtes! Tenho vergonha e já idade, não fica bem!

A outra sorriu. E sem largar a mão de Zulmira, disse:

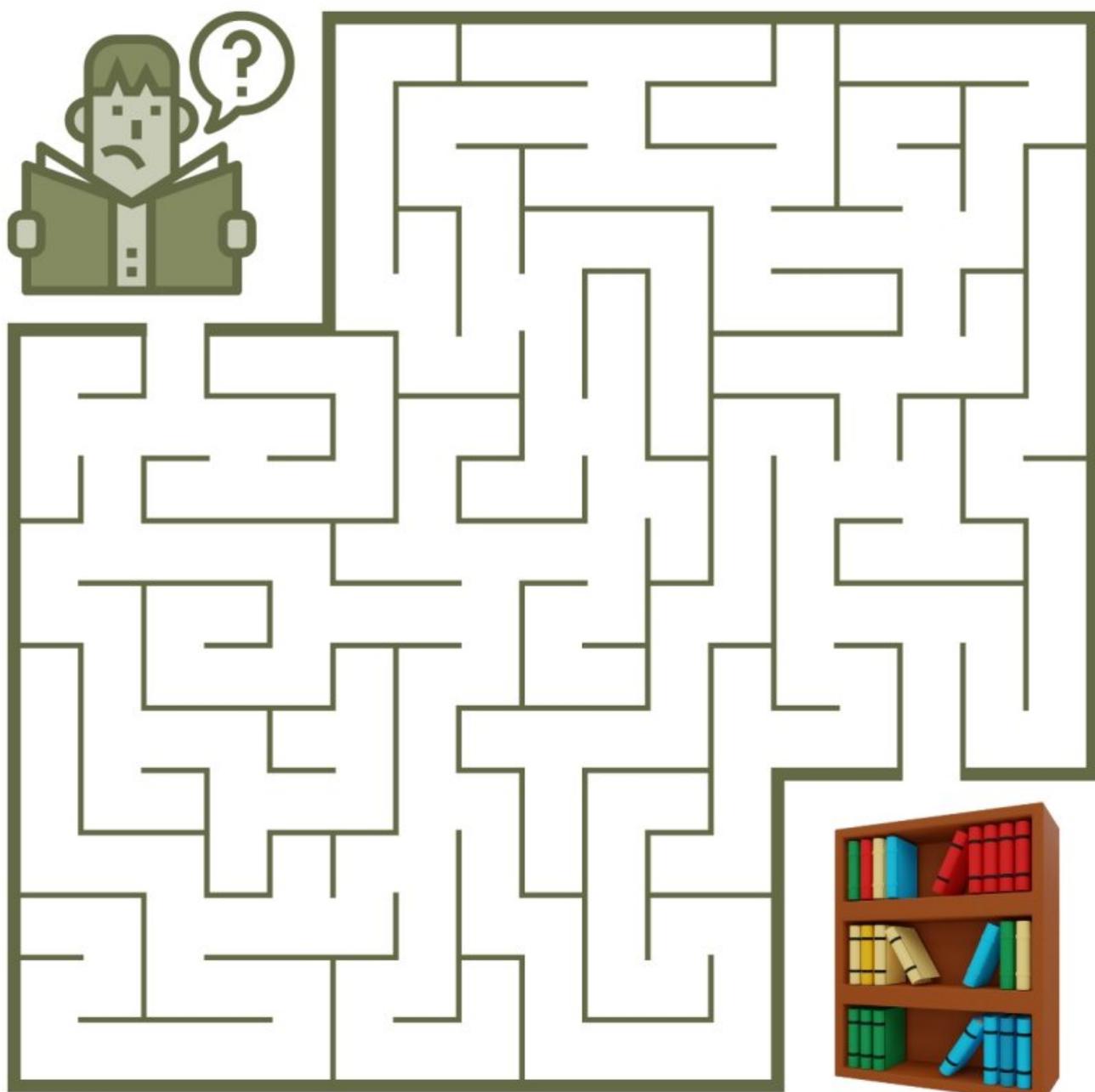
— O que não fica bem é a senhora não viver, não se divertir. Vamos dançar! Dito isso, Zulmira, respeitando seus limites, passou a integrar a quadrilha.

Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

AJUDE HEITOR, O LEITOR, A CHEGAR ATÉ A BIBLIOTECA



Para imprimir





**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+780 MIL +155 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.09.2024



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: [clique aqui](#)

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 [@conexaoliteratura](#) // Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)

Fanpage 2 [@conexaogramatica](#) // Youtube: [@conexaonerd](#)